

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM PSICOLOGIA**

GISELE MARIA DA SILVA

**ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO:
ESTUDOS PSICOMÉTRICOS**

**CAMPINAS
2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM PSICOLOGIA**

GISELE MARIA DA SILVA

**ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO:
ESTUDOS PSICOMÉTRICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana de Cássia Nakano Primi.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizzioli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

796.01
S586e

Silva, Gisele Maria

Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação: estudos psicométricos / Gisele Maria Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2021.

249 f.: il.

Orientador: Tatiana Nakano Primi.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

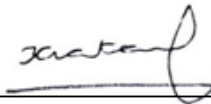
Inclui bibliografia.

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Aptidão física do atleta. 3. Atletas - Desenvolvimento - Avaliação. I. Primi, Tatiana Nakano. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 796.01

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
GISELE MARIA DA SILVA
ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO:
ESTUDOS PSICOMÉTRICOS

Tese defendida e aprovada em 26 de fevereiro de 2021 pela
Comissão Examinadora



Profa. Dra. Tatiana de Cássia Nakano Primi
Orientadora da Tese e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. João Carlos Caselli Messias
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Profa. Dra. Solange Muglia Wechsler
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
Universidade São Francisco (USF)



Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
Universidade São Francisco (USF)

DEDICATÓRIA

*Aos meus maiores amores, meus pais Maria Rita e Manoel,
meus irmãos Gilson e Thais Maria e meu amado Carlos Antonio Carlos da
Silva. A vocês que sempre me encheram de alegria e amor,
obrigada por tanta parceria.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer: mostrar ou manifestar gratidão, render graças, e reconhecer. Todos esses significados refletem o meu profundo sentimento com as pessoas que me acompanharam ao longo dessa jornada.

Sempre tive o desejo de construir uma carreira acadêmica. Esse sonho nunca saiu do meu radar. Depois do mestrado, fazer o doutorado ficava cada vez mais difícil, especialmente pela disposição financeira que eu deveria ter. É aí que começa minha história nessa maravilhosa viagem realizada nos últimos quatro anos. Em virtude dessas questões, passei a orar para Deus pedindo que Ele pudesse colocar alguém no meu caminho que me orientasse sobre como buscar uma universidade que aceitasse minhas ideias de construir uma escala para avaliar aspectos específicos de atletas em formação.

Ouvindo meus pedidos, meu querido e amado Pai Celestial me presenteou com o primeiro anjo: Dr. *Evandro Morais Peixoto*, que mesmo sem me conhecer, ouviu a ideia que eu tinha de projeto, acolheu meus anseios e me apresentou à minha futura Orientadora, Profa. *Dra. Tatiana de Cássia Nakano*. A forma como vocês me acolheram foi uma resposta às minhas orações. Sempre que eu tenho oportunidade, agradeço. Vocês acederam a luz no fim do túnel e me ensinaram a importância de ouvir, acolher e ajudar pessoas que também possam ver em mim a possibilidade de contribuir no trajeto dos seus sonhos.

Tati Nakano, obrigada por sua simplicidade, pelo incentivo à autonomia, pela confiança, pela oportunidade que me deu para construir algo que sempre acreditei que faria diferença para a área que dedico grande parte da minha vida

– Psicologia do Esporte. Você é um exemplo de orientadora. Ensinou-me que orientar vai além dos ensinamentos... é uma parceria! Estar ao seu lado nesses quatro anos foi valioso para mim. Obrigada por tanto!

Aos professores que estiveram à frente desse projeto ajudando a construir os estudos realizados: Prof. Dr. Evandro Peixoto, Prof. Dr. João Carlos Messias, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho e Profa. Dra. Solange Muglia Wechsler, meus sinceros agradecimentos pelo apoio, incentivo e orientações.

Meus pais, Maria Rita e Manoel Rufino, minha amada irmã, Thaís Maria e meu incrível esposo, Carlos Antonio Carlos da Silva, e o filho mais lindo que eu poderia ter: Moby, foram as principais fontes de energia que me supriram nessa caminhada. *Meu marido maravilhoso, você me ajudou a transformar tudo isso em realidade. Que bom ter você ao meu lado!!!* ... Família, tenham certeza de que a compreensão com a minha ausência, com os momentos de cansaço e estresse, foi importante para que eu pudesse me dedicar nos desafios da tese. Não foi fácil, mas com vocês, tudo parecia caminhar bem. Obrigada por tanto amor e pelas palavras de apoio que estiveram presentes todos os dias desse percurso.

Como diz meu esposo: ...”*se reunirmos todos os seus amigos, não caberiam numa reunião online*”, e isso é verdade! 😊, mas obviamente alguns foram essenciais nessa caminhada.

Meus amigos do laboratório (Gabriela Spadari, Allan Oliveira, Cleber Sena, Karina Oliveira, Priscila Zaia, Talita Silva, Luisa Gomes, Cristina Massens, Carolina Campos, Janaina Chnaider, Lais Santos, Isabel Abreu e Mariane Gama), meus mais sinceros agradecimentos. Terça era meu dia preferido da semana. Encontrar vocês era uma alegria para mim. E claro, não

poderia deixar de agradecer especialmente à Gabi e Allan, vocês se tornaram meus irmãos. Ajudaram-me na adaptação de uma forma tão cuidadosa. Vocês são incríveis!!! À Karina, que com tanta paciência, me ajudou nos momentos mais difíceis das análises, obrigada minha amiga! Carol, minha parceira de trabalho e vida, que sempre se disponibilizou para me ajudar nos momentos mais difíceis e Mari, que esteve comigo nesses últimos cinco anos e se tornou uma verdadeira parceira nessa trajetória. Obrigada pelas palavras de apoio e acolhimento de quase todos os dias.

Ao meu grupo de oração, minhas melhores amigas, minhas irmãs: Flávia Fonseca, Elaine Cristina, Keila Andrade, Kátia Fukuda, Simone Faria e Marta Ribeiro, vocês representam a força da verdadeira amizade. Sou grata pela vida de cada uma. Que bom tê-las ao meu lado em todos os momentos da minha vida. *Flavinha*, minha melhor amiga desde os sete anos de idade, amo você e sabe que essa vitória também é sua <3.

Nada distantes do quesito melhores amigas: Thais Toledo, Magda Andrade e Bárbara Parra, minhas assistentes sociais do esporte preferidas! Que benção ter vocês comigo. Vocês são leves, visionárias, mulheres guerreiras e que me ensinam muito! Como melhorei profissionalmente ao lado de vocês. Todo meu carinho e gratidão pelo amor e parceria de sempre.

Meus casais preferidos: Valéria Xavier e Jair de Sousa; Fátima Novais e Luiz Antônio e; Rose e Ari, obrigada por me receberem na casa de vocês e compreenderem minha necessidade de ligar o computador e focar na pesquisa, enquanto vocês recebiam nossa família com tanto carinho.

Ao grupo VIP mais lindo que eu poderia participar: Cláudia Carnevalle, Mariana Assed, Maria Rita Gáscon e Valéria Linard. Amadas, vocês me supriram com a força da experiência.

Aos meus amigos que o esporte me concedeu... Artur Itiro, Muriel Fernandes (treinadores), Pedro Evandro Francke (preparador físico), Alessandra Barelli, Marta Monteiro (Pedagogas), Fernando Fernandes, Gabriela Maia, Patrícia Massafra (assistente social), Anna Panfili, Annie Kopanakis, Alessandra Monteiro, Danielle Coelho, Emily Gonçalves, Isabela Constantino, Marisa Santiago, Murilo Hey, Natali Anselmo, Rafaela Bertoldi e Simone Luz, (psicólogos), vocês regaram os meus dias com palavras de apoio e esperança e me fortaleceram nos momentos mais complexos da coleta.

Aos meus amados amigos-psicólogos, parceiros de vida, a quem sou grata por tê-los comigo tão pertinho do meu coração. Que bom que o futebol proporcionou nosso encontro durante esses 15 anos de atuação: Fernanda Faggiani, Lais Yuri, Augusto Carvalho, Thiago Bettega, Fernanda Bolzan, Camila Valicente, Silvia Rizzon, Michelle Melhem e Marta Magalhães. Obrigada por me acolherem, ouvirem meus podcasts (áudios), trocas de experiências e incentivo. Vocês são muito especiais na minha vida.

O esporte me concedeu o prazer de formar vínculos com pessoas que jamais pensaria encontrar. Meus chefes, João Paulo Sampaio e Cícero Souza, são meus exemplos de profissionalismo e responsabilidade. Vocês me inspiram a pensar a frente e construir pontes para o sucesso (não só meu, mas da instituição). Cresço ao lado de vocês e, por isso, considero que parte da minha qualificação profissional têm muito da marca que imprimiram em mim nos últimos cinco anos.

Meu muito obrigado às instituições e atletas que aceitaram participar da pesquisa. Vocês ajudaram a realizar um sonho, sonho de construir uma escala precursora da saúde mental no esporte. Sem a participação de vocês, nada poderia ter sido feito.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

A todos, meu muito obrigada. Afetuosamente.

*“Destino não é exterior a nós; somos nós
que criamos nosso próprio destino dia após dia”.*

(Henry Miller)

RESUMO

Silva, Gisele Maria. *Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação: Estudos Psicométricos*. 2021. 249f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

A forma como o atleta se relaciona com outras pessoas do seu convívio e como essa relação influencia o desempenho esportivo e a motivação constitui o nível psicossocial, aspecto de extrema relevância na trajetória esportiva de atletas de alto rendimento. Apesar dessa constatação, ainda não há, no Brasil, nenhum instrumento disponível para avaliar aspectos psicossociais gerais relacionados à rotina de atletas em formação. Diante desse cenário, a presente tese teve como objetivo desenvolver a Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação e investigar suas qualidades psicométricas. Para tanto, foram propostos cinco estudos: o primeiro refere-se à construção da escala, que embasado na literatura, apresentou, em sua versão inicial, 158 itens. O segundo estudo envolveu a busca de evidências de validade baseadas no conteúdo, contando com a participação de cinco juízes e cujo resultado indicou a adequação de 136 itens. O terceiro estudo visou verificar a adequação do instrumento junto a população alvo, através de estudo piloto conduzido junto a 12 atletas. Ajustes indicados pelos participantes foram realizados no instrumental. O quarto estudo buscou evidências de validade baseadas na estrutura interna e precisão do instrumento, contando com a participação de 518 atletas, sendo 440 do sexo masculino, todos federados por clubes de alto rendimento. Os resultados indicaram uma estrutura composta por 11 fatores intitulados suporte familiar adequado (F1), adaptação ao clube esportivo (F2), bem-estar e influência do treinador (F3), dificuldades de adaptação ao clube (F4), suporte social positivo (F5), estratégias de enfrentamento e resiliência (F6), engajamento acadêmico (F7), bem-estar emocional (F8), bem-estar e recuperação física (F9), ausência de suporte familiar (F10) e feedback sobre desempenho (F11). A versão final da escala passou a registrar um total de 108 itens. Quanto a precisão, os coeficientes de alfa de Cronbach apontaram adequação para todos os fatores da escala, variando entre $\alpha=0,733$ e $\alpha=0,899$. No quinto e último estudo, cujos resultados foram baseados na mesma amostra do Estudo 4, buscou-se evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas. As seguintes variáveis se mostraram significativas: idade (F1, F2, F7 e F8), sexo (F1, F3, F6, F7 e F8), escolaridade (F5, F7 e F8), tipo de vínculo (F2 e F7), tempo de estadia na organização esportiva (F2, F5 e F11) e período de ingresso no clube esportivo (F4 e F8). Ao final dessas investigações, pode-se concluir que foram identificadas evidências iniciais de validade e precisão para a Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação, cabendo a condução de novos estudos a fim de que, futuramente, a escala possa ser disponibilizada para uso profissional.

Palavras-chave: atletas em formação, aspectos psicossociais no esporte, avaliação psicológica, psicologia do esporte.

ABSTRACT

Silva, Gisele Maria. Psychosocial Assessment Scale of Athletes in Training: Psychometric Studies. 2021. 249p. Thesis (Doctorate in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

The way in which the athlete relates to other people in his or her life and how this relationship influences sports performance and motivation, constitutes the psychosocial level, an extremely relevant aspect in the sports trajectory of high-performance athletes. Despite this finding, there is still no instrument available in Brazil to assess the general psychosocial aspects related to the routine of athletes in training. Given this scenario, the present thesis aimed to develop the Psychosocial Assessment Scale of Athletes in Training and investigate their psychometric qualities. For this purpose, five studies were proposed: the first refers to the construction of the scale, which based on the literature, presented, in its initial version, 158 items. The second study involved the search for evidence of validity based on content, with the participation of five judges and whose result indicated the adequacy of 136 items. The third study aimed to verify the suitability of the instrument with the target population, through a pilot study conducted with 12 athletes. Adjustments indicated by the participants were made in the instrument. The fourth study sought evidence of validity based on the internal structure and accuracy of the instrument, with the participation of 518 athletes, 440 of whom were male, all federated by high-performance clubs. The results indicated a structure composed of 11 factors, entitled adequate family support (F1), adaptation to the sports club (F2), well-being and influence of the coach (F3), difficulties in adapting to the club (F4), positive social support (F5), coping and resilience strategies (F6), academic engagement (F7), emotional well-being (F8), well-being and physical recovery (F9), absence of family support (F10) and feedback on performance (F11). The final version of the scale now registers a total of 108 items. As for accuracy, Cronbach's alpha coefficients indicated adequacy for all factors on the scale, ranging from $\alpha=0.733$ to $\alpha=0.899$. In the fifth and final study, whose results were based on the same sample as in Study 4, we sought evidence of validity based on the relationship with external variables. The following variables were significant: age (F1, F2, F7 and F8), sex (F1, F3, F6, F7 and F8), education (F5, F7 and F8), type of relationship (F2 and F7), amount of time in the sports organization (F2, F5 and F11) and time of entry in the sports club (F4 and F8). At the end of these investigations, it was possible to conclude that the initial evidence of validity and precision for the Psychosocial Assessment Scale of Athletes in Training had been identified, with further studies being necessary, so that, in the future, this scale may be made available for professional use.

Keywords: athletes in training, psychosocial aspects in sport, psychological assessment, sport psychology.

RESUMEN

Silva, Gisele Maria. *Escala de evaluación psicosocial de deportistas en entrenamiento: estudios psicométricos*. 2021. 249f. Tesis (Doctorado en Psicología) - Pontificia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

La forma en que el deportista se relaciona con otras personas de su vida y cómo esta relación influye en el rendimiento y la motivación deportiva, constituye el nivel psicosocial, un aspecto de suma relevancia en la trayectoria deportiva de los deportistas de alto rendimiento. A pesar de este hallazgo, todavía no existe un instrumento disponible en Brasil para evaluar aspectos psicosociales generales relacionados con la rutina de los deportistas en el entrenamiento. Ante este escenario, la presente tesis tuvo como objetivo desarrollar la Escala de Evaluación Psicosocial del Deportista en Entrenamiento e investigar sus cualidades psicométricas. Para ello, se propusieron cinco estudios: el primero se refiere a la construcción de la escala, que con base en la literatura, presentó, en su versión inicial, 158 ítems. El segundo estudio implicó la búsqueda de evidencias de validez con base en el contenido, con la participación de cinco jueces y cuyo resultado indicó la adecuación de 136 ítems. El tercer estudio tuvo como objetivo verificar la idoneidad del instrumento con la población objetivo, a través de un estudio piloto realizado con 12 deportistas. Los ajustes indicados por los participantes se realizaron en el instrumental. El cuarto estudio buscó evidencias de validez en base a la estructura interna y precisión del instrumento, con la participación de 518 deportistas, de los cuales 440 eran hombres, todos federados por clubes de alto rendimiento. Los resultados indicaron una estructura compuesta por 11 factores denominados apoyo familiar adecuado (F1), adaptación al club deportivo (F2), bienestar e influencia del entrenador (F3), dificultades para adaptarse al club (F4), apoyo social positivo (F5), estrategias de afrontamiento y resiliencia (F6), compromiso académico (F7), bienestar emocional (F8), bienestar y recuperación física (F9), ausencia de apoyo familiar (F10) y retroalimentación sobre el desempeño (F11). La versión final de la escala registró un total de 108 ítems. En cuanto a la precisión, los coeficientes alfa de Cronbach indicaron adecuación para todos los factores de la escala, que van desde $\alpha = 0,733$ a $\alpha = 0,899$. En el quinto y último estudio, cuyos resultados se basaron en la misma muestra que en el Estudio 4, se buscó evidencia de validez a partir de la relación con variables externas. Se encontraron significativas las siguientes variables: edad (F1, F2, F7 y F8), sexo (F1, F3, F6, F7 y F8), educación (F5, F7 y F8), tipo de vínculo (F2 y F7), tiempo estancia en la organización deportiva (F2, F5 y F11) y período de ingreso al club deportivo (F4 y F8). Al final de estas investigaciones, se puede concluir que se identificó evidencia inicial de validez y precisión para la Escala de Evaluación Psicosocial de Atletas en Entrenamiento, realizándose más estudios para que, en el futuro, la escala pueda estar disponible para uso profesional.

Palabras clave: deportistas en entrenamiento, aspectos psicosociales en el deporte, evaluación psicológica, psicología del deporte.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	v
AGRADECIMENTOS	vi
EPÍGRAFE	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
RESUMEN	xiv
ÍNDICE DE TABELAS, FIGURAS E QUADROS	xvii
JUSTIFICATIVA	20
INTRODUÇÃO	23
Processo de formação de atletas de alto rendimento.....	23
Considerações sobre a carreira no esporte: fases e transições.....	26
Fatores que influenciam a Carreira Esportiva.....	30
Revisão de Instrumentos em Psicologia do Esporte.....	42
Em Síntese.....	50
OBJETIVOS	54
Objetivo Geral.....	54
Objetivos Específicos.....	54
MÉTODO	55
Estudo 1. Desenvolvimento do Instrumento: Embasamento Teórico	56
Formato do Instrumento.....	57
Estudo 2. Evidências de Validade de Conteúdo	62
Objetivos.....	63
Hipoteses.....	63
Etapas.....	63
Avaliação dos Especialistas	64
Participantes.....	64
Instrumento.....	65
Procedimentos.....	66
Etapa 1: Concordância entre juízes: Rodada 1.....	68
Análise dos dados	68

1ª rodada: análise de juízes.....	69
2ª rodada: análise de juízes	70
Coeficiente Kappa.....	75
Procedimentos.....	76
Resultados.....	77
Discussão.....	78
Estudo 3. Piloto.....	83
Objetivos.....	83
Hipotese.....	84
Etapas do Estudo Piloto.....	84
Etapa 1.....	84
Participantes.....	84
Instrumento.....	85
Procedimento.....	85
Resultados.....	87
Etapa 2.....	92
Participantes.....	92
Instrumento.....	92
Procedimentos.....	92
Resultados.....	93
Discussão.....	94
Estudo 4. Evidência de Validade baseadas na Estrutura Interna e na	
Precisão por meio da Consistência Interna.....	98
Hipótese.....	99
Participantes.....	99
Instrumento.....	104
Procedimentos.....	105
Análise de Dados.....	107
Resultados.....	108
Discussão.....	115
Considerações Finais.....	129

Estudo 5. Evidência de Validade com base na relação com variáveis externas – validade discriminante.....	132
Objetivo.....	132
Hipótese.....	132
Participantes.....	133
Instrumento.....	133
Procedimentos.....	133
Análise de Dados.....	133
Resultados.....	134
Discussão.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
REFERÊNCIAS.....	184
ANEXOS.....	216
Anexo 1. Elementos Fundamentais e itens avaliados pelo instrumento.....	217
Anexo 2. Formulário – Juízes (Estudo 2).....	226
Anexo 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para juízes (Estudo 2).....	229
Anexo 4. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis (Estudo 3).....	231
Anexo 5. Termo de Consentimento de Assentimento para atletas menores de 18 anos (Estudo: 3).....	233
Anexo 6. Termo de Consentimento Livre Esclarecido para maiores de 18 anos (Estudo 3)	235
Anexo 7. Carta de Autorização da Instituição.....	237
Anexo 8. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis (Estudos 4 e 5).....	240
Anexo 9. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para menores de 18 anos (Estudos 4 e 5).....	242
Anexo 10. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de 18 anos (Estudos 4 e 5).....	244
Anexo 13. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética.....	246

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Detalhamento dos resultados dos juízes.....	77
Tabela 2. Participantes da Etapa 1 do Estudo Piloto.....	85
Tabela 3. Perfil Sociodemográficos dos participantes.....	100
Tabela 4. Participantes por Estado de Origem.....	101
Tabela 5. Origens dos clubes participantes da pesquisa.....	102
Tabela 6. Participantes por modalidades.....	103
Tabela 7. Descrição dos Fatores, alfa de Cronbach e Ômega McDonald.....	109
Tabela 8. Alfa de Cronbach e Ômega McDonald por fator.....	114
Tabela 9. Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Idade.....	135
Tabela 10. Diferenças Significativas no Teste <i>Post Hoc</i> de <i>Tukey</i> para a variável idade.....	137
Tabela 11. Estatística Descritiva, Análise de Variância e tamanho de efeito por fator e sexo.....	137
Tabela 12. Estatística Descritiva, Análise de Variância e tamanho de efeito por fator e grau de escolaridade.....	138
Tabela 13. Estatística Descritiva, Análise de Variância e tamanho de efeito por fator e tipo de vínculo na instituição.....	141
Tabela 14. Estatística Descritiva, Análise de Variância e tamanho de efeito por fator e residência no clube esportivo.....	142
Tabela 15. Estatística Descritiva, Análise de Variância e tamanho de efeito por fator e período de ingresso no clube esportivo.....	143
Tabela 16. Estatística Descritiva, Análise de Variância e tamanho de efeito por fator e modalidade esportiva.....	145

ÍNDICE DE FÍGURAS

Figura 1. <i>Scree Plot</i>	108
--	------------

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Instrumentos validados para o contexto esportivo entre os	
--	--

anos de 2005 e 2020.....	43
Quadro 2. Dimensões avaliadas na Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação.....	57
Quadro 3. Resultados da primeira rodada de avaliação dos juízes.....	69
Quadro 4. Resultados da segunda rodada de avaliação dos juízes.....	71
Quadro 5. Síntese de análise de concordância de juízes por dimensão.....	73
Quadro 6. Exemplos de alterações semânticas das áreas de investigação e conteúdo dos itens - Etapa 1.....	90
Quadro 7. Dimensões avaliadas na Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em formação.....	130

JUSTIFICATIVA

O esporte vem tomando proporções cada vez maiores na atualidade sendo que, nessa direção, a psicologia do esporte passa por um crescimento em seus aspectos e modelos teóricos, pesquisas e interesses na área (Peixoto & Nakano, 2014) conduzidas por profissionais de diferentes campos do conhecimento e áreas de atuação, dado seu potencial enquanto elemento promotor da saúde física, mental, social e afetiva.

Se, inicialmente a psicologia do esporte surgiu a partir da demanda do esporte de alto rendimento, atualmente o trabalho na área envolve o atendimento à demanda da população que pratica diferentes modalidades, em situações competitivas ou não (Angelo & Rubio, 2007; Weinberg & Gould, 2017). Independente do contexto, o psicólogo do esporte atua em diferentes etapas do desenvolvimento humano, da infância à velhice, situação que exige uma adaptação do profissional, principalmente porque os níveis de exigência são diferentes em cada uma dessas etapas e modalidade (Bartholomeu, Montiel, & Machado, 2017).

O presente trabalho focou na população adolescente em processo de “formação”, de uma prática “especializada”, por ocasião do ingresso à categoria de base de equipes esportivas de alto rendimento. Nessa fase, é comum que os atletas, provenientes de diferentes locais do Brasil, sejam selecionados por grandes clubes, para participarem dos programas de formação. Por esse motivo, acabam, muitas vezes, sendo abrigados em alojamentos da própria

instituição esportiva, afastando-se da família, amigos, convívio social, rotina escolar, dentre outras tantas modificações que essa situação pode provocar.

Tais situações, nomeadas como aspectos psicossociais, são indicadas como fundamentais no processo de performance esportiva, isso porque, o bem-estar psicológico dos atletas de alto rendimento se divide entre as vivências relacionadas à prática esportiva e as vivências que ocorrem no entorno desse contexto (Andrew, Potgieter, Johan, Grobbelaar, & Heinrich, 2007; Johnson, 2011; Smith & Smoll, 1996).

Considerando que não há, na literatura nacional, um instrumento que seja capaz de reunir os fatores psicossociais que compõem a rotina de atletas em formação, a proposta de um novo instrumento adquire valor, especialmente se considerarmos que a maior parte dos protocolos de avaliação utilizados na atuação profissional vem sendo questionada na literatura científica nacional. A escassez de instrumento específico para esse público, a utilização de instrumentos internacionais somente adaptados e, portanto, inadequados dada a ausência de evidências de validade para a população brasileira, a ausência de estudos e normas específicas para atletas de alto rendimento, são apontados como aspectos que podem comprometer as interpretações realizadas e, conseqüentemente, as intervenções elaboradas pelo psicólogo do esporte no seu ambiente de atuação. Essa situação, reforça a importância do desenvolvimento e adaptação de instrumentos específicos de avaliação psicológica no esporte, tal como a proposta aqui apresentada. É importante ressaltar ainda que o formato informatizado da escala favorece sua aplicação

em um contexto tão dinâmico quanto o esporte, sendo este um dos seus diferenciais.

Espera-se que, o instrumento aqui proposto, após seus estudos voltados à investigação de suas qualidades psicométricas, possa ser utilizado no sentido de beneficiar atletas, que terão um diagnóstico mais preciso e adequado aos treinadores e comissão técnica, que poderão elaborar planos de intervenção preventivos e mais eficazes, dada a maior precisão dos resultados que serão obtidos, bem como aos profissionais que atuam na área da psicologia do esporte, visto que poderão contar com uma ferramenta desenvolvida especificamente para uso nessa população.

INTRODUÇÃO

Formação de atletas de alto rendimento

Carreira, em seu sentido mais amplo, pode ser compreendida por sequências de cargos ocupados ao longo da vida profissional, bem como por diferentes trabalhos exercidos. Desta forma, é possível dizer que a carreira é o resultado do trabalho desenvolvido, a formação de/em uma profissão e desejos pessoais, somados às experiências passadas e influências atuais (Arthur, Hall, & Lawrence, 1989). No caso da carreira esportiva, observa-se que esta não apresenta características embasadas em modelos clássicos das profissões. Primeiramente pelas discussões que se têm até os dias atuais acerca da legitimidade do esporte como profissão, e segundo, porque, mesmo dentro dos esportes de alto rendimento, há especificidades críticas das fases da carreira esportiva, considerando a fase inicial, do desenvolvimento e encerramento da carreira (Salmela & Moraes, 2003; Santos & Alexandrino, 2015).

O termo “carreira esportiva” é compreendido como a prática voluntária, por vários anos, de uma atividade esportiva praticada pelo atleta com o propósito de alcançar elevados níveis de desempenho diante dos eventos esportivos (Alfermann & Stambulova, 2007). O desenvolvimento de suporte psicológico ao longo da carreira atlética é uma das soluções que pode ajudar o atleta na busca pela excelência durante sua carreira (Ekengren, Stambulova, Johnson, & Carlsson, 2018; Ryba, Stambulova, Schinke, 2013).

Ao olhar para esses aspectos, cabe considerar uma reflexão importante: como pensar o esporte de alto rendimento como carreira profissional? Embora

não seja definida assim no senso comum, o fato da prática desse nível esportivo apresentar fases específicas, com objetivos direcionados para alta performance, faz com que ela possa ser considerada similar às carreiras convencionais e/ou formais, aproximando-a de um modelo mais tradicional de carreira (Campos, Cappelle, & Maciel, 2017).

No século XX, a sistematização por parte das políticas públicas e privadas, permitiram o desenvolvimento do esporte com foco na captação de talentos esportivos e formação de atletas mediante oferecimento de sistemas de treinamento. O movimento do esporte de alto rendimento iniciou na Ucrânia e em Moscou, por volta dos anos 50 a 70, onde os trabalhos se voltavam para os sistemas de seleção desportiva voltados à preparação a longo prazo. Os Estados Unidos se apoiaram em planos das instituições educativas e empresariais que tinham participação direta no suporte ao desenvolvimento dos atletas de elite do país. Esses modelos inspiraram políticas e deixaram, como saldo, um amplo conhecimento no campo de formação e treinamento de atletas de elite por meio do desenvolvimento de protocolos de intervenções, estabelecimento de modelos ideais de trabalho e normatizações de procedimentos.

No Brasil, apenas a partir da década de 1970 foram iniciados os primeiros registros nessa linha de trabalho, voltada à formação de atletas de base, com os estudos de Mauricio Leal Rocha e Manuel Gomes Tubido (Peres & Lovisolo, 2006), sendo importante destacar que tal área, ainda hoje, aparenta recomeços em virtude dos ajustes constantes sofridos (Carneiro, Pereira, Teixeira, Húngaro, & Mascarenhas, 2019).

A profissionalização desencadeou uma transformação na organização do esporte, resultando em uma profissão cobiçada e uma opção de vida para os jovens talentosos. O sucesso obtido no esporte coloca o atleta numa posição de destaque social, tão quanto outras grandes personalidades públicas (Ciampa, Leme, & Souza, 2010). Conseqüentemente, o que se tem visto, nesse século, é que o esporte não mais se relaciona apenas com a competição, mas pode ser compreendido como um espetáculo que envolve competidores e patrocinadores das equipes (Machado & Gomes, 2019).

Na década de 1990, especificamente em março de 1998, a Lei Pelé mudou as regras de profissionalização de jovens jogadores de futebol no Brasil, e estes atletas passaram a poder assinar seu primeiro contrato a partir de 16 anos de idade. As cláusulas da Lei protegem não apenas os direitos dos atletas, mas também o clube que ofereceu, a ele, a oportunidade de formação (Cardoso et al., 1998). Isso porque tem sido cada vez mais comum que os clubes invistam e desenvolvam seus próprios sistemas de captação e formação de atletas nas categorias de base, por meio do oferecimento de programas de planejamento da carreira de jovens atletas, envolvendo pais, empresários, dirigentes, e comissões técnicas, especialmente a partir da fase de ingresso dos atletas no esporte (Marques & Samulski, 2009).

Para os especialistas que trabalham na área de formação, os resultados só devem ser valorizados no último período dessa fase esportiva (iniciação, especialização e aperfeiçoamento), que pode variar considerando a modalidade (Cafruni, Marques, & Gaya, 2006). Esses estágios são observáveis por seus aspectos específicos e pelas transições entre eles,

marcadas por significantes fatores sociais e psicológicos, que delineiam o processo de formação e treinamento relatado a partir das experiências e pontos de vista dos próprios atletas. Essas experiências perpassam por convocações para seleção brasileira, transições de categorias, exigências dos treinadores, recuperação de lesão, escolha do esporte que se dedicará e pela participação em olimpíadas (Peres & Lovisolo, 2006), viagens de avião a outras cidades e países, conhecimento de diferentes realidades culturais, fora muitas outras situações que podem contribuir para o desenvolvimento psicossocial do atleta (Freitas & Stigger, 2016).

Considerações sobre a carreira no esporte: fases e transições

Ao estudar a carreira de atletas brasileiros, a análise de questões socioculturais precisa ser considerada, especialmente pelo fato desse tipo de carreira ser vista como uma oportunidade de ascensão social e profissional para jovens oriundos de famílias de baixa renda. No entanto, convém destacar que também se faz notar um grupo razoável de famílias de classe média e média-alta que procura inserir o filho no esporte e, para isso, organiza sua rotina para atender ao cronograma de treinos e jogos exigidos pela modalidade escolhida (Marques & Samulski, 2009).

Embora as pesquisas, em sua maioria, sejam mais sugestivas do que conclusivas, as evidências apontam a dificuldade de se encontrar fatores isolados que contribuam para a identificação de jovens talentosos, indicando que o talento é fruto da combinação de vários fatores pessoais (físicos, antropométricos, psicológicos, técnico-táticos), os quais podem atuar de

maneira positiva ou negativa. Quando favoráveis, acabam por possibilitar a detecção e a seleção de atletas para o processo de formação esportiva (Folle, Nascimento, & Graça, 2015). Tal processo engloba os treinos físicos, técnicos, táticos e psicológicos, expondo o atleta a uma grande diversidade de experiências motoras (Baker, Wattie, & Schorer, 2019).

Os treinos, comumente baseados nos trabalhos conduzidos com atletas das categorias adultas, mantém a lógica da perspectiva de rendimento esportivo, contribuindo para a preparação precocemente especializada, a redução de diversidades de experiências e o aumento, de maneira exagerada, das cargas de treinamento. Apesar da incerteza e das eventuais consequências negativas que esse modelo de formação pode produzir aos jovens atletas, continua ganhando legitimidade e conquistando adesão por diversos seguidores (Brito, Fonseca, & Rolim, 2004).

Um estudo realizado sobre o tempo de treino anual do atleta brasileiro em formação aponta que o tempo está relacionado com a fase de treinamento em que ele se encontra: mirim (13 anos) realiza uma média de 376 horas/ano, pré-infantil (14 anos) com média de 434 horas/ano, infantil (15 anos) com tempo médio de treino de 650 horas/ano, juvenil (16 e 17 anos) com média de 747 horas/ano e júnior (18, 19 e 20 anos) com média de 867 horas/ano, somando uma média de 5.555 horas em treinos durante todo seu processo de formação, caso ele tenha sido iniciado aos 13 anos (Marques & Samulski, 2009). Considerando-se ainda que, para alcançar o nível de excelência, ainda são necessários mais alguns anos após o processo de formação profissional,

esse valor pode subir para cerca de 10.000 horas (Ericsson, Krampe, & Tesch-Romer, 1993; Vorweg, 2019).

Essa progressão de exigência de resultados nas fases iniciais pode prejudicar a obtenção de desempenho elevado na etapa adulta na qual se exige o alto rendimento de fato (Cafruni, Marques, & Gaya, 2006). De acordo com os autores, é maior a exigência por alto resultado à medida em que o atleta se aproxima da categoria adulta e passa a ter o esporte como carreira profissional. Isso porque, quando o atleta ingressa na modalidade esportiva, sua carreira passa por diversas fases desde a iniciação até a aposentadoria.

Os jovens são captados durante o processo de seleção (as chamadas “peneiras”), passam por longos períodos de formação que envolvem treinamentos, competições, socialização com o ambiente esportivo, alcançam ou não o alto nível e finalmente encerram a prática do desporto (Salmela, 1994). Cada uma dessas etapas de formação e profissionalização pode ser considerada um longo processo seletivo o qual, muitas vezes, envolve vários obstáculos, tais como a separação da família e do seu meio social, dificuldade de continuação dos estudos em virtude da rotina de treinos e jogos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições, além da incerteza quanto à continuidade e sucesso no esporte (Kunz, 1994; Marques & Samulski, 2009; Rossing, Mogensen, Pedersen, & Martin, 2020).

As transições são definidas como um conjunto de eventos que causam desequilíbrios na trajetória esportiva do atleta e podem ocorrer de dois modos: as denominadas normativas (quando as ações são antecipadas e há um planejamento para que ocorram as mudanças, como troca de clubes,

passagem de uma equipe amadora para uma equipe profissional, planejamento cirúrgico no período em que não haja prejuízo para a carreira, etc.) e as chamadas não normativas (durante as quais acontecem mudanças de forma inesperada, mas que são resultantes de uma série de fatores que podem ocorrer na vida do atleta, como o afastamento devido a uma lesão inesperada). Qualquer uma das transições pode afetar a carreira e rendimento esportivo por serem eventos que culminam em uma mudança de percepção sobre si mesmo e sobre o mundo (Wylleman & Lavallee, 2004). Tais situações exigem uma mudança de comportamentos, o qual pode acabar causando um desequilíbrio social que vai além das mudanças do dia a dia (Schlossberg, 1981).

Claro que é preciso considerar que cada modalidade esportiva tem suas especificidades, e conseqüentemente, influenciam de forma diferente a vida de cada atleta. Ainda que seja analisada uma transição normativa, há diferenças relacionadas às idades de início de prática e especialização em cada tipo de esporte, influenciando o modo como as fases e transições ocorrem, e definitivamente, impactam a carreira desse profissional (Côté, Baker, & Abernethy, 2007).

No geral, os atletas demonstram nível razoável de planejamento de suas atividades esportivas, com exceção dos estudos. Pela alta expectativa que se constrói com a carreira no esporte, pouca atenção é dada ao planejamento de uma carreira não esportiva futura (Bracht, 2005; Machado, 2006; Marques & Samulski, 2009). No entanto, apenas uma parcela pequena dos atletas com bons resultados nas categorias menores (menos do que é 1%) é promovida para a categoria adulta e, em virtude disso, cabem aos clubes definir

estratégias que possibilitem aos atletas chegarem aptos à maturidade desportiva e em condições de realizar a transição para a equipe adulta (Brito, Fonseca, & Rolim, 2004), e paralelo a isso, alertar os familiares e os próprios atletas da necessidade de pensar em um segundo plano profissional, o qual deve envolver, por exemplo, o incentivo à continuidade dos estudos, visto que, na maioria das vezes, todos os esforços se encontram associados a uma carreira relacionada à modalidade praticada. Mesmo estando distante do seio familiar, as pesquisas indicam que a família continua sendo a principal referência quando o assunto é planejamento da vida esportiva do filho (Bracht, 2005; Celestino, Leitão, & Pereira, 2019; Machado, 2006; Marques & Samulski, 2009).

Fatores que influenciam a Carreira Esportiva

Como já explanado nesse capítulo, alguns fatores impactam de forma significativa o processo de adaptação do atleta ao esporte, principalmente em modalidade de alto rendimento, que é seletiva e exige disponibilidade *full time* por parte do esportista. Nessa condição, o processo de formação é pautado em adversidades, as quais, muitas vezes, são superadas em prol do sonho de se tornar um atleta de destaque na modalidade praticada. Embora esse engajamento seja constante e diferente em cada fase profissional, mesmo que haja sucesso em alguns períodos da carreira, tal fator não garante a transição para a equipe adulta, visto que a competência técnica deve estar aliada a uma série de habilidades psicológicas, sociais, táticas e físicas que ocorrem durante todo o processo de formação profissional. Isso indica a necessidade de os

profissionais envolvidos com o processo de formação estarem alertas, não apenas aos resultados obtidos dentro e campo/quadra, mas também ao panorama que ocorre fora do ambiente esportivo.

Ao fazer uma reflexão sobre as características que relacionam o atleta ao mito do herói, Rubio (2001) apresenta uma caracterização do atleta profissional:

Esse indivíduo a quem nos referimos, que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição [ser herói] uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte com finalidade competitiva e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo. O preparo físico (e porque não psicológico também) extraordinário que tem o atleta, que envolve a explicitação inevitável da busca e superação de limites, torna-o alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e respeitado, e por vezes odiado, pelos adversários (p.100).

Tal quadro reforça a necessidade e a importância de que o atleta seja preparado não só taticamente e fisicamente, mas que também seja orientado em relação a uma série de desafios psicológicos que terá que enfrentar. Nesse sentido, Feijó (2000), falando sobre a formação profissional de atletas afirma que:

Toda formação profissional, no final das contas, é uma deformação humana... A (de)formação profissional do esporte abre as portas para inseguranças e medos, ansiedades e estresses, agressões humanas e somatizações. O atleta vive sempre na fronteira do desequilíbrio emocional. (...) Como se isso não fosse suficiente, além de toda a gama de estresses que a vida desportiva possibilita, enquanto a produtividade permanece, sempre se convive com o fantasma da inevitável “aposentadoria”: em média, o atleta apresenta alto rendimento durante uns dez anos – e depois disso, como vai ser a vida da pessoa que se limitou a apenas jogar jogos? (p.22).

As reflexões de Feijó (2000) e Rubio (2001) evidenciam a necessidade de proporcionar, aos atletas, condições de se dedicarem à rotina da carreira esportiva, além de associá-la a uma vida equilibrada que envolva o bem-estar físico, mental, social e espiritual. Esse equilíbrio, entre vários aspectos da vida, pode ser fator determinante para o sucesso no esporte de alto rendimento, bem como a falta de tal equilíbrio pode ser um aspecto extremamente relevante para o abandono da prática esportiva ou o estabelecimento de uma crise (De Bosscher, Bottenburg, Knop, & Shibli, 2008; Santos & Alexandrino, 2015). Diante de tantas incertezas, aspectos positivos e negativos, associados à carreira esportiva, vêm sendo destacados na literatura científica, os quais serão abordados a seguir.

Uma série de aspectos positivos vêm sendo relacionados à prática esportiva enquanto carreira. O esporte pode ser considerado um instrumento capaz de possibilitar a emancipação e a autonomia dos atletas, pois enquanto cidadãos, esportistas, aprendizes, a prática esportiva atua no sentido de promover o desenvolvimento de habilidades, tais como capacidade de se reconhecerem mutuamente e se autoafirmar enquanto identidades próprias, à medida que interagem intersubjetivamente. Por apresentar algumas dinâmicas inerentes (regras, interações sociais, jogos, estímulo de diálogo, troca de experiência e informações), o contexto esportivo pode se destacar como meio propício dos processos de individualização e socialização dos atletas, de forma articulada e simultânea (Ciampa, Leme, & Souza, 2010).

Observa-se que a prática de esporte, quando promove motivação, superação e confiança, pode ajudar o atleta a sobrepujar situações adversas

na modalidade (Massa, Uezu, & Böhme, 2010). Acaba sendo um espaço onde a disciplina, regras e restrições marcam presença, mas também uma série de vantagens podem ser citadas, como a possibilidade de permitir que o atleta brinque com seus próprios limites corporais, estreite laços de amizades e amplie suas experiências culturais (Freitas & Stigger, 2016).

Por outro lado, alguns aspectos negativos também são ressaltados. Notadamente, a complexidade do contexto esportivo e as chances de sucesso e insucesso existem em virtude de um sistema que atua em um espectro seletivo. São poucos os atletas que chegam ao topo do esporte em nível mundial, tal como anteriormente ressaltado e, indiscutivelmente, é desta forma que tem que ser. Mas a atenção para não desperdiçar jovens talentos não pode ser ignorada, uma vez que o planejamento da estrutura esportiva, desde o trajeto adotado na especialização motora, na preparação psicológica e afetiva do atleta em formação, até o suporte de infraestrutura de forma geral, é indispensável para o pleno desenvolvimento do esporte no país (Rocha & Santos, 2010).

De acordo com esta perspectiva, pesquisas sobre o modo como as pessoas reagem às situações de adaptação e de estresse no esporte indicam que o estresse deve ser visto como um processo psicológico que envolve fatores cognitivos, motivacionais e relacionais (Lazarus & Folkman, 1984), notadamente quando as exigências externas ultrapassam suas capacidades e recursos para lidar com elas (Hamlin, Wilkes, Elliot, Lizamore, & Kathiravel, 2019; Lazarus, 1991). Estresse e *burnout* podem limitar o desenvolvimento esportivo de atletas de alto nível, e, por tal motivo, determinar as

consequências associadas, bem como as estratégias (positivas e negativas) de enfrentamento que o atleta apresenta, pode se mostrar um diferencial em sua carreira (Verardi, Miyazaki, Nagamine, & Lobo, 2012).

Caso o atleta seja acometido por algum desses quadros, o trabalho deverá estar focado nos processos psicológicos (nível cognitivo, motivacional e relacional) (Lazarus & Folkman, 1984), isso porque diferenças individuais podem levar a desfechos diferentes. Enquanto alguns atletas tendem a reagir de forma mais adaptativa às exigências que lhe são colocadas pela atividade esportiva, outros podem apresentar maior dificuldade de adaptação (Gomes, 2011a). Aparentemente, o tempo de experiência do atleta se relaciona com o desenvolvimento de estratégias mais adequadas de enfrentamento.

Diante das questões levantadas, um trabalho voltado à identificação dos momentos de maior estresse para diferentes atletas nas diferentes modalidades esportivas, principalmente pelas alterações do sistema de trabalho das várias etapas de formação do atleta se faz essencial. Isso porque, quando o enfrentamento de situações adversas ocorre de forma adequada, o impacto aos danos causados pelo estresse pode ser menor, o que nos leva acreditar que a identificação de estratégias positivas permitirá delinear programas preventivos e de intervenção durante a permanência do atleta na instituição.

A adaptação do atleta a uma situação adversa irá depender da avaliação cognitiva que ele faz sobre a situação, o tipo de enfrentamento (funcional ou disfuncional) – mais conhecido como “*coping*” que implementa a resolução do problema e as respostas emocionais e comportamentais que apresenta diante

da situação. Ter acesso a esses dados, poderá nos dar um parâmetro quanto às intervenções que devem ser realizadas, e possibilitar melhor compreensão da relação entre essas dimensões e diferenciar essas interligações num determinado contexto específico, aumentando a validade ecológica da compreensão dos processos de adaptação humana em contextos esportivos (Verardi, Miyazaki, Nagamine, & Lobo, 2012).

As consequências de alta pressão no esporte podem ser observadas por sintomas como estresse e ansiedade, indicando que as experiências vivenciadas nem sempre estão necessariamente associadas às experiências prazerosas, ou seja, situações ruins originadas do processo de desenvolvimento do talento podem contribuir para uma mudança de comportamento, com consequências psicológicas capazes de gerar índices elevados de desistência no esporte ou, ainda, comprometer o êxito do processo de desenvolvimento do talento.

Entre 12 e 15 anos, o treinamento desportivo apresenta rotina intensa, indicando a transição da fase de especialização para aperfeiçoamento (Peres & Lovisolo, 2006), a qual ocorre entre os anos de 15 e 18 anos, na época da puberdade, período mais sensível para o treinamento de força, resistência e velocidade (Lopes & Maia, 2000). Além dessas questões específicas, o atleta nessa etapa vivência aspirações sobre o plano de carreira no esporte e os atributos pessoais (rigor, objetividade, liderança, maturidade, dedicação, gosto pela rotina de treino, autocrítica e a paixão pelo esporte), aspectos que podem definir sua permanência nesse cenário (Peres & Lovisolo, 2006).

As evidências permitem concluir que o incentivo dado aos atletas por meio dos componentes psicossociais (familiares, treinadores e amigos), é de extrema relevância na trajetória esportiva de atletas de alto rendimento (Mendes, Mendes, Miilistetd, Collet, & Nascimento, 2017). A forma como os atletas se relaciona com outras pessoas do seu convívio, e como essa relação influencia o desempenho esportivo e a motivação, constitui o nível psicossocial. Nesse caso, aqueles que pretendem construir sua carreira no esporte, bem como todos à sua volta, precisam investir em diferentes aspectos como psicológico, financeiro e social. Entretanto, para que se possa alcançar uma carreira profissional com excelência devem estar presentes as condições necessárias aos praticantes, principalmente nas fases iniciais (Wylleman & Lavallee, 2004).

Observa-se que os atletas de elite iniciam no esporte por volta dos seus 7 a 12 anos de idade, e durante esse período, os familiares, as instituições escolares e os clubes participam significativamente das relações sociais durante seu período de formação esportiva (Peres & Lovisolo, 2006). Esses dados são importantes, pois ao analisarmos as situações que impactam diretamente na permanência do atleta na prática esportiva, observa-se que o distanciamento familiar é um dos principais problemas enfrentados pelos jovens, especialmente pelas mudanças significativas que ocorrem no círculo social, não só da família, mas também dos amigos mais próximos e do(a) companheiro(a), bem como também são relatados sentimentos relacionados à falta de oportunidades de realizar outras atividades externas ao esporte praticado (Marques & Samulski, 2009; Massa et al., 2010; Peres & Lovisolo,

2006), isso porque ao se tornarem atletas, o contato com essas pessoas é reduzido em função da quantidade de atividades exigidas pelo clube.

Os resultados demonstraram que não há dúvida de que o círculo social destes atletas precisa ser ampliado, cabendo aos clubes facilitar o contato dos atletas com suas famílias e promover um ambiente social educativo, com encontros e intervenções junto às famílias, treinadores e outras pessoas de convívio dos atletas. Além dessas intervenções, os autores perceberam a importância de acompanhar psicologicamente e socialmente os atletas, especialmente por ainda estarem vivendo importante fase do desenvolvimento (Peres & Lovisolo, 2006). Nesse sentido, Freitas e Stigger (2016) e Flowers e Brown (2002) observaram que um dos fatores que auxilia os atletas a permanecerem frequentando treinos são os laços de amizade que constroem com seus colegas de equipe, indicando que o treino acaba sendo um espaço importante para socialização e construção de novas relações.

Assim, parece claro que a família é o agente que mais interage com o atleta, tanto no que diz respeito aos aspectos de orientação à prática esportiva quanto ao suporte emocional e financeiro. Na fase de inserção ao esporte, a família contribui motivando, provendo recursos e encorajando o filho a enfrentar as demandas da modalidade praticada, denotando a importância que ela exerce enquanto agente social nessa fase, independente do estilo de vida do grupo familiar (Massa et al., 2010). Espera-se, no entanto, que os pais não criem expectativas em relação ao alto rendimento, pois esse tipo de comportamento pode gerar exigências excessivas e conferir um caráter obrigatório à prática esportiva orientada (Gabarra, Rubio, & Ângelo, 2009).

O período entre a iniciação esportiva e o esporte de alto rendimento é reconhecido como um período de formação, onde se procura desenvolver bases que permitam aos atletas atingir resultados expressivos (Cafruni et al., 2006), sendo tal período usualmente associado à clubes esportivos, os quais atuam como instituições de suporte primário na iniciação esportiva e complementares à formação oferecida nas escolas (Marques & Samulski, 2009; Peres & Lovisolo, 2006).

Muitas vezes, a escolha pela modalidade tem a interferência da família, a qual, embora permita o ingresso do atleta em várias modalidades esportivas, acaba por valorizar a especialização na modalidade que o filho apresenta resultados mais promissores, exigindo, muitas vezes, que a criança permaneça mais tempo em um determinado esporte com o qual não se identifica. Essa situação a longo prazo, pode contribuir para a desmotivação do atleta e abandono da modalidade esportiva (Peres & Lovisolo, 2006). A decisão de abandonar o esporte parece se relacionar fortemente com componentes sociais, estendendo-se a uma rede de aspectos mais diretamente relacionada ao atleta, como emprego e família (Rocha & Santos, 2010; Stringhini, 2010). Entretanto, o abandono do esporte também pode estar relacionado a outros fatores, tais como dificuldades financeiras ou falta de patrocínio, falta de reconhecimento social, ausência do suporte familiar, casamento seguido de paternidade, lesão e outros (Bezerra & Sousa, 2019; Vieira, 1999).

Outra importante questão a ser pensada no processo de formação de atletas refere-se à escola. De acordo com pesquisas, os problemas enfrentados na carreira esportiva se estendem para outras áreas da vida e

atingem também os estudos, já que a maioria dos atletas apresentam-se com o nível escolar defasado com relação à série correspondente a idade, e mais da metade, em algum momento, necessita se ausentar da escola para dedicar-se a modalidade praticada (Marques & Samulski 2009).

De acordo com Borggreffe e Cachav (2012), as dificuldades de conciliação da carreira acadêmica com a carreira esportiva, também é relada em estudos internacionais que analisaram a vida de atletas praticantes de modalidade de alto rendimento, indicando que esse evento não é exclusivo do Brasil. Para os autores, esse fenômeno na vida dos jovens que se dedicam ao esporte no mesmo período da formação acadêmica tem sido nomeado de dupla carreira. Essa dupla carreira (escola e esporte), pode ser considerada, em determinada fase, equivalente à de um jovem aprendiz da profissão, o que reforça a responsabilidade do empregador em oferecer todas as condições para que o jovem tenha plenas possibilidades de frequentar a escola no dia a dia (Melo, Soares, & Rocha, 2014).

Observa-se que ao completar 15 anos, o atleta vive um momento crítico em relação às questões escolares, pois é nesse momento que a escola básica, por meio do ensino médio, passa a exigir uma demanda maior de tempo e investimento dos jovens. Nessa fase, parece que o esporte apresenta mais atrativos, com oportunidades mais tangíveis, nas representações e sonhos do que a própria escola, resultando, para muitos atletas, o desinteresse pela proposta escolar (Melo et al., 2014). Quando essa situação se estabelece, aumenta a responsabilidade social dos clubes em oferecer alternativas que facilitem e estimulem a continuação dos atletas nos estudos, até mesmo para

que eles possam ter uma segunda opção vocacional no futuro (Marques & Samulski, 2009; Melo et al., 2014).

Quando falamos da formação de atletas no esporte, observa-se que o talento individual é combinado com vários fatores de ordem física, antropométrica, cognitiva, técnica, tática (Folle, Nascimento, & Graça, 2015) e, também, influenciado por aspectos psicossociais determinantes na formação. Portanto, essa combinação de fatores pode impactar nos resultados de performance (Kunz, 1994; Marques & Samulski, 2009).

As experiências vivenciadas no entorno da prática esportiva e nomeadas na literatura como “experiências psicossociais”, são representadas pela composição de inúmeros aspectos, sendo: relacionamento com os companheiros da equipe e treinador, espírito esportivo, aspecto financeiro, autoconfiança (Andrew, Potgieter, Johan, Grobbelaar, & Heinrich, 2007), ansiedade competitiva, estado emocional, mudanças na rotina de vida, recursos de enfrentamento, apoio social (Johnson, 2011), percepção de eficácia quanto ao trabalho do treinador, relacionamento com a família, percepção da evolução quanto ao rendimento esportivo e aspectos morais.

A soma e a qualidade desses aspectos contribuem, não só, para o desenvolvimento da personalidade (Smith & Smoll, 1996), no enfrentamento positivo das adversidades apresentadas durante a prática esportiva de alto rendimento (Andrew, Potgieter, Johan, Grobbelaar, & Heinrich, 2007), na prevenção de lesões (Johnson, 2011; Levy, Polman, & Clough, 2008), melhora de humor e redução de níveis de estresse (Johnson, 2011), justificando a

importância de considerar o constructo psicossocial durante as avaliações e intervenções psicológicas adotadas com atletas.

Analisando de forma individual, constata-se que enquanto alguns atletas tendem a reagir de forma mais adaptativa às exigências que lhe são colocadas, outros podem apresentar maior dificuldades de adaptação (Gomes, 2011a; Folle, Nascimento, & Graça, 2015). Quando o pior cenário acontece e o atleta é acometido por um quadro que indique difícil adaptação, Lazarus e Folkman, (1984) sugerem que as intervenções sejam direcionadas para os processos psicológicos, especialmente por considerarem que as diferentes formas de lidar com esses desafios podem levar a desfechos diferentes. Fica evidente que situações de adaptação exigem uma mudança de comportamento, a qual pode causar um desequilíbrio social que vai além das mudanças do dia a dia (Schlossberg, 1981).

As reflexões de Feijó (2000) e Rubio (2001) apontam a necessidade de proporcionar aos atletas condições de se dedicarem à rotina da carreira esportiva à uma vida equilibrada que envolva o bem-estar físico, mental, social e espiritual. Esse equilíbrio pode contribuir para o sucesso no esporte de alto rendimento, em contrapartida, a falta dele pode influenciar no abandono da prática esportiva ou no estabelecimento de uma crise pessoal (De Bosscher, Bottenburg, Knop, & Shibli, 2008; Santos & Alexandrino, 2015).

As evidências permitem concluir que o incentivo dado aos atletas pelos familiares, treinadores e amigos é de extrema relevância na trajetória esportiva (Mendes, Mendes, Miilistetd, Collet, & Nascimento, 2017). A qualidade desse relacionamento pode influenciar na motivação e no desempenho esportivo tão

quanto outros aspectos de ordem financeira, social e psicológica, reforçando a relevância dos cuidados psicossociais que circundam o atleta. Wylleman e Lavallee (2004) acrescentam que condições adequadas, principalmente nas fases iniciais da prática esportiva, contribuem para o alcance de uma carreira profissional no esporte com excelência.

Diante dos fatores expostos e considerando a importância da avaliação psicossocial no esporte, com objetivo de diagnóstico e base para a elaboração de estratégias de intervenção (Silva, Vieira, Medeiros, & Cardoso, 2020), instrumentos para avaliar tais aspectos têm sido construídos e validados em diversos países do mundo. Uma revisão da produção científica na temática foi realizada com o objetivo de conhecer as tendências e lacunas presentes na área.

Revisão de Instrumentos em Psicologia do Esporte

Ao investigar a literatura nacional e internacional os resultados indicaram que a maioria dos estudos investiga os fatores psicossociais de maneira específica, ou seja, a partir de escalas direcionadas exclusivamente para a compreensão de apenas parte do constructo (Noh, Morris, & Andersen, 2011), de forma qualitativa ou quantitativa, considerando as diferenças de modalidades (individuais e coletivas) e idade (Evans, Allan, Erickson, Martin, Budziszewski, & Côte, 2017).

Entre os estudos de validação de instrumentos na língua inglesa para a psicologia do esporte, apenas uma escala - com objetivo principal de reunir

dados psicossociais, foi localizada. Desenvolvida por Spreitzer e Snyder em 1970 e atualizada por Martin e Dodder (1993), a escala foi nomeada como “*Psychosocial Functions of Sport Scale*” e direcionada para avaliar o impacto da prática esportiva na sociedade (o significado do esporte para o indivíduo e sociedade, o esporte como promotor do jogo limpo e capaz de aliviar os problemas de drogas na sociedade).

Com o propósito de aprofundar as buscas por instrumentos que atendessem os interesses de investigação desse estudo, foi conduzida uma revisão bibliográfica nacional, entre os anos de 2005 e 2020, nas bases de dados: Capes, Google Acadêmico, PsycInfo e SciElo, a partir das palavras-chave: psicologia do esporte, avaliação psicológica e esporte. Os resultados indicaram um total aproximado de dois mil estudos, sendo 74 deles selecionados (entre artigos, dissertações e teses) para melhor análise. Após exclusão das pesquisas em duplicidade (n= 16), foram mantidos 58 estudos, os quais contemplaram pesquisas direcionadas para a adaptação e/ou validação de instrumentos que envolvessem constructos psicológicos no esporte, conforme apresentados no Quadro 1.

Autor Principal	Ano de publicação	Constructo Investigado	Nome do Instrumento
Lôbo, I. L. B.	2005	comportamento do treinador	Escala de comportamento do treinador: Versão Atleta (ECT-A)
Costa, L. O. P.	2005	estresse e recuperação	Questionário de Estresse e Recuperação para Atletas (RESTQ-Sport)
Rohlf, I. C. P. M.	2006	estados de humor	Teste Brums para avaliação de humor

Continuação.			
Autor Principal	Ano de publicação	Constructo Investigado	Nome do Instrumento
Cunha, R. A.	2008	qualidade de vida	Questionário sobre qualidade de vida de atletas (QQVA)
Bartholomeu, D.	2008	agressividade	Escala de Agressividade em Competição
Barale, R. F.	2009	liderança	Escala Multidimensional de Liderança no Desporto
Aburachid, L. M. C.	2009	percepção e tempo de reação	Teste de Conhecimento Tático Declarativo no tênis
Gonçalves, M. P.	2010	motivação	Escala de Motivação à praticantes de atividades físicas (MPAM-R)
Andrade, F.	2010	<i>overtraining</i>	Questionário de Overtraining
Costa, V. T.	2011	motivação	Escala de Motivação no Esporte (SMS) no Futebol
Coimbra, D. R.	2011	<i>coping</i>	Questionário Athletic Coping Skills Inventory-28
Vasconcellos, D. I. C.	2011	regulação do comportamento e motivação	Questionário de Regulação do Comportamento no Esporte (QRCE)
Fernandes, M. G.	2012	ansiedade	Competitive State Anxiety Inventory (CSAI-2)
Hernandez, J. A. E.	2012	liderança	Escala de Liderança para o Esporte: Versão Preferência dos Atletas
Nascimento, J. R. A.	2012	ambiente de grupo	Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ)
Guedes, D. P.	2013	motivação	<i>Participation Motivation Questionnaire</i>
Nascimento, J. R. A.	2014	motivação	<i>Sport Motivation Scale-II</i>

Continuação.			
Constructo Investigado	Constructo Investigado	Constructo Investigado	Nome do Instrumento
Gomes, S. S.	2014	estado de <i>flow</i>	Escala de Predisposição ao <i>Fluxo</i>
Roettgers, C.	2014	estado de <i>flow</i>	Escala de <i>Flow</i> para praticantes de exercício físico
Fernandes, M. G.	2015	habilidades psicológicas em situação de treinos e jogos	Versão Brasileira do <i>Test of Performance Strategies</i>
Fortes, L. S.	2015	distúrbio de imagem corporal	Escala de Insatisfação e Checagem Corporal nos Esportes para atletas brasileiros
Balbim, G. M.	2015	dominância tética	Escala de Dominância Tética (TDS) no contexto esportivo
Vieira, L. F.	2015	relacionamento treinador-atleta	Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta brasileiro (CART-Q) - versão atleta
Saldanha, R. P.	2015	valores morais	<i>Youth Sport Value Questionnaire 2</i>
Pieri, R. V.	2016	coesão no esporte infantil	Questionário de Coesão no Esporte Infantil
Peixoto, E. M.	2016	coesão de grupo	Segunda versão da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada para atletas (EDAO-AR-A)
Frischknecht, G.	2016	confiança	Adaptação e validação de medida de autoconfiança para atletas de ginástica e futebol: <i>Sport-Confidence Inventory</i>
Peixoto, E. M.	2016	raciocínio indutivo	Teste Balbinotti-Barbosa de Raciocínio Indutivo (TBBRI-20)
Silva, A. M. B. D.	2016	recuperação - estresse	<i>Recovery-Stress Questionnaire for Athletes</i> (RES±Q-SporT) para dançarinos adolescentes (RES±Q-Dance)

Continuação.			
Constructo Investigado	Constructo Investigado	Constructo Investigado	Nome do Instrumento
Hayassaka, T. A. C.	2016	aprendizagem por meio da observação	<i>Function Observational Learning Questionnaire</i>
Moreira, S. M.	2016	coesão de equipes	<i>Sport Cohesion Instrument</i>
Rabelo, I. S.	2016	valores olímpicos	Escala de Educação e Valores Olímpicos Avaliação de valores olímpicos e humanitários na educação
Costa, L. C. A.	2017	necessidades psicológicas básicas	Questionário de Necessidades Psicológicas Básicas no Exercício (BPNES)
Wiethaeuper, D.	2017	motivação de perspectiva futura	Escala Balbinotti de motivação de perspectiva futura para atletas (EBMPFA-15)
Peixoto, E. M.	2017	eficácia adaptativa	Eficácia adaptativa em atletas
Cardoso, M. F. S.	2017	liderança	Proposição e validação de um novo instrumento de medida de liderança de treinadores no contexto esportivo brasileiro. Instrumento: Comportamento de Liderança do Treinador.
Silva, A. M. B. D.	2017	ansiedade competitiva	Inventário de Ansiedade-Estado Competitiva (CSAI-2) para bailarinos
Gonçalves M. P.	2017	valores morais	<i>Youth Sport Values Questionnaire-2 (ysvq-2)</i>
Simoese, R.	2017	percepção corporal	Percepção do Corpo e <i>Performance Esportiva – Pecopes</i>
Silva, A. M. B. D.	2017	estresse	Lista de sintomas de <i>stress</i> pré-competitivo infanto-juvenil
Silva, W. R.	2018	satisfação com a vida	Escala de Satisfação com a Vida no contexto esportivo brasileiro

Continuação.			
Constructo Investigado	Constructo Investigado	Constructo Investigado	Nome do Instrumento
Nascimento, J. R. A	2018	satisfação das necessidades básicas	Escala de Satisfação das Necessidades Básicas no Esporte (BNSSS)
Dias, D. T.	2018	provocações (provocações de agravamento- <i>bullying</i>)	Adaptação Transcultural para o português de um instrumento para avaliação de provocações durante a atividade física esportiva em adolescentes brasileiros. Questionário para avaliação de provocações durante a prática de atividade física
Viana-Meireles, L. G.	2018	empatia dos treinadores	Avaliação de Empatia para Treinadores esportivos
Fernandes, M. G.	2018	motivação	<i>Perceived Motivational Climate In Sport Questionnaire - 2</i> (PMCSQ-2)
Miranda, R. C.	2018	Coping	<i>Athletic Coping Skill Inventory-28</i>
Silva, W. R.	2019	orientação competitiva	Questionário de Orientação Esportiva (QOE)
Marques, M. F.	2019	identidade acadêmica e atlética	Escala de Identidade Acadêmica e Atlética (AIS-Br)
Cortela, C. C.	2019	contexto de aprendizagem para treinadores (formal e informal)	Escala de Contextos de Aprendizagem para Treinadores Esportivos - Versão Tênis.
Szeremeta, T. P.	2019	carreira esportiva	Avaliação da Trajetória Esportiva
Saldanha, R. P.	2019	motivos de prática regular	Inventário de Motivos à prática regular de atividades físicas e/ou esportiva - IMPRAFE-54

Continuação.			
Constructo Investigado	Constructo Investigado	Constructo Investigado	Nome do Instrumento
Peixoto, E. M.	2019	regulação interna	Escala de Regulação Interna no Esporte
Pereira, F. S. A	2019	<i>Coping</i>	Escala de <i>Coping Functional Questionnaire</i> (CFQ)
Ogawa, J. Y.	2019	características esportivas	<i>Sport Character Scale</i>
Corrêa M. F.	2019	robustez mental	Escala de Robustez Mental no Esporte para atletas brasileiros adultos (RME-A)
Angelo, D. L.	2019	perfeccionismo	Escala de Perfeccionismo no Esporte (PPS-S)
Reis, C. P.	2020	conhecimento declarativo	Conhecimento Tático Declarativo no basquetebol
Tertuliano, I. W.	2020	expatriação, emocional e social	Elaboração de um instrumento para avaliar o processo de expatriação de voleibolista

Quadro 1. *Instrumentos validados para o contexto esportivo entre os anos de 2005 e 2020*

De modo geral, pode-se verificar que um grande número de instrumentos pode ser encontrado na literatura, especialmente aqueles que se propõem a adaptar instrumentos internacionais para uso no Brasil. Convém destacar, no entanto, que muitos desses não apresentam estudos posteriores voltados ao refinamento da investigação de suas qualidades psicométricas. É comum também que tais estudos sejam realizados durante cursos de pós-graduação e não tenham completados seus estudos e, portanto, nunca cheguem a ser disponibilizados para uso profissional.

Os achados confirmam o fato de que os principais instrumentos têm sido focados na avaliação de um aspecto específico e de forma isolada, não tendo sido encontrado nenhum instrumental que avalie, de forma mais completa, os aspectos psicossociais presentes na prática esportiva. Do mesmo modo, faz-se notar a predominância de instrumentos oriundos de outros contextos e que não chegam a ter diferentes critérios psicométricos avaliados para sua aplicação no Brasil, de modo que, conseqüentemente, interpretações equivocadas, falsos indicadores ou ainda lacunas na identificação de traços ou fatores que influenciam os resultados podem dar origem a uma avaliação não confiável (Silva et al., 2020). Igualmente, os autores, ao realizarem uma revisão dos instrumentos de avaliação no contexto do esporte, também verificaram, tal como aqui, a predominância de estudos voltados à adaptação e/ou validação de instrumentos internacionais, restritos a um construto e para limitadas populações esportivas, além de um número reduzido de pesquisas voltadas ao desenvolvimento de instrumentos nacionais. Reforçam ainda o fato de que, apesar de um número importante desses instrumentos serem usados em pesquisas, na prática clínica e na avaliação de atletas, muitos não apresentam evidências de validade adequadas.

Pelo fato de não ter sido localizado, na literatura nacional e internacional, instrumento que, reunisse em sua versão, fatores capazes de avaliar aspectos de ordem psicossociais presentes na rotina de jovens atletas, esse estudo, propôs, a construção de um instrumento composto por dimensões sugeridas pela literatura (Andrew, Potgieter, Johan, Grobbelaar, & Heinrich, 2007; Johnson, 2011; Smith & Smoll, 1996) e indicadas como importantes no

processo de formação e adaptação desses jovens às condições intrínsecas do esporte direcionado para a alta performance.

Em síntese...

A revisão da temática apontou que, de forma geral, o treino desportivo de crianças e jovens e o processo de formação, observado em escolas e clubes são vetores fundamentais para o aumento da prática esportiva entre a população jovem. Quando o esporte tem a finalidade de alto rendimento, a excelência só pode ser alcançada quando, durante a formação do atleta, a aprendizagem dos aspectos específicos da modalidade, o treino e a competição ocorrem de forma correta (Brito, Fonseca, & Rolim, 2004), aliado ao desenvolvimento sadio e equilibrado de uma série de habilidades sociais e individuais .

Nesse contexto de alto rendimento, as contribuições do psicólogo se tornam importantes e necessárias a fim de auxiliar jovens e profissionais a compreender os entraves e sobretudo, criar saídas e alternativas às dificuldades do cotidiano, além de refletir e ressignificar seu papel enquanto profissional atleta (Markunas, 2007). As pesquisadas realizadas nessa área são importantes para identificar aspectos relevantes e subsidiar clubes e instituições para a construção de um plano de ação mais embasado cientificamente no que se refere à gestão esportiva e aos mecanismos de suporte à formação de jovens jogadores (Campos, Cappelle, & Maciel, 2017; Marques & Samulski, 2009).

A descrição prévia das fases e transições na formação do atleta representam aspectos essenciais no desenvolvimento da carreira no esporte nos diferentes níveis, contudo a abordagem ampla sobre a carreira do atleta tem como pressuposto básico a integração dos aspectos propostos nesse capítulo, os quais interagem durante o processo no qual o atleta está inserido em um clube com finalidade de alto rendimento. Esta abordagem pode ser utilizada como referência na identificação e análise dos padrões de estabilidade e mudanças da prática esportiva na iniciação, auxiliar a avaliação crítica de programas esportivos infanto-juvenis, subsidiar decisões no desenvolvimento do alto rendimento no esporte, ou ainda orientar a estruturação e funcionamento de centros de treinamento de excelência. A partir dos pressupostos básicos deste modelo teórico, é possível focalizar determinado período da carreira do atleta com o intuito de prevenir e/ou detectar os mais diversos problemas e sugerir mudanças que contribuam com o êxito do trabalho, e ainda alocar recursos físicos, materiais e humanos para dar suporte ao atleta em circunstâncias de difícil superação (Santos & Alexandrino, 2015).

Diante do que foi discutido, é possível observar que o esporte de alto rendimento na infância demonstra um caráter prescritivo, cujas contribuições estão em torno dos aspectos do desenvolvimento físico e técnicas pedagógicas, na perspectiva de ensinar, de maneira adequada e eficaz de apresentar o esporte para crianças. Entretanto, observa-se também que está pautado sob a ótica do atleta enquanto ser passivo e vítima de uma lógica que pode se mostrar opressora, no caso do esporte de alto rendimento, quando não é bem pensada e organizada (Freitas & Stigger, 2016).

Nesse sentido, os projetos esportivos devem considerar as características dos indivíduos, qual o contexto geral em que ele está inserido, assim como os aspectos que permeiam o entorno do atleta. Os profissionais envolvidos, como treinadores, gestores esportivos e pais devem estar atentos aos sinais que podem significar um sacrifício pessoal demasiado e que não é compensado pelo sucesso no esporte. Fica claro que os atletas enfrentam dificuldades específicas relacionadas a aspectos sociais, psicológicos, físicos e educacionais. Desse modo, ignorar ou subestimar tais problemas levantados pelos atletas podem ter repercussões graves para seu desempenho esportivo, acadêmico, seu estado de saúde e bem-estar social. Esses aspectos dão conta de que todos os recursos devem ser utilizados de modo a compreender as reais necessidades dos atletas e satisfazê-las nos mais variados aspectos da vida, de modo a auxiliar a desenvolver todo o potencial do indivíduo como ser humano integral e não apenas um representante do esporte (Santos & Alexandrino, 2015).

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo principal o desenvolvimento de uma escala padronizada para avaliação de aspectos psicossociais, identificados na literatura como presentes na rotina de jovens atletas e responsáveis por impactar o processo de adaptação e performance no esporte de alto rendimento. A construção da escala ampara-se na ausência de instrumentos brasileiros capazes de avaliar, em suas dimensões, fatores psicossociais observados durante a formação atlética no contexto de alto rendimento.

O processo de construção de um novo instrumento se justifica perante os motivos apontados por Borsa e Seize (2017): inexistência de instrumentos que avaliem o construto psicológico de interesse, ausência de instrumentos adequados ao contexto, bem como falta de instrumentos que apresentem propriedades psicométricas adequadas. Nesse sentido, o trabalho aqui proposto busca sanar parte dessa lacuna apontada na área da psicologia do esporte.

OBJETIVOS

Geral

Desenvolver uma Escala de Avaliação Psicossocial para atletas em processo de formação no esporte de alto rendimento (14 a 20 anos), específica para uso no contexto esportivo e investigação de suas qualidades psicométricas.

Específicos

- Investigar a adequação e aplicabilidade do instrumento por meio da condução de estudo de evidências de validade de conteúdo e estudo piloto
- Verificar as evidências de validade baseadas na estrutura interna
- Avaliar a influência das variáveis idade, sexo, escolaridade, tipo de vínculo com a instituição, residência no clube, período de ingresso no clube esportivo.

MÉTODO

A presente pesquisa envolveu a condução de diferentes estudos voltados a investigação de evidências de suas qualidades psicométricas, sendo *Estudo 1* – Desenvolvimento do instrumento; *Estudo 2* – Evidências de Validade de Conteúdo; *Estudo 3* – Piloto; *Estudo 4* – Evidências de Validade baseadas na estrutura interna e na precisão por meio da consistência interna e; *Estudo 5* - Evidências de validade com base na relação com variáveis externas.

Sendo assim, a pesquisadora optou por apresentar cada estudo separadamente. Primeiramente, o método de cada estudo será apresentado, seguido dos resultados e discussão dos dados obtidos.

Estudo 1: Desenvolvimento de Instrumento

Esse estudo apresenta o processo de construção da “Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação”, a partir dos fundamentos teóricos que embasaram o construto, conforme sugere Pasquali (2009). Os referenciais teóricos direcionaram a construção dos itens com o propósito de focar os elementos psicológicos avaliados, ou seja, os aspectos psicossociais identificados na literatura como importantes no processo de formação e performance do atleta praticante de modalidade de alto rendimento.

A construção do instrumento, ora nomeado como “*Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação*”, baseou-se na constatação de que na infância e adolescência ocorrem importantes aquisições em diferentes áreas do desenvolvimento humano: neurológica, cognitiva, social, afetiva, regulação emocional e comportamental, todas importantes durante o processo de formação nessa fase de vida (Ré, 2011). Conseqüentemente, a prática esportiva nessa idade deve ser organizada, moldada e adaptada, de modo a atender as necessidades da população infantil e juvenil, especialmente em relação às características biopsicossociais desses atletas (Milistetd, Mesquita, Nascimento, & Sobrinho, 2010).

O Modelo Desenvolvimental da Participação Desportiva (Baker, Cotê, & Abernethy, 2003; Cotê & Hay, 2002) pode ser citado como base para o estudo do processo de formação no esporte. Tal modelo distingue três etapas de formação, sendo (1) os anos de experiências variadas com caráter lúdico (6-12 anos), (2) anos de especialização em uma modalidade esportiva de modo estruturado (13-15 anos) e (3) anos de investimento, marcado por uma prática

deliberada e sistemática, orientada para o rendimento (mais de 16 anos). Dentro dessa concepção, o instrumento aqui proposto se foca na terceira etapa.

Formato do instrumento

Inicialmente, a revisão de literatura buscou identificar possíveis fatores psicossociais presentes na rotina da prática esportiva de jovens atletas. Foram considerados aspectos psicológicos (cognitivos, emocionais, comportamentais), físicos, técnicos e sociais que pudessem influenciar no funcionamento psicológico durante o processo de adaptação do atleta ao clube esportivo. Tais fatores, após identificados, serviram como base para o desenvolvimento das sete áreas avaliadas pelo instrumento, cuja descrição e exemplos de aspectos avaliados são apresentados no Quadro 2.

Dimensão	Descrição da dimensão	Exemplos de aspectos avaliados na dimensão
Comportamento familiar no esporte	Refere-se aos comportamentos apresentados pelos pais ou responsáveis em relação a participação do filho no esporte	<p>tipo de apoio e interesse por essa prática esportiva</p> <p>estilo de cobranças por resultados esportivos</p> <p>apoio prestado durante o processo de reabilitação física ou afastamento do esporte</p> <p>ações empregadas em assuntos relacionados à carreira esportiva do adolescente</p>

continuação.		
Dimensão	Descrição da dimensão	Exemplos de aspectos avaliados na dimensão
Bem-estar psicológico	Reúne aspectos que podem indicar como o atleta está lidando psicologicamente com as situações vivenciadas no dia a dia de treinos e jogos	<p>estratégias de enfrentamento apresentadas pelo atleta diante de situações adversas</p> <p>busca por solução de situações conflituosas</p> <p>crenças positivas sobre seu futuro no esporte</p> <p>comportamentos de autocobrança quanto ao seu rendimento esportivo</p> <p>percepção de adaptação ao clube quanto aos vínculos estabelecidos, regras, entre outros.</p>
Bem-estar físico	Compreende algumas subáreas que se relacionam com a saúde física do atleta podendo impactar no rendimento esportivo	<p>percepção do atleta quanto sua adaptação a metodologia de preparação física</p> <p>sensação de esgotamento físico e recuperação (física) dos treinos e jogos</p> <p>adaptação às refeições (alimentares) fornecidas pela instituição.</p>
Aspectos Técnicos	Investiga a percepção do atleta em relação a alguns fatores que compreendem a percepção de competência (autoeficácia) e relação do atleta com o treinador da categoria	<p>relacionamento interpessoal</p> <p>estilo de cobrança</p> <p>entendimento do conteúdo técnico/tático passado durante treino e jogo.</p>

continuação.		
Descrição da dimensão	Descrição da dimensão	Descrição da dimensão
Aspectos gerais da instituição	Refere-se a três grandes aspectos, sendo eles: aos aspectos da estrutura física da instituição, cultura organizacional e compromisso social, todos importantes no processo de adaptação do atleta ao clube.	<p>se o adolescente se ajustou as propostas de missão, visão e valores da instituição</p> <p>percepção da estrutura do centro de treinamento, alojamento</p> <p>compromisso social para com os atletas</p> <p>se o atleta considera seus direitos preservados enquanto atletas em formação</p>
Rede de apoio social	Avalia os vínculos sociais formados pelos atletas no alojamento e na equipe, além de investigar a capacidade de manter a rede de apoio externa (conjugue, amigos etc.)	<p>habilidade de socialização</p> <p>habilidade de lidar com as cobranças sociais realizadas por meio de pessoas e/ou mídias sociais</p>
Planejamento da carreira profissional	Se direciona para compreensão de fatores ou comportamentos que podem impactar na carreira profissional esportiva	<p>comportamentos apresentados pelo atleta diante das limitações e adversidades</p> <p>engajamento nos estudos</p> <p>orientação financeira</p> <p>comportamentos que podem estar associados ao sucesso profissional no esporte</p>

Quadro 2. Dimensões Avaliadas pela Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação.

Para cada uma das áreas identificadas, por meio da literatura científica (comportamento familiar no esporte, bem-estar emocional, bem-estar físico, aspectos técnicos, aspectos gerais das instituições, rede de apoio social e planejamento de carreira profissional), foram criados itens para avaliar as condições em que elas se apresentavam durante o processo de formação dos sujeitos avaliados. Durante sua redação, buscou-se atender a uma série de cuidados recomendados na literatura: expressar um comportamento concreto, que contemple uma única ideia por item, que seja compreensível para a população alvo e que seja consistente com a fundamentação teórica adotada (Borsa & Seize, 2017).

O instrumento foi elaborado para atender o público alvo - adolescentes praticantes de esporte de alto rendimento, com idades entre 14 e 20 anos. Assim, a escala (Anexo 1) contendo 158 itens foi desenvolvida, optando-se por um sistema de frases correspondentes à uma série de situações vivenciadas perante a prática esportiva de alto rendimento. As instruções indicam que o atleta considere *“como pensa, o que sente e como tem se comportado diante de algumas situações vividas no clube que joga”*, em relação a cada uma das situações apresentadas nas frases. O formato de resposta escolhido foi do tipo *Likert* de cinco pontos: “nada”, “muito pouco”, “algumas vezes”, “muitas vezes” e “completamente”.

O instrumento ainda apresenta, em sua primeira parte, questões referentes aos dados sociodemográficos, (país de origem, estado de origem, estado que o clube está localizado, idade, gênero, escolaridade, modalidade da escola (pública ou privada), modalidade esportiva, modalidade do esporte (alto

rendimento ou amador), situação de alojamento e período de ingresso ao clube), as quais foram utilizadas para a descrição da amostra e sua caracterização.

A motivação por construir um novo instrumento se baseou na possibilidade de reunir o maior número de aspectos “psicossociais”, indicados na literatura nacional e internacional, presentes na rotina de jovens atletas praticantes de modalidades de alto rendimento. Como observado no Quadro 1, os instrumentos validados para uso na população brasileira contemplam aspectos únicos do constructo psicossocial, revelando que o novo instrumento proposto nesse estudo, pode favorecer a análise de várias áreas/constructos de maneira simultânea. Embora tenha sido localizado, na língua inglesa, um instrumento voltado para a avaliação de aspectos psicossociais, a adaptação desse instrumento não foi proposta, uma vez que a escala investiga situações voltadas para o impacto que o esporte promove no âmbito social e não a relação dos aspectos psicossociais na adaptação do atleta no clube e, conseqüentemente, na performance esportiva.

Com a primeira versão do instrumento finalizada, dois estudos voltados à investigação do quanto os itens avaliam o construto (fator psicossocial) e as sete dimensões propostas, bem como a adequação ao público alvo, foram conduzidos antes que a coleta de dados empírica fosse iniciada. Para o primeiro, um estudo de busca por evidências de validade de construto foi organizado e, para o segundo propósito, a condução de estudo piloto, cujos procedimentos e resultados serão apresentados nos Estudos 2 e 3, a seguir.

Estudo 2: Evidências de validade de conteúdo

A construção de um instrumento psicológico exige etapas e procedimentos rigorosos que devem compor três eixos diferentes e denominados por Pasquali (1999) como: procedimentos teóricos, empíricos ou experimentais e analíticos ou estatísticos. Para tanto, a investigação teórica deve preceder a construção dos itens, e direcionar as etapas seguintes de construção, como já descrito no Estudo 1. Considerando que o sistema psicológico elegido para investigação não pode ser medido diretamente, são delimitadas as propriedades relevantes definidas a partir dos estudos teóricos e dos fatores considerados importantes, pelo pesquisador, para compor as dimensões do instrumento. Todo o conceito teórico deverá ser transformado em itens mensuráveis, ou seja, devem ser definidos operacionalmente, e ao final desse processo, submetidos à análise de juízes (especialistas e peritos na área do construto) e à análise semântica pelo público-alvo (Pawlowski, Trentini, & Bandeira, 2007).

A análise dos especialistas consiste em uma revisão dos itens do instrumento, com o objetivo de verificar se o conteúdo representa o construto, sendo essencial que os juízes sejam especialistas no construto ou na área de construção de instrumentos (Alves, Souza, & Baptista, 2011; Borsa, & Seize, 2017). Tal procedimento contribui para o reconhecimento dos aspectos fortes e fracos do instrumento, anteriormente à aplicação empírica (Primi, 2011). Já a análise semântica propõe verificar se os itens podem ser compreendidos e se apresentam validade aparente (Pawlowski et al., 2007). Essa etapa

compreende o estudo de validade de conteúdo do instrumento, cujos resultados serão relatados nesse estudo.

Objetivos

Para este estudo foram delineados dois objetivos:

- Buscar evidências de validade baseadas no conteúdo para a Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação por meio da análise da estimativa da porcentagem de concordância entre juízes e por meio da análise do coeficiente de Kappa.
- Selecionar os itens que apresentaram concordância superior a 80% entre os juízes participantes desse estudo.

Hipóteses

H₁: É possível observar concordância entre os juízes quanto aos itens apresentados na *Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação* e a concordância não ocorre por casualidade.

Etapas

Os procedimentos adotados e os resultados obtidos nesse estudo foram descritos separadamente, visando facilitar a compreensão de cada uma das etapas que compuseram essa fase da pesquisa. O estudo aqui apresentado contempla a análise da concordância entre juízes (rodada 1 e rodada 2), bem como análise do coeficiente kappa, direcionadas para os procedimentos adotados para avaliação da validade de conteúdo.

Avaliação dos especialistas

A análise de juízes se fundamenta no julgamento realizado por um grupo de especialistas, sendo eles responsáveis por avaliar se o conteúdo apresentado está adequado a proposta do estudo (Moura, Bezerra, Oliveira, & Damasceno, 2008), assim como analisar a representatividade e clareza de cada item da escala (Rubio, Berg-Weger, Tebb, Lee, & Rauch, 2003). Recomenda-se a participação de um mínimo de cinco e um máximo de dez especialistas para tais análises (Lynn, 1986), entretanto, vale ressaltar que esse tipo de estudo pode apresentar limitações, especialmente pelo fato das avaliações dos especialistas partirem de um olhar subjetivo, o que pode favorecer distorções de interpretação no momento da análise do conteúdo (Rubio, et al., 2003).

Participantes

Seguindo as recomendações de Lynn (1986) para a realização desse estudo, foram convidados um total de seis juízes, os quais deveriam apresentar no mínimo seis anos de atuação profissional em psicologia do esporte e/ou construção de instrumentos. Para compor a seleção, considerou-se importante que os juízes fossem especialistas, mestres ou doutores nessas áreas específicas. Aqueles que por eventual problema não completaram os procedimentos de avaliação de todos os itens da escala, optaram por desistir da tarefa ou retiraram seu consentimento, foram excluídos enquanto participantes. Considerando que um dos juízes não havia mínimo de seis anos de experiência em nenhuma das áreas exigidas para participação (avaliação

psicológica e psicologia do esporte), as respostas foram desconsideradas, mantendo para essa etapa apenas um total de cinco juízes que atendiam todos os requisitos.

No final, a amostra foi composta por juízes independentes, todos do sexo feminino, com idades entre 29 e 45 anos ($M= 35,8$ anos; $DP= 5,8$) e, tempo médio de atuação profissional entre 6 e 17 anos ($M=11,6$; $DP=3,9$), sendo: o J1, doutor em psicologia e especialista em avaliação psicológica, com 17 anos de experiência na área; dois juízes (J2 e J3) especialistas em psicologia do esporte com 12 anos de atuação na área de alto rendimento; o J4, estudante de doutorado em avaliação psicológica, especialista em psicologia do esporte e com seis anos de atuação no esporte de alto rendimento, e por último, juiz (J5), doutor em psicologia e especialista em psicologia do esporte com 11 anos de atuação no esporte de alto rendimento. A amostra abrangeu participantes de três cidades do Estado de São Paulo (São Bernardo do Campo, São Paulo e Campinas) e um participante de Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Como critérios de inclusão, os participantes deveriam apresentar, no mínimo, seis anos de atuação profissional em psicologia do esporte e/ou construção de instrumentos. Para compor a seleção, considerou-se importante que os juízes fossem especialistas, mestres ou doutores nessas áreas específicas.

Instrumento

O instrumento utilizado para esse estudo foi a “Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação”, o qual já foi devidamente apresentado no Estudo 1.

Para obter as avaliações dos juízes, foi elaborado o *Formulário 1* (Anexo 2) - baseado nas sugestões de Pasquali (2009), contendo: título do instrumento, descrição do modelo teórico usado como base para a construção da escala, definição de cada uma das áreas avaliadas e, por último, tabela com cada um dos itens (n=158). Na última coluna, o juiz deveria marcar qual área ele julgava que o item avaliava.

A Tabela foi estruturada para que os juízes indicassem qual área cada um dos itens se enquadrava, e para facilitar a compreensão, as áreas foram nomeadas como fatores, sendo: (F1) comportamento familiar no esporte, (F2) bem-estar psicológico, (F3) bem-estar físico, (F4) aspectos técnicos, (F5) aspectos gerais da instituição, (F6) rede de apoio social e (F7) planejamento da carreira profissional. Nesse mesmo formulário, os juízes puderam sugerir alterações em itens específicos, caso observassem tal necessidade.

Procedimentos

Após aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Puc-Campinas (CAAE 23252919.2.0000.5481), os participantes foram contatados por telefone para esclarecimentos sobre a pesquisa, compreensão quanto aos pré-requisitos definidos nos critérios de inclusão e extensão do convite para participação enquanto juiz. Apenas um dos profissionais não cumpriu o tempo mínimo de atuação em uma das áreas

específicas (esporte ou avaliação psicológica), sendo descartado dessa etapa da pesquisa.

Posteriormente à seleção dos participantes, foi enviado, por e-mail, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 3) e “Formulário 1” (Anexo 2) - no qual foi apresentado a descrição da tarefa a ser desenvolvida por cada juiz (ler cada um dos itens que compõem a escala, julgando em qual das áreas ele se enquadrava, marcando-se com um “x” na coluna correspondente), sendo ainda oferecidas as definições de cada área. Para maior controle dos dados, foi atribuído um número para cada juiz (J1, J2, J3, J4 e J5) e vale dizer que não foram informados sobre quem eram os demais participantes desse estudo.

Com a finalidade de evitar que os itens estivessem agrupados de acordo com as áreas que avaliavam, eles foram organizados em uma única lista e classificados de forma alfabética. Esse procedimento foi adotado com o intuito de dificultar aos juízes a descoberta dos itens, verificando a disposição deles, de forma que não fosse possível identificar os subgrupos de itens por similaridade ou proximidade. Todos os juízes tiveram aproximadamente quinze dias para avaliar os 158 itens da escala, devolvendo, posteriormente, por e-mail, o TCLE assinado e o “Formulário 1” devidamente preenchido.

Após o recebimento do formulário, efetuou-se o levantamento das categorias apontadas pelos juízes para cada um dos itens da escala, utilizando-se, para análise dos dados, dois diferentes procedimentos: porcentagem de concordância e o cálculo do coeficiente Kappa para cada juiz.

O procedimento de verificação de concordância inter-observadores, por meio da estimativa da porcentagem de concordância entre juízes independentes, bem como o coeficiente Kappa, tem sido considerado um índice útil quando vários avaliadores julgam um grupo de objetos em categorias nominais, sendo, seus resultados utilizados para descrever e testar o grau de concordância (confiabilidade e precisão) na classificação de diferentes juízes (Perroca & Gaidzinski, 2003).

Etapa 1: Concordância entre juízes – Rodada 1

Análise de Dados

Para a estimativa da concordância, as respostas de cada um dos juízes foram digitadas em uma planilha contendo dez colunas sendo: a 1ª indicando o número do item (de 1 a 158), 2ª coluna apresentando a descrição do item, 3ª a 7ª colunas direcionadas para indicação das respostas dos juízes participantes (J1, J2, J3, J4 e J5), 8ª coluna correspondente às informações de gabarito, ou seja, as respostas do “juiz ideal” (representadas pelo fator para o qual, originalmente, o item foi desenvolvido), 9ª coluna direcionada para identificar o número de respostas concordantes entre si (0 a 5 respostas) e, por último, a 10ª coluna a qual informava as porcentagens das respostas iguais apresentadas por todos os participantes para cada item (0 a 100%).

A análise das respostas dos juízes considerou apenas os itens que foram considerados adequados e, conseqüentemente, mantidos na escala.

1ª rodada: análise de juízes

Após essa rodada de avaliação, dos 158 itens originalmente desenvolvidos para a Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação, um total de 28 itens apresentaram concordância mínima de 80%, e 79 itens, concordância de 100% no elemento fundamental desenvolvido originalmente; 18 itens, indicaram concordância para outros elementos fundamentais que não os originalmente definidos, indicando que os juízes entenderam que os conteúdos das afirmações estavam mais adequados para avaliar outras áreas de investigação; 33 itens permaneceram abaixo da porcentagem mínima sugerida por Pasquali (1999), ou seja, inferior a 80% de concordância entre os especialistas, sugerindo a necessidade de nova rodada para análise apenas desses itens. O detalhamento dos resultados por fator é apresentado no Quadro 3 a seguir.

Dimensão	Número de itens avaliados	Itens com concordância igual ou superior a 80%	Porcentagem de itens adequados	Itens selecionados para segunda rodada de avaliação	Itens que apresentaram concordância em outra dimensão
Comportamento familiar no esporte	24	23	95,8	Item 152	12
Bem-estar psicológico	25	13	52,0	Itens 19, 39, 58 e 82	8

continuação					
Dimensão	Número de itens avaliados	Itens com concordância igual ou superior a 80%	Porcentagem de itens adequados	Itens selecionados para segunda rodada de avaliação	Itens que apresentaram concordância em outra dimensão
Bem-estar físico	19	12	63,1	Itens 9, 11, 15, 38, 41, 60 e 64	1
Aspecto técnico	20	19	95,0	Item 44	2
Fatores gerais da instituição esportiva	21	13	61,9	Itens 3, 18, 21, 23, 116, 117, 143 e 144	2
Rede de apoio social	22	16	72,7	Itens 49, 71, 108, 149, 150 e 156	1
Planejamento da carreira profissional	27	21	77,7	Itens 14, 16, 40, 50, 68 e 69	5

Quadro 3. Resultados da primeira rodada de avaliação dos juízes

2ª rodada: análise de juízes

Os mesmos juízes foram convidados a avaliarem, novamente, os 33 itens. Nenhuma alteração foi feita na redação dos itens. Seguiram para a

segunda análise dos juízes os itens que apresentaram porcentagens inferiores ao mínimo exigido (80%), ou seja, que aparentemente geraram confusão no entendimento do conteúdo por parte dos especialistas.

Essa segunda análise mostrou que dos 33 itens, um total de 22 continuaram apresentando discordância entre os especialistas, sendo excluídos da escala para a próxima etapa da pesquisa. Vale observar que o F3 – “bem-estar físico” (com sete itens) e o F5 – “adaptação a instituição esportiva” (com 8 itens), foram as dimensões que mais apresentaram itens com conteúdo que geraram dúvidas no ato da indicação dos especialistas e, conseqüentemente, as dimensões com maior número de itens eliminados.

Dimensão	Número de itens avaliados	Itens com concordância igual ou superior a 80%	Porcentagem de itens adequados	Número de itens excluídos	Itens que apresentaram concordância em outra dimensão
Comportamento familiar no esporte	1	-	-	1	-
Bem-estar psicológico	4	1	25,0%	-	3
Bem-estar físico	7	-	-	5	2
Aspecto técnico	1	-	-	1	
Fatores gerais da instituição esportiva	8	1	12,5%	7	-

Continuação					
Dimensão	Número de itens avaliados	Itens com concordância igual ou superior a 80%	Porcentagem de itens adequados	Número de itens excluídos	Itens que apresentaram concordância em outra dimensão
Rede de apoio social	6	-	-	4	2
Planejamento da carreira profissional	6	2	-	3	-

Quadro 4. Resultados da segunda rodada de avaliação dos juízes

Os resultados ajudaram a compreender que dos 11 itens que alcançaram concordância mínima e, portanto, mantidos na escala, apenas quatro deles permaneceram no elemento fundamental originalmente desenvolvido, sendo o restante avaliado como mais adequados a outras dimensões da escala.

Após essa segunda rodada, 22 itens ainda continuaram apresentando discordância entre os especialistas. Por tal motivo foram excluídos da escala. Vale observar que o F- 3 – “bem-estar físico” (com sete itens) e o F-5 – “adaptação a instituição esportiva” (com 8 itens), foram as dimensões que mais apresentaram itens com conteúdo que geraram dúvidas na indicação dos especialistas e, conseqüentemente, as dimensões com maior número de itens eliminados.

Os itens que alcançaram 80% ou mais de concordância entre os juízes foram mantidos no instrumento, seja no elemento fundamental originalmente

desenvolvido ou em outra área de avaliação indicadas pelos juízes. Os demais, que registraram porcentagem inferior, foram excluídos.

Após finalização dessa etapa, a escala passou de 158 para 136 itens, sofrendo ajustes nas quantidades de itens por elemento fundamental, conforme apresentado a seguir.

Elemento Fundamental	Itens desenvolvidos originalmente	Itens excluídos da escala	Itens que migraram para outro fator	Itens mantidos no fator original	Quantidade final de itens por fator
Comportamento familiar no esporte	24	1	0	2	25
Bem-estar psicológico	25	1	12	4	16
Bem-estar físico	19	6	2	1	12
Aspecto técnico	20	1	0	7	26
Aspectos gerais da instituição esportiva	21	6	2	6	19
Rede de apoio social	22	4	3	2	17
Planejamento de carreira profissional	27	3	6	3	21
Total de itens	158	22	25	25	136

Quadro 5. *Síntese da análise de concordância de juízes por dimensão.*

O Quadro 5, que descreve o panorama geral da análise de concordância entre os juízes, indicou os ajustes realizados ao longo do processo. Nota-se

que algumas áreas de avaliação tiveram redução expressiva na quantidade de itens, como é o caso do F2 e F3. O F2 teve o pior resultado de todos as áreas de investigação, isso porque os especialistas entenderam que praticamente metade dos itens desenvolvidos para essa área eram mais adequados a outros elementos fundamentais, contribuindo para a redução significativa do total de itens, que finalizou em 16. Nesse caso, a análise dos juízes permitiu compreender que os itens que migraram para outros elementos, representavam melhor outras áreas.

O F3 também passou pelo mesmo processo de perdas, entretanto em uma porcentagem menor (30%), quando comparada ao F2. Para essa área de avaliação, o fator que mais contribuiu para essa situação foi o dos itens descartados da escala por não alcançarem o mínimo esperado de concordância entre os juízes, indicando que as afirmações causaram dúvidas no entendimento do conteúdo dos itens. Ao final, foi mantido 12 itens para representar esse fenômeno.

Na contramão dessas duas áreas, o F4, além de perder apenas um item, recebeu outros sete, apresentando um aumento expressivo na quantidade total dos itens (n=27). Essa situação revelou que os juízes consideraram que os conteúdos que investigavam aspectos técnicos, mesmo que originalmente desenvolvidos para avaliar outros fatores da vida do atleta, deveriam ser alocados no mesmo elemento fundamental.

A análise de concordância entre os juízes ajudou a identificar os 22 itens que expressaram conteúdo duvidoso e, portanto, deveriam ser excluídos da

escala. Com a conclusão dessa etapa do estudo, permaneceram na “Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação”, um total de 136 itens.

Coeficiente Kappa

Após a etapa de análise dos juízes, a versão final da escala com 136 itens foi submetida à novo procedimento, visando buscar evidências de validade baseadas no conteúdo e identificar os pontos fortes e fracos do instrumento, de maneira que os resultados puderam auxiliar o processo de adequação antes de ser aplicado na amostra de validação. Embora tenha sido realizada a análise de concordância entre juízes, em fase posterior, Perroca e Gaidzinski (2003) sugerem a necessidade de monitorar a confiabilidade e validade do instrumento para determinar a exatidão das informações fornecidas por ele. Um dos critérios para avaliação da qualidade de um instrumento e sua confiabilidade pode ser considerada maior quando, em repetidas mensurações de um atributo, obtém-se uma menor variação (Poli & Hungler, 1995).

Para tanto, foi realizada a análise do Coeficiente de Kappa para cada um dos juízes participantes da etapa anterior foi conduzida. Esse procedimento estatístico é definido como uma medida utilizada para descrever e testar o grau de concordância (confiabilidade e precisão) na classificação de diferentes juízes (Kotz & Johnson, 1983). Entretanto, de acordo com Perroca e Gaidzinski (2003), esse método estatístico não deve ser utilizado indiscriminadamente, como uma única medida de concordância, justamente por apresentar limitações na medida em que não fornece informações sobre a estrutura de concordância e discordância, e em algumas vezes, deixa de considerar

aspectos importantes nos dados. Em virtude dessas questões, Silva e Pereira (1998) recomendam a necessidade de complementar a análise com outras abordagens, e com o intuito de seguir tal orientação, esse estudo foi desenvolvido considerando empregar a análise de verificação de concordância inter-observadores, por meio do cálculo da porcentagem de concordância entre juízes independentes, de maneira que os dois métodos aplicados se complementaram.

Os cálculos desenvolvidos para o coeficiente de Kappa foram realizados a partir do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) – versão 22. Para compreensão dos resultados, foi realizada a comparação entre os valores indicados pelos especialistas para cada item e os valores do “juiz ideal”, ou seja, a classificação originalmente desenvolvida para cada item. Para a análise qualitativa, estabeleceu-se os valores de Kappa recomendados por Fleiss (1981) e Fonseca, Silva e Silva (2007), sendo: acima de 0,75 indicariam uma concordância excelente; entre 0,40 e 0,75, uma concordância satisfatória; e abaixo de 0,40, uma concordância insatisfatória.

Procedimentos

Após encerramento das etapas anteriores voltadas para análise dos percentuais de concordância entre os juízes, foi estruturado uma planilha final com a descrição do conteúdo do item, as respostas de todos os cinco especialistas e os valores representados pelo “juiz ideal”. Importante salientar que as respostas consideradas para análise do coeficiente de Kappa são as mesmas obtidas na análise de concordância entre juízes realizadas nas fases 1

e 2. Desta forma, a planilha final foi composta pelos 136 itens que alcançaram a porcentagem superior a 80% de concordância.

Resultados

De acordo com a análise do coeficiente de Kappa, observa-se concordância considerada satisfatória (entre 0,40 e 0,75) para os juízes J1, J2 e J5 e concordância excelente (acima de 0,75) para os juízes J3 e J4, indicando que todos os juízes participantes desse estudo obtiveram classificações satisfatórias e excelentes. A Tabela 1 apresenta os resultados encontrados.

Tabela 1

Detalhamento dos resultados dos Juízes.

Identificação	Nº de itens avaliados	Número de acertos	% de acertos	Kappa	Spearman
Juiz 1	136	102	75	0,70**	0,67**
Juiz 2	136	104	76,47	0,72**	0,71**
Juiz 3	136	111	81,61	0,78**	0,78**
Juiz 4	136	109	80,14	0,77**	0,80**
Juiz 5	136	106	77,94	0,74**	0,74**

Nota. * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,001$

A partir dos resultados apresentados na Tabela 1, tanto na análise de porcentagem de concordância entre juízes, quanto no cruzamento entre

classificações dos juízes e o juiz ideal, foi possível afirmar a existência de validade de conteúdo para a Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação.

Discussão

O presente estudo contou com a participação de juízes os quais, avaliaram o conteúdo de cada um dos 136 itens da escala. A tarefa solicitou que os especialistas indicassem a qual área de investigação cada um dos itens parecia ser mais adequado, sendo tal adequação, baseada nos critérios de clareza, precisão e relevância. De acordo com Pasquali (2011), o critério de clareza relaciona-se ao fato do item ser inteligível para todos os estratos da população-alvo; relevância indica a consistência do item com o traço definido e com as demais afirmações que envolvem o mesmo atributo e, por último, precisão a qual estabelece que o item deve possuir uma posição definida no atributo e ser distinto dos demais que avaliam tal dimensão.

A partir desses critérios, observou-se que 111 itens da escala atenderam os três critérios (clareza, relevância e precisão), indicando que todos os juízes concordaram que os conteúdos dos itens estavam adequados às dimensões desenvolvidas originalmente para a escala. Importante ressaltar que 25 dos 136 itens apresentaram maior relevância para outra dimensão da escala que não a desenvolvida originalmente pela pesquisadora, como será descrito em alguns exemplos a seguir.

Em relação aos resultados que envolveram a avaliação dos conteúdos dos itens, os dados indicaram que o F1- “comportamento familiar no esporte”

tive praticamente todos os itens aprovados logo na primeira rodada, indicando definições precisas, ou ainda que, o conteúdo avaliado nessa dimensão fosse de maior conhecimento dos especialistas. O fato de ter sido registrado a exclusão de apenas um dos itens que compunham inicialmente essa área de investigação e, nenhuma das afirmações serem direcionadas para outro elemento fundamental, reforçam a ideia de que os juízes não tiveram dúvidas que todos os itens representavam a dimensão originalmente desenvolvida.

Atentando aos dados do F2 - “bem-estar psicológico”, os juízes acharam adequado o ajuste de praticamente metade dos itens à outras dimensões. O fato de o conteúdo indicar aspectos de ordem emocional, mas relacionado à um assunto específico, parece ter confundido os juízes quanto à área original de investigação do item. Concluíram que parte dos itens estavam mais relacionados a outros elementos fundamentais, como no caso dos itens “*minha habilidade técnica irá me destacar no esporte*” (102) e “*peço informações sobre meu rendimento esportivo*” (124), que embora tenham sido elaborados visando compreender fatores de autoconfiança e estratégias de enfrentamento respectivamente (por parte dos atletas), foram alocados pelos especialistas no F4 – “aspecto técnico”. Parece que o fato de os conteúdos esboçarem informações de cunho técnico sobre o esporte, direcionou os juízes para a escolha dessa área de investigação e que as descrições conceituais apresentadas nos itens poderiam representar ambas as dimensões, favorecendo para a transição entre tais áreas de avaliação. Essa situação reflete o que Campestrini (2015) explicou sobre a visão sistêmica no esporte,

na qual os conhecimentos não podem ser vistos como separados e/ou como células, mas sim como conhecimentos que interagem entre si.

A mesma situação foi observada para alguns itens que pareceram mais adequados ao F5 – “Adaptação à instituição esportiva”, especialmente nos casos de conteúdos que investigavam o bem-estar psicológico (F2) do atleta relacionados a instituição. Percebeu-se que afirmações que apresentaram tal conteúdo direcionaram a escolha dos juízes: “*me sinto bem no clube que estou atualmente*” (74) e “*tenho dificuldades de me adaptar as regras do clube*” (146). Desta forma, foram entendidos como mais pertinentes a área de investigação da instituição esportiva, mesmo avaliando originalmente o estado psicológico do atleta.

Notou-se que a proximidade de conteúdo entre alguns itens do EF2 – “bem-estar psicológico” e o F7 – “planejamento de carreira profissional”, foi o suficiente para gerar dúvidas na análise dos juízes, como nos itens (46) “*não lido bem com críticas*” e (114) “*no futuro serei reconhecido profissionalmente*”. De acordo com a análise de concordância, os itens pareceram mais adequados à área de investigação F7, mesmo tendo seu conteúdo original dedicado para investigar o gerenciamento de críticas e expectativas de futuro.

Os estudos entre juízes revelaram inconsistência no conteúdo de alguns dos itens dos F3 – “bem-estar físico” e F5 – “adaptação a instituição esportiva”. Isso foi percebido considerando que, praticamente, 30% dos itens dessas áreas de investigações foram excluídos da escala; os especialistas apresentaram dificuldades em alocá-los em uma única dimensão, como no caso dos itens (15) “*as cargas de treino são adequadas*” e (41) “*estou adaptado*”

ao *estilo de treino físico*”, ambos originalmente desenvolvidos para o F3, direcionado para compreensão da percepção dos fatores que podem impactar no rendimento físico; itens associados à adaptação da instituição (F5), como: (3) *“a estratégia do clube para alcançar os resultados esportivos é adequado”* e (21) *“concordo com o estilo de cobrança por resultados realizados pelo clube”* também geraram dúvidas aos juízes quanto a área de avaliação mais adequada. Como não houve concordância mínima (80%) para permanência, todos foram retirados da próxima fase da pesquisa. Parece que no caso desses itens, o conteúdo não apresentou de forma clara o que desejava avaliar, causando dúvidas e provocando essa discordância entre os especialistas, mesmo após duas rodadas. Ainda assim,

A última dimensão que se destacou durante a avaliação dos juízes foi o F4 – *“aspecto técnico”*, justamente por questões contrárias aos F3 e F5. Nessa área de investigação, registrou-se a migração de um número significativo de itens advindos de outros elementos fundamentais. Itens que investigavam conteúdos como *“busco melhorar meus rendimentos”* (20), *“peço informações a comissão técnica sobre meu desempenho esportivo”* (124) ou *“tenho dificuldades para entender o que é solicitado durante os treinos físicos”* (147), foram indicados pelos especialistas como itens que apresentavam atributos mais adequados ao F4. Notou-se que as afirmações que relacionavam questões técnicas, o que pode ter enviesado o entendimento dos juízes no momento da análise das áreas mais propícia aos itens.

Ao que se refere a contribuição dos juízes, procedeu-se com a análise dos coeficientes de Kappa, com propósito de avaliar a qualidade das

classificações realizadas pelos especialistas. Os resultados indicaram para coeficientes classificados como excelentes para dois juízes e satisfatórios para três juízes, conforme critérios de classificação de Fleiss (1981) e Fonseca, Silva e Silva (2007). Desta forma, tal procedimento indicou que a análise dos itens apontou para resultados adequados.

Vale ressaltar que apenas um dos juízes que participou desse estudo não tinha experiência com a psicologia do esporte, e curiosamente, foi o juiz que apresentou menor números de acertos entre os especialistas, quando comparados ao juiz ideal. Parece que ter experiência específica com modalidades de alto rendimento, contribuiu para maiores índices de acertos na tarefa de indicar o melhor elemento fundamental para cada item da escala. Esse dado reforça a ideia de que ser especialistas e ter experiência na área de investigação pode facilitar a compreensão dos temas avaliados.

Os estudos permitiram finalizar o processo de desenvolvimento do instrumento, assim como indicaram evidências iniciais de validade baseadas no conteúdo (Primi, 2011). Tais resultados permitiram que a versão final da escala seguisse para a fase de avaliação de adequação à população alvo, por meio de estudos empíricos, a partir dos quais será possível investigar outras evidências de validade. Os estudos conduzidos estão descritos a seguir.

Estudo 3: Piloto

No processo de construção de um instrumento, diversas ações devem ser conduzidas para investigar a qualidade do material que está sendo desenvolvido (Pacico, 2015). Uma delas envolve verificar se os itens estão compreensíveis a população alvo (Pasquali, 2011), identificar erros de gramática, ortografia e semântica (Fonseca, Gontijo, & Souza, 2015), assim como obter informações específicas e iniciais da amostra (Pacico, 2015). Tais procedimentos estão incluídos na análise semântica.

Para tanto, é sugerido que esse tipo de análise seja realizado logo após os estudos com juízes, justamente para que se possa testar a versão final da escala proposta pelos especialistas (Fonseca, et al., 2015), antes da condução da coleta de dados em amostras mais amplas. A partir da condução desse estudo, verifica-se a adequação dos itens para a população alvo, buscando a identificação de termos confusos ou de difícil compreensão, bem como a adequação das instruções e do formato da escala de respostas, no que se refere à clareza e compreensão dos itens e do processo de resposta (Borsa & Seize, 2017).

Objetivos

- Verificar a adequação do conteúdo dos itens da Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação junto a população alvo.
- Identificar possíveis erros ortográficos, gramaticais e semânticos apresentados nos itens da escala.

Hipótese

H₁: Os itens desenvolvidos para a escala se apresentam adequados para a faixa etária alvo.

Etapas do Estudo Piloto

Visando especificar as etapas que fizeram parte desse estudo, optou-se por apresentá-las separadamente, sendo Etapa 1 e Etapa 2, ambas descritas a seguir.

Etapa 1

Participantes

Para composição dos participantes desse estudo, foram seguidas as orientações de Pasquali (2011), as quais sugerem formações de pequenos grupos, com idades extremas da população alvo, para trocas de informações sobre os conteúdos apresentados nos itens da escala.

Para tanto, optou-se por realizar seis encontros, organizados considerando as modalidades dos atletas que se disponibilizaram para essa etapa do estudo, bem como sua idade. Para cada modalidade, foram incluídos atletas com a menor idade (14 anos) e maior idade (18-20 anos), tendo-se realizado os encontros de forma separada com cada subgrupo.

Todos os jogadores selecionados estavam em processo de formação, federados por instituições com foco no alto rendimento, e em condição de alojamento, ou seja, residentes no clube entre 45 e 180 dias e, portanto, ainda em fase de adaptação às situações desse contexto.

Quase todos os participantes estavam vinculados a instituições de ensino, sendo que os atletas de 14 anos cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, dos quais três deles em colégio particular. No caso dos atletas mais velhos, foi observado condições diferentes, sendo: três atletas em situação escolar – na 3ª série do Ensino Médio, dois atletas com Ensino Médio completo e um atleta no segundo ano do Ensino Superior. Os dados dos participantes estão descritos na Tabela 2.

Tabela 2
Participantes da Etapa 1 do Estudo Piloto.

Modalidades	Idade		Sexo
Basquetebol	14 anos n=2	18 anos n=2	Masculino n=4
Futebol de Campo	14 anos n=2	20 anos n=2	Masculino n=4
Futebol de Salão	14 anos n=2	20 anos n=2	Masculino n=4

Instrumento

Para esse estudo, foi utilizada a versão preliminar da Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação, contendo os 136 itens mantidos após análise dos juízes especialistas.

Procedimentos

O estudo deu início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob número do parecer CAAE 23252919.2.0000.5481 - (Anexo 13). A coleta de dados foi

iniciada após a obtenção das autorizações das instituições esportivas (Carta de Autorização para Instituição - Anexo 7).

A primeira fase do estudo foi desenvolvida com grupos de três modalidades coletivas, formados por atletas que compunham as idades mínimas e máximas determinadas para a população alvo. Vale ressaltar que para o último estágio de formação esportiva, as equipes podem apresentar, em sua composição, atletas com idades inferiores aos 20 anos de idade. Isso ocorre porque o atleta ingressa no último estágio de formação por volta dos 18 e encerra com 20 anos de idade. Algumas equipes apresentam categorias de transição entre formação e profissional, sendo composta por atletas até 23 anos de idade. Entretanto, como essa fase de transição não é foco de investigação nesse estudo, as categorias consideradas para tanto foram as que apresentavam atletas entre 14 e 20 anos.

Após condução dos tramites iniciais, foram alinhados, com cada instituição, os dias e horários para realização do estudo. Para todos os grupos ficou definido o desenvolvimento da atividade antes do início dos treinos para evitar que os atletas respondessem ao instrumento cansados ou com sintomas decorrentes de fadiga física e psicológica.

Os grupos foram divididos por modalidades, primeiramente sendo iniciado com a equipe de basquete, seguindo o mesmo modelo com os atletas de futebol de campo e com os jogadores de futebol de salão. Após a leitura do item, os participantes foram interrogados acerca do que compreenderam da questão. Na ausência de dúvidas, seguiu-se para a análise do próximo item.

Os atletas também foram questionados sobre a existência de possíveis áreas e questões que não teriam sido englobadas nos itens propostos no instrumento.

Os participantes menores de idade assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para menores de 18 anos (Anexo 5), assim como seus responsáveis através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis (Anexo 4); por sua vez, os atletas maiores de 18 anos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para atletas maiores de 18 anos (Anexo 6).

Importante considerar que a pesquisadora se apresentou e explicou os procedimentos que seriam adotados no estudo, assim como quais as atividades que seriam realizadas pelos participantes. Após a leitura das instruções e apresentação do item de exemplo, foi iniciada a aplicação. Para compreensão do tempo total utilizado pelos participantes, optou-se por marcar o início e o fim da tarefa para cada grupo. Ao final, os atletas foram convidados a compartilhar as dúvidas, dificuldades, sugestões e percepções sobre o material. Vale ressaltar que os procedimentos foram igualmente mantidos nas etapas 1 e 2.

Resultados

Visando compreender as especificidades de cada faixa etária, a aplicação do instrumento foi dividida considerando atletas da mesma modalidade e da mesma idade. A partir desse procedimento, foi possível observar que todos os atletas mais jovens (14 anos) precisaram de aproximadamente entre 50 a 70 minutos para concluir a tarefa e apresentaram

maior dificuldades de compreensão de algumas palavras que compunham as afirmações da escala.

Foi possível notar que a aplicação coletiva para essa idade favoreceu trocas de informações ao longo da tarefa, ou seja, os participantes se sentiram a vontade para discutirem, de forma conjunta, cada um dos itens da escala, mesmo que a pesquisadora tenha reforçado a importância de fazer a leitura de maneira solitária. Importante ressaltar que esse comportamento foi observado em todos os grupos que compunham os atletas de 14 anos e, em virtude dessa situação, optou-se por fazer a leitura item a item durante a administração do instrumento para essa faixa-etária, visando mantê-los concentrados na tarefa. Parece que, para as situações expostas na escala, emergiu a necessidade de discussão de cada um dos temas investigados, sendo que cada atleta resolveu trazer exemplos ocorridos na vida pessoal provocando um debate para parte dos itens.

Não houve registro de problemas similares durante a aplicação dos atletas mais velhos (18 e 20 anos), os quais finalizaram a tarefa com cerca de 20 minutos, de maneira autônoma e reservada. Alguns participantes seguiram as orientações dadas pela pesquisadora e foram tirando dúvidas em situações específicas, como no caso de palavras que não haviam compreendido inicialmente. Para esse grupo, as expressões de dúvidas não favoreceram discussões coletivas, permitindo que a tarefa fosse realizada em menor tempo quando comparada ao grupo de atletas mais jovens. No final da atividade, expressaram suas opiniões, pontuando algumas situações que já tinham vivenciado ao longo da formação.

De forma geral, não foi registrado problemas de entendimento da tarefa, porém, importante lembrar que, embora todos os participantes compreenderam a necessidade de escolher a resposta que melhor lhe representava no momento, alguns demonstraram dificuldades em alternativas que as afirmações eram negativas ou extensas. Em situações como essa, a aplicadora explicou, com maiores detalhes, o contexto da afirmação, dando exemplos para facilitar o entendimento.

De acordo com o relato dos participantes, ao preencher o questionário, tiveram a oportunidade de refletir sobre situações vivenciadas no passado e situações que estavam ocorrendo no momento, sendo essa uma atividade que favorecia o autoconhecimento. Embora tenha sido uma tarefa extensa, considerando os 136 itens, foi avaliada como prazerosa pelos participantes, especialmente pela possibilidade de refletir sobre os próprios atos e sentimentos vivenciados. Parece que ao responder as afirmações, os atletas identificaram situações semelhantes na prática esportiva.

Os resultados indicaram a necessidade de ajuste de algumas afirmações que continham palavras não comuns ao vocabulário dos atletas, aquelas que apresentavam, em seu conteúdo, afirmações negativas e itens com afirmações extensas. No que se refere a ortografia, gramática, divisão dos itens por área de investigação, alternativas de respostas, explicação presente no cabeçalho do instrumento e exemplos cedidos para entendimento da tarefa, não houve identificação de problemas por nenhum dos grupos. Alguns exemplos dos ajustes realizados nos itens estão apresentados no Quadro 6, a seguir.

Conteúdo original por área de investigação	Conteúdo final após ajustes realizados a partir da Análise Semântica
<p data-bbox="255 414 766 459"><i>Comportamento familiar no esporte</i></p> <p data-bbox="223 481 790 672">48 gosto do jeito que minha família me cobra para que eu alcance bons resultados esportivos</p> <p data-bbox="223 683 790 828">50 ignoro a opinião da minha família ao que diz respeito a minha carreira profissional</p>	<p data-bbox="1013 414 1252 459"><i>Suporte familiar</i></p> <p data-bbox="965 504 1372 649">gosto do jeito que me cobra para que eu alcance bons resultados esportivos</p> <p data-bbox="965 683 1372 828">ignoro a opinião ao que diz respeito a minha carreira profissional</p>
<p data-bbox="343 862 662 907">Bem-estar psicológico</p> <p data-bbox="223 952 790 1097">28 desconsidero as críticas profissionais que recebo na minha carreira</p> <p data-bbox="223 1108 790 1254">62 me sinto desanimado profissionalmente com o esporte</p>	<p data-bbox="925 840 1332 929">Autorregulação Emocional e Cognitiva</p> <p data-bbox="965 974 1372 1075">desconsidero as críticas que recebo na minha carreira</p> <p data-bbox="965 1131 1372 1232">sinto-me desanimado com o esporte</p>
Bem-estar físico	Bem-estar físico
<p data-bbox="223 1388 790 1512">10 após o período de descanso, consigo me sentir bem fisicamente para o próximo treino</p> <p data-bbox="223 1523 790 1612">23 consigo me “recuperar bem” entre as sessões de treinos</p>	<p data-bbox="965 1344 1372 1489">após o período de descanso, me sinto bem fisicamente para o próximo treino</p> <p data-bbox="965 1523 1372 1612">recupero-me bem entre as sessões de treinos</p>
<p data-bbox="391 1635 630 1680"><i>Aspecto Técnico</i></p> <p data-bbox="223 1713 790 1859">22 consigo entender as orientações que o treinador passa durante o jogo</p> <p data-bbox="223 1870 790 1948">25 consigo realizar minhas ações técnicas de forma satisfatória</p>	<p data-bbox="973 1635 1212 1680"><i>Aspecto Técnico</i></p> <p data-bbox="965 1713 1372 1859">entendo as orientações que o treinador passa durante o jogo</p> <p data-bbox="965 1870 1372 1948">realizo as ações técnicas de forma satisfatória</p>

Continuação		
	Conteúdo original por área de investigação	Conteúdo final após ajustes realizados a partir da Análise Semântica
	Aspectos gerais da instituição	Adaptação ao clube
8	a quantidade de refeições fornecida pelo clube é adequada	a quantidade de refeições fornecidas é adequada
60	me sinto bem no clube que estou atualmente	sinto-me bem no clube que estou
134	tive dificuldades de me adaptar à equipe	tive dificuldades em me adaptar à equipe
	Rede de apoio social	Rede de apoio social
20	consigo encontrar meus amigos no final de semana	encontro meus amigos no final de semana
21	consigo encontrar meus amigos nos dias de folga	encontro meus amigos nos dias de folga
	Planejamento da Carreira Profissional	Carreira e Formação Profissional
18	consigo conciliar minha profissão esportiva com os estudos	consigo conciliar minha formação esportiva com os estudos
19	consigo dar conta de todas as atividades escolares	dou conta de todas as atividades escolares

Quadro 6. Exemplos de alterações semânticas das áreas de investigação e conteúdo dos itens da escala – Etapa 1.

Após a conclusão dos ajustes identificados, jugou-se necessário realizar a segunda etapa, a fim de verificar se as alterações realizadas haviam sido suficientes e se novas dúvidas e/ou dificuldades seriam relatadas pela amostra alvo.

Etapa 2

Participantes

Participaram dois atletas, do sexo masculino, sendo um de 14 anos e outro de 18 anos, ambos praticantes da modalidade de futebol de campo, vinculados a instituições de ensino, sendo que o atleta de 14 anos cursava o 9º ano do Ensino Fundamental, em colégio particular, e o atleta de 18 anos, aluno da 3ª série do Ensino Médio, em escola pública. Importante informar que esses participantes eram da mesma instituição esportiva, alojados e com ingresso no clube dentro do período pré-estabelecido, ou seja, até seis meses. Tais participantes não tomaram parte na primeira etapa.

Instrumento

Foi utilizada a Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação, já com as alterações de ordem semântica para os itens que indicaram maior dificuldade de compreensão pelos participantes da Etapa 1. Optou-se por utilizar a versão do instrumento no formato *online*.

Procedimentos

Na semana seguinte a finalização da Etapa 1, foi realizado o contato com os participantes dessa segunda etapa e agendado o dia e horário para proceder com a tarefa. Para agilizar o processo, no mesmo dia do primeiro contato, a pesquisadora enviou por e-mail os termos necessários para participação da pesquisa. Nesse caso, ao atleta menor de idade foi encaminhado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para menores de

18 anos (Anexo 5) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis (Anexo 4), assim como, enviou ao atleta maior de 18 anos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para atletas maiores de 18 anos (Anexo 6).

A aplicação foi realizada de forma coletiva, através da plataforma *Google Meet*, sendo os dois atletas convidados a acessarem o *link* disponibilizado pela pesquisadora, no qual seria realizada a reunião. Os mesmos procedimentos para administração do instrumento na Etapa 1 foram adotados e repetidos na Etapa 2, entretanto, considerando o formato diferente de aplicação, a pesquisadora apresentou os propósitos da pesquisa, explicou como os participantes deveriam proceder ao ler cada um dos itens e esclareceu as dúvidas surgidas. Na sequência, os atletas puderam acessar o *link* da escala e iniciar a análise dos itens.

Resultados

Nessa segunda etapa, os participantes responderam aos itens da escala com tempo menor quando comparado aos participantes da primeira etapa. O atleta com 14 anos necessitou de 16 minutos e o de 18 anos precisou de aproximadamente 12 minutos para finalizar a análise de todos os itens. Não houve relato de dificuldades de compreensão das situações expressas nas afirmações ou do formato da escala.

Um dos participantes respondeu ao instrumento via computador e, o outro, via aparelho celular, justamente para que pudesse observar problemas

ou necessidades de ajustes no *link* disponibilizado. De acordo com os participantes, não houve registro de problemas no uso dos dois equipamentos.

Vale destacar que nesse formato *online*, os atletas conseguiram se concentrar na tarefa e finalizar em menor tempo e, por meio desse novo modelo, observar que o tempo estimado para a aplicação do instrumento variava entre 12 e 16 minutos. Não foram identificadas dificuldades relacionadas a compreensão semântica, ortográficas e gramaticais dos itens. Desta forma, foi possível concluir que a escala, nessa versão, poderia ser submetida a estudos posteriores com a finalidade de verificar suas qualidades psicométricas.

Discussão

No estudo piloto da escala com os participantes da presente amostra, o objetivo era testar a versão final elaborada e identificar a necessidade de eventuais modificações de termos ou sentenças que pudessem dificultar o entendimento dos itens. A condução desse estudo se baseou nas recomendações da literatura científica, de que, durante o protocolo de desenvolvimento de um instrumento, torna-se importante, após o estudo de evidências de conteúdo, que o Estudo Piloto seja conduzido (Fonseca, Gontijo, & Souza, 2015; Pawlowski, Trentini, & Bandeira, 2007) viabilizando a compreensão e adequação do material pela população alvo (para a qual o instrumento será destinado (Irwing & Heghes, 2018). Essa etapa da pesquisa busca verificar se os itens podem ser compreendidos e se apresentam validade aparente (Pawlowski et al., 2007).

Nesse momento, os objetivos buscam reunir as percepções, sentimentos e ideias que os participantes podem ter apresentado sobre os temas discutidos na atividade (Dias, 2000) e, a partir disso, observar a avaliação da amostra quanto a linguagem empregada, aspectos semânticos, ortografia, gramática (Pasquali, 2011). Os dados podem ser utilizados para embasar alterações e aprimoramento do instrumento a partir da interação entre pesquisador e os participantes e discussões entre eles (Gomes, 2005).

Visando seguir os cuidados recomendados na literatura científica, a pesquisadora buscou participantes que atendiam às características definidas para a população alvo do instrumento, considerando idade, atuação em contexto esportivo de alto rendimento e residentes na instituição esportiva. Para possibilitar maior interação entre os participantes, foi definido a administração do instrumento em grupos semelhantes, ou seja, da mesma modalidade e idade. Aparentemente, a aplicação em pequenos grupos favoreceu maior discussão entre os atletas, trocas de ideias, relato dos sentimentos despertados ao refletir sobre os conteúdos de cada item. Parece que o fato de serem da mesma equipe permitiu que os atletas se sentissem a vontade de compartilhar ideias que lhes passavam pela cabeça ao longo das respostas.

Ao adotar esse procedimento, a pesquisadora identificou a necessidade de ajustar algumas afirmações que apresentavam palavras de difíceis compreensão e que não eram naturais do vocabulário dos atletas, como no caso do item 90 "*não gasto dinheiro com coisas supérfluas*", indicando necessidade de ajuste semântico e sendo alterado para "*não gasto dinheiro*

com coisas desnecessárias". O estudo também ajudou a observar que as afirmações dos itens estavam longas e, que muitas vezes, traziam dificuldades de interpretação, especialmente em conteúdos negativos, como no exemplo do item 66 "*mesmo cansado, não consigo ter um sono de qualidade*", que após os ajustes passou para "*mesmo cansado, durmo mal*".

Os resultados indicaram diversas alterações que foram realizadas. O fato de a afirmação ser longa comprometeu o entendimento do conteúdo e, em casos onde essa situação foi observada, exigiu, da pesquisadora, a leitura de cada afirmação e a explicação sobre o conteúdo exposto no item. Assim, a análise semântica cumpriu com seu papel ao identificar a necessidade de tornar os itens mais objetivos, evitando dúvidas entre os participantes em relação a escala (França & Schelini, 2014). Com os ajustes realizados, percebeu-se que tais problemas não foram mais identificados na Etapa 2 desse estudo.

Importante relatar que a segunda etapa desse estudo não pode seguir no formato lápis e papel, visto as limitações que o isolamento social provocou no país em virtude da Coronavírus. Para tanto, a versão *online* da escala foi criada visando não interromper a continuidade da pesquisa. Esse ajuste mostrou-se extremamente benéfico, uma vez que ampliou a possibilidade de aplicação em diversos grupos de equipes de alto rendimento no país e não apenas no estado de São Paulo, como havia sido previsto inicialmente.

A versão eletrônica possibilitou testar a funcionalidade da escala no sistema *online*, o envio de respostas, geração de dados, se os participantes conseguiam utilizar o sistema de forma adequada ou se o uso apresentava

problemas em acessos por diferentes aparelhos eletrônicos, como no caso de celulares e computadores. Esse processo ajudou a definir quais as formas de disponibilidade do *link* e orientação que seria dada aos futuros participantes da pesquisa empírica. À medida que nenhum problema foi relatado, entendeu-se que o protocolo estava pronto para aplicação empírica.

Cabe ressaltar que o estudo da análise de juízes, coeficiente Kappa e análise semântica, discutidos no Estudo 2 e 3, constituíram-se em etapas referentes ao primeiro estágio no processo de validação da escala em questão. Para tanto, a versão da Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação, seguirá para análise das evidências de validade baseada na estrutura interna e precisão por meio da consistência interna. Tais estudos, apresentados no capítulo a seguir, poderão auxiliar na compreensão das características psicométricas do instrumento.

Estudo 4: Evidências de validade baseadas na estrutura interna e precisão por meio da consistência interna

A literatura tem chamado atenção dos pesquisadores sobre uma adequada avaliação das propriedades psicométricas dos instrumentos (Salmond, 2008), sendo importante que diferentes estudos sejam conduzidos para investigar diferentes fontes de evidências de validade do instrumento que está sendo construído. Dentre as principais qualidades psicométricas, a precisão e evidências de validade são consideradas principais (Souza, Alexandre, & Guirardello, 2017).

O estudo teve como objetivos a investigação das evidências de validade baseadas na estrutura interna para a *Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação* e da precisão da escala e de suas possíveis subescalas. No estudo aqui apresentado, as evidências baseadas na estrutura interna serão investigadas por meio da análise fatorial exploratória (AFE), uma das ferramentas mais utilizadas entre os pesquisadores (Ambiel & Carvalho, 2017).

Na AFE é possível indicar a quantidade de fatores necessários para representar os dados (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009), aplicada quando não há teoria prévia ou quando há necessidade de confirmar ou refutar a estrutura fatorial (Damásio, 2012). Além disso, também é utilizada na redução de um determinado número de itens a um menor número de variáveis (Widaman, 2007). Já a precisão foi investigada através do índice alfa de Cronbach (α) (Rozzett, & Demos, 2010) - medida de precisão objetiva que

auxilia na compreensão da homogeneidade de um determinado grupo de itens (Ambiel & Carvalho, 2017).

Hipótese

H₁: Os dados empíricos confirmarão, por meio da AFE, a estrutura teórica de sete fatores teóricos que baseou a construção da Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação, assim como o instrumento apresentará índices adequados de precisão.

Participantes

A amostra foi composta por 518 adolescentes, predominantemente do sexo masculino (84,9%), com idades entre 14 e 20 anos ($M= 16,54$; $DP= 1,934$). No que se refere às questões escolares, os dados indicaram que 57% dos participantes eram alunos de escolas públicas, 21% alunos de escolas particulares e 22% não estudavam no momento da pesquisa, seja por evasão escolar ou por conclusão da modalidade de ensino. A maioria dos atletas (65%) residia no clube, ou seja, permaneciam alojados exclusivamente nas dependências da instituição. A outra parte da amostra (35%) dividia a rotina esportiva entre sua residência familiar e as dependências do alojamento oferecidas pelo clube. Todas essas informações foram detalhadas na Tabela 3 para melhor compreensão do perfil da amostra.

Tabela 3.

Perfil Sociodemográfico dos Participantes.

Idade	Número de participantes	Sexo feminino	Sexo masculino
14	100	10	90
15	89	14	75
16	79	15	64
17	82	13	69
18	64	8	56
19	58	9	49
20	46	9	37
Grau de Escolaridade	Número de participantes	Sexo feminino	Sexo masculino
Fundamental incompleto	106	10	96
Fundamental Completo	35	6	29
Médio Incompleto	238	37	201
Médio Completo	105	19	86
Superior Incompleto	31	6	25
Superior Completo	3	0	3
Período de Vínculo	Número de participantes	Sexo feminino	Sexo masculino
até 45 dias	43	3	40
45 - 60 dias	84	11	73
61 - 90 dias	64	6	58
91 - 120 dias	83	13	70
121 - 180 dias	244	45	199

Outra informação coletada refere-se a origem dos participantes (local de nascimento), considerando-se o Estado. De acordo com os dados apresentados na Tabela 4, os participantes eram de 25 Estados da federação

brasileira, não havendo participantes provenientes somente do Acre e Amazonas. Ao avaliar a origem por regiões, observa-se que a região sudeste foi a que apresentou maior número de atletas (56,56%), seguida da região nordeste (22,59%), sul (13,70%), centro-oeste (5,01%) e, por último, a região norte (2,12%).

Tabela 4

Participantes por Estado de Origem.

Origem	Total	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Alagoas	8	0	8
Amapá	1	0	1
Bahia	29	3	26
Ceará	10	0	10
Distrito Federal	6	1	5
Espírito Santo	11	1	10
Goiás	10	0	10
Maranhão	9	1	8
Mato Grosso	6	1	5
Mato Grosso do Sul	4	1	3
Minas Gerais	43	7	36
Pará	5	0	5
Paraíba	6	0	6
Paraná	22	4	18
Pernambuco	44	0	44
Piauí	2	0	2
Rio de Janeiro	27	5	22
Rio Grande do Norte	2	0	2
Rio Grande do Sul	18	0	18

Continuação

Origem	Total	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Rondônia	2	2	0
Roraima	1	0	1
Santa Catarina	31	12	19
São Paulo	212	40	172
Sergipe	7	0	7
Tocantins	2	0	2

Em seguida, o Estado onde o atleta encontrava-se atualmente foi investigado. Ao todo, clubes provenientes de 13 Estados brasileiros forneceram participantes para a pesquisa, além de dois países que apareceram como sendo o destino atual de atletas que decidiram atuar em campos estrangeiros. Os dados da Tabela 5, além de apresentar informações mais detalhadas sobre a localização dos atletas, indica que os participantes estavam federados, em sua maioria, em clubes localizados nas cidades do nordeste, sudeste e sul do país.

Tabela 5

Origem dos Clubes Participantes da Pesquisa.

Estado onde se localiza o clube atual	Quantidade de atletas	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Alagoas	1	0	1
Bahia	27	0	27
Ceará	15	0	15
Goiás	7	0	7
Mato Grosso	4	4	0
Minas Gerais	25	2	23
Paraná	24	3	21
Pernambuco	51	0	51
Rio de Janeiro	11	2	9
Rio Grande do Sul	34	0	34

Continuação.

Estado onde se localiza o clube atual	Quantidade de atletas	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Santa Catarina	23	12	11
São Paulo	290	55	235
Sergipe	4	0	4
Países Estrangeiros	2	0	2

Dos 518 desportistas, 85% eram registrados profissionalmente pelo clube e praticantes de esporte de alto rendimento (59 atletas do sexo feminino e 391 do sexo masculino) e 15% eram atletas amadores. Destes, embora participassem de competições oficiais na modalidade de alto rendimento, não eram remunerados formalmente (19 atletas do sexo feminino e 49 do sexo masculino). Ao todo, foi registrada a participação de atletas praticantes de 13 modalidades esportivas, com maior notoriedade daquelas coletivas, conforme descrito na Tabela 6.

Tabela 6

Participantes por Modalidade.

Modalidade esportiva	Quantidade de atletas	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Atletismo	1	0	1
Basquetebol	89	33	56
Boxe	3	0	3
Futebol de Campo	330	24	306
Futebol de Salão	49	7	42
Handebol	21	2	19
Judô	6	3	3

Continuação

Modalidade esportiva	Quantidade de atletas	Sexo	
		Feminino	Masculino
Natação	2	1	1
Polo Aquático	2	0	2
Rugbi	7	6	1
Voleibol	7	1	6
Wrestling	1	1	0

Como pode ser visualizado, a maior parte dos atletas era praticante de futebol de campo (63,7%), seguido de basquetebol (17,2%) e futebol de salão (9,4%). A predominância de atletas no futebol pode ser compreendida perante a visibilidade desse esporte e a tradição dos clubes em investirem na formação de atletas nessa modalidade.

Foram adotados como critérios de inclusão: atletas em formação, praticantes de modalidade esportiva de alto rendimento, em condições de alojamento ou que tivessem tido a oportunidade de residir no clube em alguns dias da semana, que tivessem ingressado na instituição esportiva por um período de no mínimo 45 e no máximo 180 dias e, portanto, ainda em fase de adaptação às situações desse contexto.

Foram considerados como critérios de exclusão: atletas que se apresentavam afastados da prática esportiva por condições físicas ou psicológicas, que nunca tivessem tido a oportunidade de utilizar o alojamento da instituição e que não completaram todas as respostas do instrumento.

Instrumento

Para condução do presente trabalho, foi utilizado a Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação, em sua versão informatizada, contendo 136 itens.

Procedimentos

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Puc-Campinas. Após aprovação (CAAE 23252919.2.0000.5481) – (Anexo 13), foram contatados, por conveniência, aproximadamente 220 clubes com modalidades direcionadas para a prática de alto rendimento. Todas as instituições receberam um folder de apresentação do estudo, com os dados gerais da pesquisa, contendo ainda documento de aprovação do Comitê de Ética, Carta de Autorização para Instituição (Anexo 7), TCLEs para os pais e/ou responsáveis (Anexo 8), Termo de Assentimento para indivíduos com idade inferior a 18 anos (Anexo 9) e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para atletas com idade entre 18 e 20 anos (Anexo 10).

Dentre todos os clubes consultados, 15 não autorizaram a realização do estudo (6,7%), sendo a pesquisa então conduzida junto a 205 instituições. Ressalta-se que 45 clubes solicitaram, à pesquisadora, a realização de uma reunião para melhor compreensão dos processos de preenchimento dos formulários, confirmação do perfil exigido para a pesquisa, tempo para respostas, entre outras dúvidas. A pesquisadora se manteve a disposição para esses e outros esclarecimentos durante todo o período de aplicação da escala. As aplicações foram conduzidas entre os meses de abril e agosto de 2020

É importante destacar que a pesquisadora atua como psicóloga do esporte e, por meio de seus contatos pessoais e profissionais, conseguiu alcançar esse número grande de clubes. Também foi utilizada a técnica da bola de neve, sendo solicitado, aos contatos, que indicassem outros contatos que pudessem colaborar na pesquisa.

Dentre as instituições que aceitaram, os responsáveis pelas equipes informaram quais os dias poderiam ser agendados para aplicação da escala. Contudo, é importante ressaltar que a coleta de dados foi efetuada durante o período de isolamento social em virtude do Coronavírus. Por tal limitação de acesso aos atletas e visando a coleta de dados em uma amostra representativa da população brasileira, a versão do instrumento foi informatizada. Esse procedimento permitiu que os atletas em condições de participar da pesquisa pudessem responder ao instrumento de suas residências.

Para viabilizar a participação, os termos mencionados também foram disponibilizados através de formulários *online*. Dessa forma, os participantes e seus responsáveis acessaram o *link* recebido por email, sendo que na primeira página o TCLE e/ou TALE era apresentado. Somente após a confirmação da participação, o atleta era autorizado a seguir para a próxima fase, ou seja, responder as perguntas do instrumento. O processo de resposta durou, em média, entre 12 e 15 minutos.

Como forma de agradecimento à colaboração, foi oferecida a possibilidade de a pesquisadora ministrar palestra sobre processo de adaptação ao esporte, porém, apenas duas instituições demonstraram interesse, sendo agendada sua realização para os dias sugeridos pela equipe.

Análise de dados

Para analisar os dados, foram tabuladas as respostas de cada um dos participantes a cada um dos itens, assim como as informações sociodemográficas (idade, sexo, grau de escolaridade, tipo de escola, modalidade esportiva, tempo de clube etc.).

Inicialmente o método Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi estimado. O valor encontrado foi de 0,892, indicando adequação dos dados para realização da análise fatorial. Igualmente, o teste de esfericidade de Bartlett também apresentou valor adequado ($\chi^2=35714$; $df= 9180$; $p<0,001$). Com o auxílio do pacote estatístico *Jamovi Stats Open Now* (versão 0.9), empregou-se a Análise Fatorial Exploratória (AFE) com a finalidade de explorar a dimensionalidade dos conjuntos de itens e reduzi-los a um menor número de variáveis. No que se refere a interpretação do significado dos fatores, foi utilizado o método de rotação Oblimin.

Para a manutenção dos itens nos fatores, adotou-se o valor mínimo de carga fatorial como 0,30. Os itens que apresentaram carga fatorial cruzada foram mantidos naqueles fatores em que a carga se mostrou maior. Posteriormente, foi realizada a análise de coeficiente de alfa de Cronbach tanto para os fatores do instrumento, como para a pontuação total, usando-se o mesmo pacote estatístico. Os seguintes valores foram tomados na interpretação da precisão: 0,60 e 0,70 considerados aceitáveis, 0,70 e 0,90 compreendidos como bons e valores superior a 0,90 considerados como excelentes (Kline, 2000).

Resultados

A análise do *scree plot* juntamente com os valores de eigenvalues maiores do que 1 foram tomados como critério para a retenção do número de fatores.

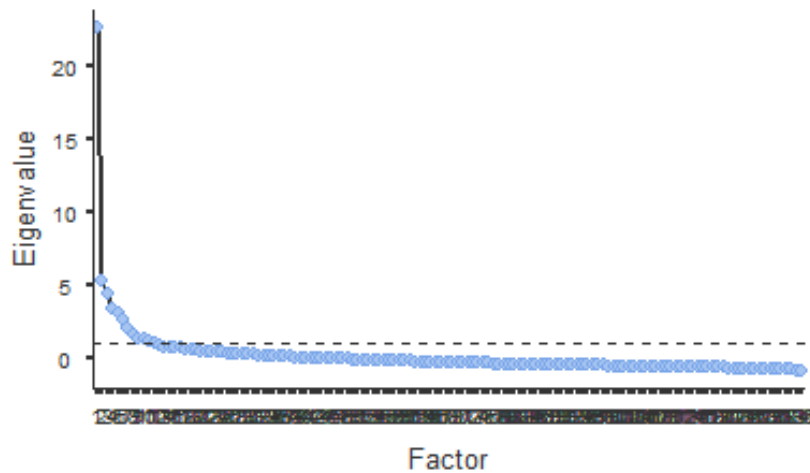


Figura 1. Scree plot.

Os resultados da AFE indicaram uma solução composta por 11 fatores. A decisão pelo número de fatores a serem retidos foi baseada tanto na análise do valor dos *eigenvalues* (maior do que 1) e na análise do *scree plot*. O modelo selecionado apresentou índices de ajuste considerados adequados (RMSEA = 0,04; $\chi^2=12690$; $df=7739$; $p<0,001$). Dos 136 itens, 28 não apresentaram carga fatorial superior a 0,30, sendo excluídos. Ao todo, foram mantidos na escala um total de 108 itens, cujo agrupamento dos itens é apresentado na Tabela 7.

Tabela 7

Descrição dos Fatores, alfa de Cronbach e Ômega McDonald.

	Item	Carga Fatorial	Unicidade	Média	DP	Correlação item-total	Alfa de Cronbach	Ômega de McDonald
F1: Suporte Familiar Adequado	SF1	0.367	0.692	4.22	0.919	0.456	0.885	0.897
	SF3	0.411	0.676	4.58	0.777	0.512	0.883	0.896
	SF4	0.576	0.621	4.43	0.831	0.562	0.882	0.894
	SF5	0.620	0.547	4.20	0.949	0.573	0.881	0.893
	SF7	0.638	0.564	3.96	1.199	0.622	0.879	0.892
	SF9	0.543	0.590	4.43	0.946	0.597	0.880	0.893
	SF10	0.641	0.541	4.29	0.965	0.605	0.880	0.892
	SF11	0.784	0.331	4.30	1.030	0.724	0.875	0.887
	SF12	0.721	0.421	4.50	0.832	0.682	0.878	0.889
	SF13	0.443	0.769	3.70	1.246	0.426	0.888	0.898
	SF14	0.569	0.545	4.48	0.861	0.590	0.881	0.893
	SF19	0.627	0.538	4.33	0.958	0.624	0.879	0.892
	SF21	0.514	0.721	4.02	1.340	0.507	0.885	0.896
	SF22	0.445	0.744	4.08	1.222	0.431	0.887	0.898
SF23	0.708	0.495	4.47	0.883	0.648	0.879	0.891	
SF24	0.326	0.783	3.71	1.344	0.397	0.890	0.900	
F2: Adaptação ao Clube Esportivo	ADAPC1	0.635	0.552	4.32	1.074	0.626	0.891	0.893
	ADAPC2	0.851	0.296	4.36	1.048	0.765	0.882	0.884
	ADAPC4	0.437	0.628	4.50	0.930	0.552	0.895	0.896
	ADAPC6	0.768	0.390	4.27	1.162	0.707	0.886	0.888
	ADAPC7	0.722	0.422	4.45	0.999	0.727	0.885	0.887
	ADAPC8	0.695	0.477	4.18	1.134	0.671	0.888	0.890
	ADAPC9	0.539	0.574	4.51	0.861	0.606	0.892	0.893
	ADAPC10	0.431	0.550	4.58	0.759	0.563	0.894	0.896
	ADAPC15	0.693	0.473	4.44	0.920	0.661	0.889	0.890
	ADAPC16	0.557	0.594	4.47	0.922	0.571	0.894	0.895
BEF5	0.425	0.639	4.40	1.005	0.523	0.897	0.898	
F3: Bem-Estar e Influência do Treinador	ATEC1	0.412	0.536	4.52	0.666	0.611	0.868	0.884
	ATEC3	0.667	0.385	4.69	0.619	0.714	0.864	0.879
	ATEC8	0.573	0.452	4.56	0.714	0.698	0.864	0.880
	ATEC9	0.485	0.576	4.74	0.645	0.601	0.868	0.884
	ATEC10	0.357	0.669	4.34	0.872	0.493	0.873	0.888
	ATEC11 ^a	-0.355	0.674	4.73	0.732	0.407	0.876	0.892
	ATEC13 ^a	-0.495	0.650	4.72	0.751	0.453	0.874	0.890
	ATEC15 ^a	-0.476	0.617	4.68	0.859	0.448	0.875	0.891
	ATEC16	0.320	0.726	4.39	0.983	0.443	0.877	0.890
	ATEC17	0.503	0.479	4.64	0.708	0.664	0.865	0.881
ATEC22	0.555	0.404	4.57	0.702	0.642	0.866	0.882	

	ADAPC5	0.327	0.685	4.63	0.745	0.423	0.876	0.891
	ADAPC12	0.575	0.366	4.80	0.562	0.681	0.867	0.880
	ADAPC13	0.530	0.460	4.75	0.612	0.622	0.868	0.883
	ADAPC14 ^a	-0.391	0.662	4.62	0.935	0.393	0.879	0.892
	ADAPC11	0.325	0.807	1.49	0.959	0.361	0.794	0.804
	ADAPC17	0.400	0.712	1.40	0.860	0.469	0.786	0.795
	ADAPC19	0.366	0.685	1.74	1.020	0.506	0.782	0.792
	A TEC14	0.339	0.724	1.54	1.034	0.361	0.794	0.804
	A TEC24	0.484	0.618	1.89	0.959	0.528	0.781	0.790
	A TEC25	0.494	0.647	1.63	0.894	0.530	0.781	0.790
F4: Dificuldades de Adaptação ao Esporte	A REC7	0.348	0.830	2.90	1.277	0.241	0.808	0.812
	SUPSOC10	0.309	0.784	1.37	0.947	0.342	0.795	0.805
	SUPSOC14	0.338	0.614	1.62	0.991	0.495	0.783	0.794
	SUPSOC15	0.335	0.709	1.61	1.033	0.427	0.789	0.799
	BEF4	0.395	0.693	1.78	0.974	0.461	0.786	0.797
	BEF6	0.318	0.788	1.99	1.050	0.399	0.791	0.802
	BEF7	0.378	0.797	2.18	1.044	0.394	0.791	0.802
	BEF9	0.448	0.631	1.76	0.926	0.474	0.785	0.796
	SUPSOC1	0.388	0.429	4.41	0.913	0.576	0.832	0.868
	SUPSOC2	0.373	0.799	3.00	1.409	0.365	0.860	0.887
	SUPSOC3	0.385	0.779	3.17	1.389	0.409	0.854	0.885
	SUPSOC5	0.531	0.536	4.43	0.865	0.573	0.833	0.869
	SUPSOC6	0.631	0.388	4.57	0.745	0.673	0.828	0.862
F5: Suporte Social Positivo	SUPSOC7	0.513	0.387	4.51	0.879	0.643	0.827	0.864
	SUPSOC8	0.596	0.417	4.61	0.711	0.627	0.831	0.865
	SUPSOC9	0.458	0.336	4.53	0.885	0.627	0.828	0.864
	SUPSOC13	0.613	0.481	4.27	0.868	0.617	0.829	0.867
	SUPSOC16	0.501	0.482	4.54	0.724	0.591	0.833	0.867
	SUPSOC17	0.504	0.603	4.15	0.952	0.540	0.835	0.873
	A TEC5	0.325	0.635	4.25	0.780	0.548	0.856	0.869
	A TEC7	0.303	0.666	4.39	0.742	0.520	0.858	0.871
	A TEC12	0.348	0.665	4.15	0.902	0.486	0.861	0.873
	A TEC2	0.401	0.390	4.82	0.459	0.627	0.857	0.865
	A TEC20	0.322	0.495	4.64	0.623	0.553	0.857	0.868
F6: Estratégias de Enfrentamento e Resiliência	A TEC23	0.354	0.541	4.66	0.594	0.583	0.856	0.867
	A REC2	0.503	0.556	4.36	0.776	0.563	0.856	0.868
	A REC3	0.621	0.495	4.51	0.714	0.619	0.853	0.865
	A REC4	0.552	0.490	4.60	0.664	0.607	0.854	0.866
	CFP5	0.317	0.631	4.50	0.751	0.492	0.860	0.872
	CFP7	0.329	0.780	4.49	0.975	0.420	0.866	0.876
	CFP8	0.467	0.663	4.60	0.710	0.539	0.857	0.871
	CFP17	0.450	0.628	4.51	0.791	0.545	0.857	0.870
	CFP21	0.398	0.760	4.44	0.848	0.432	0.864	0.875

F7: Engajamento Acadêmico	CFP3	0.653	0.422	3.72	1.15	0.704	0.809	0.819
	CFP4	0.650	0.466	3.60	1.20	0.671	0.813	0.823
	CFP11	0.935	0.169	4.04	1.32	0.723	0.804	0.813
	CFP12	0.947	0.127	3.97	1.29	0.757	0.798	0.808
	CFP16 ^a	-0.341	0.744	4.24	1.12	0.368	0.856	0.863
	CFP18	0.359	0.609	4.32	1.00	0.537	0.834	0.847
	CFP19	0.347	0.763	3.88	1.32	0.476	0.845	0.852
F8: Bem-Estar Emocional	AREC8 ^a	-0.514	0.393	1.27	0.593	0.599	0.717	0.776
	AREC9	0.801	0.297	1.27	0.644	0.704	0.679	0.747
	AREC10 ^a	-0.384	0.517	1.22	0.545	0.492	0.749	0.805
	AREC11	0.730	0.408	1.30	0.657	0.647	0.697	0.769
	CFP2	0.484	0.563	1.89	1.089	0.463	0.813	0.815
F9: Bem-Estar e Recuperação Física	BEF1	0.593	0.464	4.20	0.779	0.660	0.688	0.688
	BEF2	0.659	0.424	4.05	0.817	0.665	0.683	0.683
	BEF3	0.657	0.504	3.77	0.908	0.580	0.710	0.710
	BEF8 ^a	-0.302	0.708	4.28	1.036	0.344	0.807	0.807
	BEF12	0.383	0.518	4.45	0.787	0.517	0.733	0.733
F10: Ausência de Suporte Familiar	SF15	0.485	0.690	1.54	1.14	0.446	0.706	0.719
	SF16	0.602	0.636	2.11	1.36	0.516	0.679	0.695
	SF17	0.683	0.533	2.14	1.42	0.567	0.658	0.668
	SF18	0.763	0.419	2.10	1.45	0.648	0.621	0.629
	CFP6	0.379	0.709	1.64	1.22	0.306	0.751	0.756
F11: Feedback sobre Desempenho	A TEC6	0.719	0.463	3.44	1.147	0.634	0.634	0.718
	A TEC18	0.844	0.285	3.68	1.204	0.706	0.706	0.684
	A TEC19	0.370	0.593	4.34	0.785	0.434	0.434	0.783
	A TEC21	0.505	0.625	3.66	1.107	0.515	0.515	0.763
	A TEC26	0.415	0.637	4.02	1.108	0.494	0.494	0.768

O F1, composto por um total de 16 itens, reuniu apenas afirmações que indicavam comportamentos positivos da família diante da participação do filho no esporte. Nesse caso, todos os itens foram oriundos da mesma dimensão (suporte familiar), ou seja, não houve agrupamento de itens elaborados inicialmente para outros fatores da escala. Por retratar essas características, a dimensão passou a ser nomeada como “Suporte Familiar Adequado”. A carga fatorial dos itens variou entre 0,326 e 0,784.

O F2 agrupou um total de 11 itens os quais investigavam a percepção do atleta em relação ao alojamento, alimentação, estrutura do centro de treinamento e as regras de convivência determinadas pela instituição esportiva. O conteúdo dessa dimensão manteve o nome original da primeira versão – “Adaptação ao Clube Esportivo”. A carga fatorial dos itens variou entre 0,425 e 0,851.

Ao analisar o F3, observou-se que a AFE agrupou itens que apresentaram conteúdos referentes à competência do treinador, ao relacionamento do atleta com o treinador e a percepção de bem-estar do esportista em relação ao clube. As afirmações compuseram um conjunto de 15 itens para essa dimensão sendo, em virtude disso, nomeada como “Bem-estar e Influência do Treinador”. A carga fatorial dos itens variou entre 0,320 e 0,667.

Um total de 14 itens compuseram o F4 da escala. Por sua vez, investigaram as dificuldades de adaptação ao esporte com relação às regras de convivência da instituição esportiva, construção de rede de apoio social, compreensão técnica e recuperação física. Considerando a temática geral desse agrupamento, esse fator recebeu o nome de “Dificuldades de Adaptação ao Esporte”. A carga fatorial entre os itens variou entre 0,309 e 0,494.

O F5 foi composto por itens que investigaram o suporte social estabelecido de maneira positiva com colegas da equipe, colegas do alojamento e amigos pessoais. Por ter sido composto por itens que parecem estreitar a rede de apoio social do atleta, o conjunto formado por 11 itens, foi nomeado como “Suporte Social Positivo”. A carga fatorial dos itens variou entre 0,373 e 0,673.

Constituído por 14 itens, o F6 investigou comportamentos de enfrentamento do atleta à desafios apresentados durante a prática esportiva. Diante do conteúdo que permitiu o agrupamento dos itens, o fator passou a ser nomeado como “Estratégias de Enfrentamento e Resiliência”. A carga fatorial dos itens variou entre 0,303 e 0,621.

O F7 reuniu sete itens e agrupou afirmações que investigaram a relação dos atletas com o estudo. O fator recebeu o nome de “Engajamento Acadêmico”. A carga fatorial dos itens variou entre -0,341 e 0,941.

O F8 agrupou itens que avaliaram o estado emocional dos atletas. A dimensão foi composta por cinco itens e, diante do conteúdo, foi nomeado como “Bem-estar Emocional”, tendo sua carga fatorial variada entre -0,384 e 0,801. O F9 foi composto por cinco itens os quais investigaram o sentimento de bem-estar físico e recuperação física dos atletas. Considerando o agrupamento dos itens, o fator foi nomeado como “Bem-Estar e Recuperação Física”. A carga fatorial variou entre -0,302 e 0,659.

A penúltima dimensão sugerida pela AFE agrupou itens que indicaram ausência de suporte oferecido pelo núcleo familiar. Os cinco itens deram origem ao F10, nomeado como “Ausência de Suporte Familiar”. A carga fatorial variou entre 0,379 e 0,763. O último Fator (F11) foi representado por cinco itens que investigaram a comunicação, especialmente, o *feedback* de desempenho esportivo entre o atleta e a comissão técnica. Diante dos aspectos agrupados, recebeu o nome de “*Feedback* sobre Desempenho”. A carga fatorial variou entre 0,370 e 0,844.

Com objetivo avaliar a precisão, por meio da consistência interna, o Alfa de Cronbach e Ômega McDonald foram estimados para todos os fatores. É importante ressaltar que a alguns valores se mostraram abaixo do esperado para alguns fatores (Bem-Estar e Influência do Treinador, Engajamento Acadêmico, Bem-Estar emocional, Bem-Estar e Recuperação Física). Uma análise mais minuciosa indicou que tais fatores apresentavam itens com conteúdo inverso ao fator, sendo considerados negativos. Assim, uma segunda rodada para análise de precisão dos fatores foi conduzida após a inversão das respostas dos respectivos itens. Após tal procedimento, os resultados em ambos os coeficientes indicaram valores considerados como bons, conforme resultados apresentados na Tabela 8.

Tabela 8

Alfa de Cronbach e Ômega McDonald por fator

Fatores	M	DP	Cronbach's α	McDonald's Ω
F1: Suporte Familiar Adequado	4.23	0.633	0.888	0.900
F2: Adaptação ao Clube Esportivo	4.41	0.698	0.899	0.901
F3: Bem-estar e Influência do treinador	4.63	0.456	0.878	0.893
F4: Dificuldades de adaptação ao esporte	1.78	0.529	0.801	0.810
F5: Suporte Social positivo	4.20	0.610	0.848	0.881
F6: Estratégias de Enfrentamento e Resiliência	4.50	0.453	0.867	0.878
F7: Engajamento Acadêmico	3.97	0.869	0.845	0.853
F8: Bem-estar emocional	1.39	0.529	0.770	0.815
F9: Bem-estar e recuperação	4.15	0.627	0.768	0.793
F10: Ausência de Suporte Familiar	1.91	0.921	0.733	0.740
F11: Feedback sobre desempenho	3.83	0.787	0.779	0.784
Total da escala	3.74	0.293	0.909	0.929

A partir dos resultados, foi possível observar que a confiabilidade dos fatores do instrumento variou entre $\alpha = 0,773$ e $\alpha = 0,899$ para o alfa de Cronbach, indicando que todas as dimensões apresentaram valores considerados como bons (Kline, 2000). A fim de complementar a análise e verificar as cargas fatoriais (Gerbin & Anderson, 1998), optou-se por utilizar o coeficiente ômega. Esse procedimento permitiu compreender informações quanto a estabilidade dos cálculos e os índices de confiabilidade (McDonald, 1999). Os resultados apontaram índices aceitáveis, com cargas fatoriais que variaram entre 0,740 e 0,901. As análises permitiram concluir que todos os fatores da escala se mostram precisos, bem como a precisão total no instrumento.

Discussão

Essa pesquisa buscou compreender as evidências de validade baseadas na estrutura interna, assim como, investigar a precisão da Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação. Para tanto, foram utilizadas estratégias estatísticas como a análise fatorial (Damásio, 2012), análise do coeficiente de Cronbach (Ambiel & Carvalho, 2017) e coeficiente Ômega (McDonald, 1999), os dois últimos, direcionados para avaliar a precisão do instrumento em questão.

Os resultados obtidos a partir da AFE indicaram uma estrutura composta por 11 fatores, um número maior do que o teoricamente pensado ($n=7$). De maneira geral, a análise fatorial indicou que, para alguns fatores, seria mais adequada a divisão dos itens, promovendo o surgimento de novas dimensões.

Para fins de discussão dos resultados, os fatores que foram pensados durante o processo de construção dos itens foram chamados de fatores teóricos e, os resultantes após a análise fatorial, de fatores empíricos.

Um exemplo de como isso ocorreu pode ser dado em relação ao fator teórico nomeado como “*Comportamento Familiar no Esporte*”, composto por afirmações que investigavam ações positivas e negativas dos pais durante a prática esportiva do filho. A partir da AFE, essa dimensão passou a ser dividida agrupando itens que apresentavam comportamentos adequados por parte dos pais (F1: “*Suporte Familiar adequado*”) e itens que investigavam a ausência de comportamentos positivos (F10: “*Ausência de Suporte Familiar*”). Tal situação se repetiu em relação aos itens dos fatores teóricos “*Aspecto Técnico*”, “*Aspectos Gerais da Instituição Esportiva*” e “*Planejamento de Carreira Profissional*”. As demais áreas de investigação, com alguns ajustes, foram mantidas na escala, sendo elas: “*Suporte Social Positivo*”, “*Bem-Estar Emocional*”, “*Bem-Estar e Recuperação Física*”.

De modo geral, as dimensões que emergiram após análise fatorial representam diferentes fatores que têm sido indicados, na literatura científica, como aqueles que influenciam o desenvolvimento das habilidades dos atletas e seu desempenho, tais como o treinador, a prática deliberada, o tipo de treinamento recebido, a recuperação física, habilidades psicológicas, apoio de pais e familiares e o prazer pela atividade (Lôbo, Moraes, & Nascimento, 2005).

O primeiro fator, nomeado como “*Suporte Familiar Adequado*”, foi originado da dimensão “*Suporte Familiar*” - estruturada na versão anterior da escala. De acordo com Mendes, Mendes, Millstedt, Collet e Nascimento

(2017), o apoio recebido por parte da família se mostra de extrema relevância na trajetória esportiva. Os pais acabam, muitas vezes, fazendo sacrifícios financeiros, sociais, educacionais e profissionais em prol da carreira do filho no esporte. Organizam a rotina, monitoram atividades e ajudam a superar eventuais adversidades, elegendo as atividades esportivas como prioridades dentro da dinâmica familiar (Chagas, 2008). Além disso, exercem função relevante ao servir como modelo de valores e atitudes, como, por exemplo, trabalho árduo e dedicação à atividade, as quais podem ser relevantes ao desempenho esportivo (Winner, 2000).

O reconhecimento dos pais quanto ao talento e desempenho expressivo do filho contribui para que os jovens atletas também reconheçam suas próprias habilidades esportivas, favorecendo maior engajamento nas atividades exigidas no esporte (Folle, Nascimento, Salles, Macie, & Dellagrave, 2018; Freeman, 2000). Também atuam como principais catalizadores para a prática da modalidade, por meio de suporte emocional, logístico, instrumental e econômico oferecido, tanto no início quanto na continuidade da carreira esportiva (Celestino, Leitão, & Pereira, 2019).

O envolvimento parental se torna importante, desde que promova autonomia, tenha coesão familiar e adaptações e não haja controle excessivo, isso porque, a participação pode acarretar alterações no comportamento da criança e influenciar o rendimento. Os estudos realizados por White, Shepperd, Yudkin, Harnden e Mant (2004) indicaram que quando há suporte autônomo, os filhos adquirem ajustamentos sociais para atividades e apresentam padrões similares às crenças dos pais à medida que participa da prática esportiva,

reforçando que os comportamentos parentais podem influenciar na prática do esporte dos filhos. O acompanhamento dos pais, associados à comportamentos de incentivo para a prática esportiva, constitui fator de prazer, de satisfação (Vieira, Mizoguchi, Garcia Júnior, & Garcia, 2013), motivação intrínseca (Calvo, Cervelló, Jiménez, Iglesias, & Murcia, 2010) e autodeterminação (Grolnick, 2003).

O F2, “*Adaptação ao clube esportivo*”, foi constituído por itens específicos que ajudaram a compreender a adaptação do atleta ao clube. Nesse caso, do conteúdo dos itens engloba informações sobre adaptação ao alojamento, alimentação, estrutura do centro de treinamento e regras de convivência da instituição esportiva. De acordo com Schlossberg (1981), o esporte exige diferentes etapas de adaptação, especialmente em situações que exigem a transição na carreira. Cada fase apresenta novos desafios, como mudanças de quarto no alojamento, mudanças de equipes, e, portanto, das regras de convivência e dos espaços de treinos. Durante a carreira esportiva, em geral, os atletas acabam transitando por diferentes clubes, sendo que, a forma como os atletas irão lidar com a nova realidade e adaptar-se a essa tem sido alvo de interesse de pesquisadores, dada a influência desse fator na saúde mental e desempenho esportivo (Faggiani, & Lisboa, 2016). Para os autores, a experiência de adaptação a um novo ambiente, as possíveis dificuldades no novo estilo de vida e o desafio ao integrar um diferente estilo de vida pessoal associado à um novo ambiente profissional ilustram a complexidade desse processo de mudança.

As adaptações constantes impactam diretamente na percepção do atleta sobre si mesmo e sobre o mundo, exigindo assim, uma mudança correspondente no comportamento e na forma de relacionamento deste atleta (Schlossberg, 1981). Esses aspectos reforçam a importância de compreender como esses fatores atuam na vida do atleta e se ele, embora tenha que enfrentar os constantes ajustes apresentados pelo cenário esportivo, está conseguindo se adaptar. Consequentemente, a adaptação do atleta e a relação desse processo com o fracasso no esporte e o sofrimento psíquico que pode decorrer, merece atenção (Faggiani, Strey, Fulginti, Lindern, Aiquel, & Sartori, 2016).

O F3, "*Bem-estar e Influência do treinador*", agrupou itens que investigam a percepção do atleta quanto a competência do treinador, relacionamento com o treinador, sensação de bem-estar no clube e a influência do treinador sobre seu desempenho esportivo. De acordo com Buceta (2009), o treinador é responsável pelo rendimento de seus atletas, visto que suas decisões e ações afetam, diretamente, o êxito no esporte e a satisfação dos atletas. Atitudes relacionadas à tomada de decisão, tipo e frequência com que fornece estímulos positivos, técnicas de motivação utilizadas e a forma de relação que o treinador estabelece com seus atletas podem apresentar efeitos positivos no desempenho destes (Brandão & Carchan, 2010). Segundo Lôbo et al. (2005), o treinador atua de modo a facilitar e estruturar o processo de organização, treinamento e competição, sendo responsável pela manutenção da motivação dos atletas, na orientação sobre o descanso e recuperação, na preservação da saúde física e emocional e na manutenção do engajamento.

No entanto, o comportamento e atitude dos técnicos também pode se transformar em fator de risco (Fontes & Brandão, 2013).

Os itens do F4, “*Dificuldades de adaptação ao esporte*”, são baseados nas situações que são percebidas como difíceis de serem enfrentadas na prática esportiva pelo atleta. Avaliam as dificuldades que os atletas podem vivenciar para se adaptar ao esporte, englobando dificuldades de se adaptar a equipe, não compreender o conteúdo tático, não conseguir fazer amigos, não se perceber enturmado aos grupos de companheiros de equipe e não conseguir se recuperar fisicamente entre um treino e outro. Peixoto, Yoshida, Balbinotti, Nakano e Wiethaeuper (2015) destacam que, desde a origem da psicologia do esporte, os profissionais têm se dedicado a compreender as respostas comportamentais desencadeadas nos atletas frente as demandas enfrentadas no cotidiano esportivo, especialmente aqueles relacionados aos treinos e competições. Ainda de acordo com os autores, o rastreamento do processo adaptativo de atletas se mostra essencial.

A resposta negativa revela a necessidade que o atleta apresenta em reunir esforços cognitivos e comportamentais para administrar as demandas internas e externas reconhecidas e avaliadas como estressantes (Lazarus & Folkman, 1999). Quando o atleta não apresenta capacidade de manejar tais situações de forma satisfatória e, por isso, tem seu nível de estresse elevado e necessidade de maior tempo para se adaptar ao contexto, o desempenho poderá ser afetado negativamente (Lazarus & Folkman, 1984).

O F5, “*Suporte Social positivo*”, contempla aspectos essenciais na promoção da resiliência, especificamente, no que diz respeito ao fortalecimento

da rede de apoio social e afetiva dos participantes como ferramenta de promoção de saúde psicológica. Segundo Henley, Schweizer, Gara e Vetter (2008), esses aspectos positivos podem contribuir no aumento de diversos fatores de proteção psicológica, diminuindo os fatores de risco e promovendo indiretamente a resiliência dos jovens. Tal suporte envolveria a existência ou a disponibilidade de pessoas em que se pode confiar, pessoas que podem ser acionadas em um momento de necessidade, que se preocupam e dão valor ao indivíduo (Werner & Smith, 1992), consistindo em um mecanismo de proteção (Perim, Corte-Real, Dias, Parker, Souza, & Fonseca, 2015).

O F6, "*Estratégias de Enfrentamento e Resiliência*", reuniu comportamentos que indicam a maneira como o atleta enfrenta situações, sendo composto por afirmações que apontam a busca de orientações para melhoras de performance, estabelecimento de metas, seguimento de regras pré-estabelecidas, busca de estratégias para solução de problemas, evitação de comportamentos que podem prejudicar a carreira profissional e execução de comportamentos adequados que influenciam no reconhecimento e sucesso profissional.

No ambiente esportivo, as pressões psicológicas e fisiológicas que estão associadas aos treinamentos, competições e a sua organização social indicam que o desempenho esportivo é um fenômeno complexo e é afetado pelos fatores individuais e ambientais (Brandão, 2000). O atleta é exposto aos diversos desafios, e quando algo não sai como planejado, resultando na queda do desempenho, exige-se rápida recuperação. Ao enfrentá-los, se tornam vencedores, demonstrando que a prática esportiva é, por excelência, um

espaço de produção de comportamentos resilientes (Galli & Vealey, 2008), e que somente os que superam as incertezas e angústias presentes nesse contexto, conseguem alcançar o sucesso (Brandão, 2000). Desse modo, a resiliência se mostra positivamente associada ao desempenho esportivo e ao bem-estar psicológico e negativamente associada ao estresse psicológico (Calmeiro, Tenenbaum & Eccles, 2010; Hosseini & Besharat, 2010).

O esporte, se adequadamente praticado, pode ser considerado um contexto que favorece o desenvolvimento de características relacionadas à resiliência, especialmente por expor o atleta à situações que exija dele o aprendizado quanto ao controle dos sentimentos, disciplina pessoal, estabelecimento de metas, tolerância de situações que envolvem o sofrimento e a frustração (Sanches, 2007). De acordo com Bell e Suggs (1998), a junção dessas características forma um escudo protetor que auxilia na exposição e no enfrentamento das adversidades vivenciadas durante a vida.

Entretanto, deve-se considerar que no esporte a resiliência é impactada pelo tipo de estratégia de enfrentamento usada pelo atleta, pela qualidade do ambiente esportivo e qualidade da rede de apoio recebida. Esses aspectos mostram-se determinantes na construção de comportamento resilientes (Fontes & Brandão, 2013; Galli & Vealey, 2008) e pode indicar se o indivíduo consegue transformar situações traumáticas e dolorosas em uma possibilidade de aprender e crescer, combatendo a adversidade percebida e causadora de danos (Grotberg, 2001).

O F7, "*Engajamento Acadêmico*", foi composto por itens que demonstram comportamentos de engajamento dos atletas com os estudos,

esforço para manter a rotina de aulas e atividades escolares revelando se o atleta consegue, ou não, conciliar a formação esportiva com a vida acadêmica. Considerando-se que a educação formal retrata a consolidação dos conhecimentos prévios, a aquisição e aperfeiçoamento de novos conhecimentos, o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade de análise crítica, a preparação para a cidadania e a preparação para o trabalho, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), o ensino formal pode fornecer bases importantes para a prática esportiva de alto nível.

No caso do esporte, a própria rotina dificulta o gerenciamento dos atletas com relação a organização das atividades acadêmicas e outras tarefas comuns da juventude, que exigem similar dedicação (Barros, 2008). O fato de permanecerem concentrados para treinos e jogos, favorece para poucas ou raras experiências relacionadas ao estudo (Watt & Moore, 2001) evidenciando que, nesse caso específico, a construção da carreira esportiva associada aos estudos irá depender do apoio institucional que o atleta recebe (Fiochi-Marques, Oliveira & Melo-Silva, 2018).

Marques e Samulski (2009) apontaram que 57% dos atletas consideram relativamente difícil conciliar esporte e estudos, sendo que, em virtude dos desafios impostos nesse cenário, 51% dos atletas, em algum momento da carreira esportiva, interrompem os estudos para se manter no esporte. Além disso, a pesquisa revelou que a defasagem escolar é realidade para mais de 53% dos atletas, corroborando com as afirmações de Wyllemann, Alfermann e Lavallee (2004) sobre tais aspectos. Resultados similares foram observados

em estudos com atletas europeus (De Knop, Wyllemann, Van Houcke, & Bollaert, 1999), e embora pareça comum esse tipo de situação, pesquisas realizadas por Donnelly (1993) com atletas já aposentados, revelaram sentimentos de arrependimento pelo abandono dos estudos ao longo da formação.

Aparentemente, a ida dos atletas para o alojamento e, conseqüentemente, o distanciamento dos pais no percurso escolar dos filhos, pode favorecer o agravamento dessa situação, aumentando a responsabilidade das instituições em oferecer alternativas que facilitem e estimulem a continuação dos estudos, acessem os benefícios desse processo e tenham opções vocacionais no futuro (Marques & Samulski, 2009). Nesse sentido, a relevância desse aspecto na adaptação psicossocial dos atletas se justifica.

O F8, "*Bem-estar Emocional*", foi composto por itens que agrupou temáticas direcionadas à compreensão do estado emocional do atleta. Afirmações como "me sinto animado no esporte", "me sinto triste no esporte" e "as incertezas do esporte me fazem pensar em desistir da carreira" compuseram esse fator.

O bem-estar se caracteriza por um nível de saúde onde os componentes físicos, sociais, mentais e emocionais se encontram balanceados, integrados e coordenados, sendo importante destacar que, de modo geral, o impacto positivo do esporte no bem-estar parece aumentar com a idade (Fruchart & Rulence-Pâques, 2020). Nesse sentido, a compreensão dos fatores que podem influenciar o bem-estar se mostra essencial, como forma de guiar políticas

voltadas ao seu desenvolvimento tanto junto a população em geral quanto aos praticantes de alto rendimento (Silva, Monteiro, & Sobreiro, 2020).

Por ser um ambiente de alta exigência, o esporte está intimamente ligado às experiências negativas ou positivas, porém para que os desportistas possam alcançar maior performance, sem sofrer tanto com o ônus de tal prática, parece fundamental um adequado suporte psicológico, o qual permita auxiliar os atletas a lidar melhor com sentimentos e emoções (Zanetti, Lavoura, & Machado, 2008). Compreender esses fatores é fundamental, uma vez que a longevidade na carreira e o desenvolvimento pleno no seu potencial depende do engajamento do indivíduo em relação ao treinamento e competições, que por sua vez é afetado diretamente pela sensação de bem-estar psicológico (Quested & Duda, 2009).

A relevância desse aspecto se centra no conceito de desenvolvimento positivo juvenil, o qual tem emergido, nas últimas décadas, como uma concepção de desenvolvimento baseada nas forças, habilidades para a vida e bem-estar emocional, possível de ser alcançado, aprendido, desenvolvido e refinado em contextos que favorecem o desenvolvimento (Cronin & Allen, 2018). Ainda de acordo com os autores, o esporte tem sido visualizado como um desses contextos, visto que a natureza interativa, emocional e social da prática esportiva pode promover oportunidades para o atleta lidar com as demandas e desafios da vida diária, estando associado ao bem-estar. Diversos estudos têm demonstrado efeitos positivos do esporte no bem-estar, particularmente em relação à redução da ansiedade e sintomas depressivos, maior satisfação com a vida, sentimentos de prazer e felicidade em geral,

melhor avaliação da saúde e integração social (Testoni, Mansfield, & Dolan, 2018).

O F9, “Bem-Estar e Recuperação Física”, agrupou itens que apresentaram afirmações como “após o período de descanso, sinto-me bem fisicamente para o próximo treino”, “recupero-me rapidamente do cansaço físico do treino” e “tenho energia suficiente para o dia a dia”. Considerando que consecutivas competições podem comprometer o desempenho físico dos atletas, bem como alterar o equilíbrio entre estresse e recuperação, os sintomas de fadiga podem ser aspectos importantes para avaliar o impacto dos treinos e jogos sob a percepção do estado físico do atleta e o balanço entre o estresse e recuperação (Freitas, Souza, Oliveira, Pereira, & Nakamura, 2014). Dependendo da resposta cognitiva de cada pessoa aos estímulos, o estresse pode ser entendido como um estado de desestabilização psicofísica ou ainda, uma perturbação do equilíbrio entre a pessoa e o meio ambiente de maneira geral (Marques & Samulski, 2009).

O planejamento inadequado de cargas de treinamentos e períodos de recuperação pode ocasionar efeitos não desejados, como o *overtraining*. Esse quadro consiste na perda prolongada do desempenho esportivo, assim como na alteração severa de indicadores funcionais e psicológicos (Meeusen, Duclos, Gleeson, Rietjens, Steinacker, & Urhausen, 2006). Estudos sobre esses aspectos têm demonstrado que indicadores psicológicos são mais sensíveis e consistentes do que indicadores fisiológicos (Kenttã & Hassmén, 1998), reforçando a importância de compreender a percepção que o atleta tem sobre seu estado físico entre a rotina dos treinos e jogos.

Quando não há o devido cuidado na recuperação do atleta, sintomas de fadiga podem ser observados, o qual pode ser entendido como um estado de esgotamento, apatia e baixo nível de energia. Em situação crônica, são descritas alterações gradativas na atenção, concentração e memória, assim como, desajustes do humor e, posteriormente, alterações do sono e cansaço físico (Lane & Terry, 2000). Entretanto, quando o atleta é submetido a um protocolo adequado que direcione o atleta para comportamentos mais satisfatórios, pode ser observado melhora na saúde física e psicológica e, conseqüentemente, melhora no rendimento esportivo (Kocian, Botura, Nicola, Amancio, & Machado, 2007).

A recuperação não deve ser direcionada apenas para a redução do estresse vivenciado pelo atleta. Ao contrário, deve ser um processo personalizado e ativo que busca o restabelecimento das condições físicas e psicológicas (Kellmann & Kallus, 2001), considerando não apenas uma, mas várias estratégias de recuperação (Costa & Samulski, 2003). As estratégias podem ser organizadas a partir de um plano de treinamento que combine as necessidades específicas de cada atleta, as exigências do desporto e as exigências concretas da periodização. Esse tipo de planejamento pode elevar o nível das capacidades físicas e mentais do atleta (Bompa, 2001).

Por sua vez, o F10, "*Ausência de Suporte Familiar*", agrupou itens que indicaram falta de suporte familiar do atleta em situações relacionadas à momentos de lesão, decisões que impactam na carreira profissional e situações associadas aos resultados esportivos (positivos ou negativos). Tal fator apresenta-se oposto ao Fator 1 (Suporte Familiar Adequado).

Se considerarmos que a qualidade dos relacionamentos do atleta é muito importante para o desenvolvimento positivo no esporte (Filgueira, & Schwartz, 2007), em especial, a participação da família se mostra essencial, tanto no processo de iniciação esportiva quanto no processo de transição de carreira (Samulski, Moraes, Ferreira, Marques, & Silva, 2009). A participação da família pode ser positiva ou negativa (Delforge, & Le Scanff, 2006). Quando positiva, promove o encorajamento e apoio aos filhos-atletas, favorecendo sentimentos de motivação e confiança diante de situações adversas (Vilani, & Samulski, 2002) e, conseqüentemente, contribuindo para o desejo de permanência no esporte (Samulski, et., al. 2009). No contrário, os familiares também podem exercer um papel que promova a desmotivação do filho, causando frustração e o desejo de abandono da prática esportiva (Serpa, & Teques, 2013).

O último Fator, 11, “*Feedback sobre Desempenho*”, agrupou itens que apresentaram informações direcionadas para o levantamento de informações sobre a performance esportiva. Afirmações como “converso com a comissão técnica sobre meu desempenho esportivo” e “tiro dúvidas técnicas e táticas com o treinador sempre que sinto necessidade” fizeram parte dessa dimensão.

O *feedback* permite ao aprendiz acesso a informações sobre dois grandes aspectos: (a) conhecimento da sua performance (informações verbalizadas ou não verbalizadas sobre o padrão de execução de uma tarefa) ou (b) conhecimento do resultado (informação sobre o resultado da resposta no meio do ambiente, apresentada após a execução de uma tarefa (Clark, 2005). A relação entre *feedback* e performance esportiva vem sendo investigada,

sendo que os resultados têm indicado que tal ferramenta pode aumentar a orientação para metas, percepção de um clima motivacional e estabelecimento de metas a longo prazo (Moles, Auerbach, & Petrie, 2017).

A literatura revela que, manter o atleta informado sobre sua performance, pode motivá-lo e levá-lo a exercer mais esforço na tarefa, beneficiando-o em termos da aprendizagem aumentada (Brandão, 2012). Por fim, vale ressaltar que o feedback tem papel importante na motivação e conseqüentemente na performance esportiva, chegando a melhorá-la em situações desgastantes, entediantes e desmotivantes (Schmidt, 1993).

Considerações Finais

Ambos os procedimentos, análise da estrutura fatorial e precisão, permitiram compreensão de como os itens da escala se organizaram, sendo o primeiro direcionada para verificar o agrupamento dos itens e, o segundo, direcionado a verificar se a resposta a esse conjunto específico de itens agrupados pela análise fatorial exploratória, eliciam respostas consistentes do avaliando ao longo dos itens (Ambiel & Carvalho, 2017).

Ao final dessa etapa, foi possível apresentar a versão final da Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação, composta por 108 itens e 11 fatores. Uma síntese da estrutura da escala, a ser testada em estudos posteriores voltados à investigação de outras qualidades psicométricas, é apresentada no Quadro 7.

Nome do Fator	Número de Itens	Definição
Suporte Familiar Adequado	16	suporte familiar, considerando apenas os comportamentos positivos apresentados pela família diante da participação do filho no esporte
Adaptação ao Clube Esportivo	11	percepção do atleta em relação ao alojamento, alimentação, estrutura do centro de treinamento e as regras de convivência determinadas pela instituição esportiva
Bem-estar e Influência do Treinador	15	percepção do atleta quanto a competência do treinador, relacionamento com o treinador, sensação de bem-estar no clube e a influência do treinador sobre seu desempenho esportivo
Dificuldades de Adaptação ao Esporte	14	dificuldades de adaptação ao esporte com base nas dificuldades percebidas, pelo atleta, em relação à prática esportiva, tais como regras de convivência, construção de rede de apoio social, compreensão técnica e recuperação física
Suporte Social Positivo	11	suporte social estabelecido de maneira positiva com colegas da equipe, colegas do alojamento e amigos pessoais
Estratégias de Enfrentamento e Resiliência	14	comportamentos de enfrentamento do atleta à desafios apresentados durante a prática esportiva
Engajamento Acadêmico	7	relação dos atletas com o estudo, envolvendo a capacidade de conciliar as atividades escolares e esportivas
Bem-estar Emocional	5	condição pela qual um indivíduo julga a qualidade global da vida, como um todo, favorável
Bem-Estar e Recuperação Física	5	sentimento de bem-estar físico e recuperação física dos atletas após jogos e treinos
Ausência de Suporte Familiar	5	ausência de suporte adequado oferecido pelo núcleo familiar
<i>Feedback</i> sobre Desempenho	5	comunicação, especialmente, o <i>feedback</i> de desempenho esportivo entre o atleta e a comissão técnica

Quadro 7. Dimensões Avaliadas na Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação.

Diante dos achados, é possível concluir que foram obtidas evidências iniciais relacionadas à estrutura interna e a precisão do instrumento. Porém, considerando a necessidade de novos estudos dessa natureza (Ambiel & Carvalho, 2017), ressalta-se a importância de novas investigações que busquem avaliar essas mesmas questões a partir de outras fontes de precisão, como a estabilidade temporal, utilizando o delineamento de teste e reteste.

A descrição da amostra permitiu a compreensão das informações sociodemográficas dos atletas em formação que participaram do estudo. Embora tenha sido realizado esforços para buscar equipes compostas por atletas do sexo feminino, poucos foram os clubes localizados e que aceitaram participar da pesquisa. De forma geral, essa realidade também é vista na prática, onde as mulheres acabam fazendo parte de um cenário, muitas vezes, invisível no esporte e as equipes representadas pelo sexo masculino apresentam-se em maior número, maior expressividade e reconhecimento social (Souza & Knijnik, 2007). Conseqüentemente, sugere-se que, nos próximos estudos, a ampliação e diversificação da amostra seja buscada, especialmente em relação a distribuição por sexo e maior equilíbrio entre o número de participantes de cada modalidade esportiva.

Estudo 5: Evidências de validade com base na relação com variáveis externas

Esse tipo de estudo propõe a investigação das relações entre os índices obtidos na Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação com variáveis externas relevantes à validade do instrumento e se mostra importante, visto que permite a identificação das variáveis que exercem influência nos resultados do teste, tais como nível de escolaridade, sexo, região do país, nível socioeconômico.

Tal processo visa garantir a igualdade de condições na comparação dos resultados entre os sujeitos, servindo de base para a elaboração das tabelas normativas. Para isso, a amostra deve apresentar variabilidade em relação as características da população-alvo a qual o instrumento será destinado (Muniz, 2017), de maneira que os resultados dos participantes serão usados como referência para conhecer o que é típico daquela população (no caso aqui específico, atletas em processo de formação profissional), naquilo que o teste avalia (aspectos psicossociais).

Objetivo

Investigar as evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas.

Hipótese

H₁: Há diferença significativa entre os grupos, nos resultados da escala, considerando-se as variáveis investigadas.

Participantes

A amostra foi constituída pelos mesmos participantes do Estudo 4.

Instrumento

Para condução do presente trabalho, foi utilizada a Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação, em sua versão informatizada, contendo 108 itens a serem respondidos em escala tipo *Likert* de cinco pontos (indo de nada para completamente), nos quais o participante deveria assinalar seu grau de concordância com o conteúdo de cada afirmação.

A escala poderia ser respondida sem tempo limite para a resposta, entretanto houve uma variação, por parte da amostra, de 10 e 15 minutos. Os resultados da escala foram analisados a partir da estimativa de pontuação dos sujeitos em 11 fatores, correspondentes ao processo de adaptação do atleta no clube esportivo.

Procedimentos

Anteriormente descrito no Estudo 4.

Análise dos dados

As análises foram realizadas por meio do uso da Análise Univariada da Variância (ANOVA), através do programa *Statistical Package for the Social*

Sciences (SPSS). Para isso, os fatores da escala foram considerados variáveis dependentes e como variáveis independentes idade, sexo, escolaridade, residentes e não residentes na instituição, tipo de vínculo profissional (profissional ou amador) e período na organização esportiva e modalidade esportiva. Os resultados foram analisados considerando-se a significância como $p \geq 0,05$.

Considerando-se que a ANOVA somente indica se as médias entre os grupos são estatisticamente significativas, não indicando entre quais grupos elas são diferentes, após a realização de tal análise, o teste post hoc de Tukey foi aplicado para identificar quais dos pares de grupos diferem. O tamanho do efeito também foi calculado, a partir do eta parcial quadrado, sendo interpretado como pequeno ($p=0,01$ a $p=0,05$), médio ($p=0,06$ a $p=0,12$) e grande ($p \geq 0,13$) (Cohen, 1988).

Resultados

A primeira variável analisada foi a idade. De acordo com a Tabela 9, os resultados apontaram para sua influência significativa nos fatores *Suporte Familiar Adequado* (F1), *Adaptação ao Clube* (F2), *Engajamento Acadêmico* (F7) e *Bem-estar Emocional* (F8), todos com tamanho de efeito considerados pequenos.

Tabela 9
Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Idade.

Fator	Idade	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	eta parcial quadrado
F1 Suporte Familiar Adequado	14	66,00	8,62	4,422	0,0001	0,049
	15	65,38	7,33			
	16	63,22	9,30			
	17	62,45	9,97			
	18	60,56	10,87			
	19	60,32	10,43			
	20	61,41	9,61			
F2 Adaptação ao Clube Esportivo	14	47,84	9,48	2,409	0,026	0,028
	15	50,75	4,93			
	16	48,56	7,26			
	17	48,59	8,10			
	18	46,20	8,50			
	19	48,18	6,66			
	20	48,58	6,84			
F3 Bem-estar e influência do treinador	14	56,68	4,28	1,771	0,103	0,020
	15	56,19	4,48			
	16	55,34	4,89			
	17	56,51	4,38			
	18	55,09	4,98			
	19	54,79	5,38			
	20	55,82	5,04			
F4 Dificuldades de adaptação ao Clube	14	24,91	7,56	0,467	0,833	0,005
	15	24,52	7,69			
	16	25,06	6,28			
	17	24,29	7,81			
	18	26,18	8,58			
	19	24,63	7,05			
	20	24,97	6,42			
F5 Suporte social positivo	14	45,65	6,51	1,400	0,212	0,016
	15	47,47	6,35			
	16	44,91	7,15			
	17	47,02	6,73			
	18	45,71	7,12			
	19	46,24	6,38			
	20	46,13	6,54			
F6 Estratégias de enfrentamento e resiliência	14	64,32	5,64	1,733	0,111	0,020
	15	63,23	5,81			
	16	62,63	6,06			
	17	63,39	5,98			

	18	61,87	7,39			
	19	61,72	7,70			
	20	62,08	6,00			
	14	25,76	3,40			
	15	25,78	3,81			
F7	16	24,75	4,33			
Engajamento	17	23,67	5,44	17,619	0,0001	0,017
acadêmico	18	20,68	6,42			
	19	20,29	6,58			
	20	20,04	6,58			
	14	13,61	1,59			
	15	13,66	1,50			
F8	16	14,07	1,66			
Bem-estar	17	14,13	1,64	2,323	0,032	0,027
emocional	18	14,32	2,10			
	19	14,36	1,87			
	20	13,89	1,94			
	14	18,50	2,33			
	15	18,46	2,47			
F9	16	18,26	2,30			
Bem-estar e	17	18,23	2,46	1,337	0,239	0,015
recuperação	18	17,56	2,77			
física	19	17,86	2,59			
	20	18,08	2,35			
	14	9,91	5,21			
	15	9,39	4,86			
F10	16	8,81	4,31			
Ausência de	17	9,65	4,26	0,625	0,710	0,007
suporte	18	9,64	3,97			
familiar	19	10,03	4,92			
	20	9,17	4,22			
	14	19,19	3,76			
	15	18,89	3,91			
F11	16	19,41	3,76			
Feedback	17	20,15	3,71	1,594	0,147	0,018
sobre	18	18,45	4,37			
desempenho	19	18,58	4,25			
	20	18,91	3,77			

Os resultados no teste *post hoc* que se mostraram significativos são sumarizados na Tabela 10, a seguir. Nela é possível verificar que as maiores diferenças em relação a idade se deram entre 14, 15, 18 e 19 anos.

Tabela 10.

Diferenças Significativas no Teste Post Hoc de Tukey para a Variável Idade.

Idade	18	19	20
14	F1 ($p=0,06$)	F1 ($p=0,05$)	
	F2 ($p=0,006$)	F2 ($p=0,005$)	F7 ($p=0,0001$)
	F7 ($p=0,0001$)	F7 ($p=0,0001$)	
15	F1 ($p=0,029$)	F1 ($p=0,024$)	
	F2 ($p=0,029$)	F2 ($p=0,024$)	F7 ($p=0,0001$)
	F7 ($p=0,0001$)	F7 ($p=0,0001$)	
16	F7 ($p=0,0001$)	F7 ($p=0,0001$)	F7 ($p=0,0001$)
17	F7 ($p=0,009$)	F7 ($p=0,002$)	F7 ($p=0,002$)

Em seguida, a variável sexo foi investigada. Os resultados indicaram diferenças significativas para os fatores de *Suporte Familiar Adequado* (F1), *Bem-estar e Influência do Treinador* (F3), *Estratégias de Enfrentamento e Resiliência* (F6), *Engajamento Acadêmico* (F7) e *Bem-estar Emocional* (F8) dos atletas em formação. Todos os tamanhos de efeitos foram classificados como pequenos, conforme pode ser visualizado na Tabela 11.

Tabela 11

Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Sexo.

Fator	Sexo	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F1	Feminino	60,38	10,38	8,071	0,005	0,015
	Masculino	63,69	9,31			
F2	Feminino	47,33	7,56	2,031	0,155	0,004
	Masculino	48,67	7,69			
F3	Feminino	54,76	5,37	5,105	0,024	0,010
	Masculino	56,08	4,59			
F4	Feminino	26,33	7,20	3,434	0,640	0,007
	Masculino	24,65	7,42			
F5	Feminino	45,70	6,81	0,470	0,493	0,001
	Masculino	46,27	6,69			
F6	Feminino	60,70	6,83	11,637	0,0001	0,022

		Masculino	63,33	6,16			
Continuação							
Fator	Sexo	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado	
F7	Feminino	25,35	4,46	9,999	0,002	0,019	
	Masculino	23,21	5,69				
F8	Feminino	14,46	2,04	7,333	0,007	0,014	
	Masculino	13,88	1,67				
F9	Feminino	17,83	2,59	1,934	0,165	0,004	
	Masculino	18,25	2,44				
F10	Feminino	9,66	4,19	0,082	0,775	0,0001	
	Masculino	9,50	4,67				
F11	Feminino	18,91	3,94	0,326	0,568	0,001	
	Masculino	19,18	3,93				

Os resultados indicaram que o sexo masculino alcançou médias significativamente mais altas no F1, F3, F6, enquanto o feminino no F7 e F8. Ao avaliar o grau de escolaridade, os resultados apontaram diferenças significativas para as dimensões “*Suporte Social Positivo*” (F5), “*Engajamento Acadêmico*” (F7) e “*Bem-estar emocional*” (F8), conforme revelaram os dados apresentados na Tabela 12. Todos os tamanhos de efeito foram considerados pequenos.

Tabela 12

Estatística Descritiva, análise de variância e tamanho de efeito por fator e grau de escolaridade

Fator	Grau de Escolaridade	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F1 Suporte Familiar Adequado	1	64,39	9,77	0,955	0,445	,009
	2	63,17	10,31			
	3	63,41	9,38			
	4	61,60	9,27			
	5	62,83	9,42			
	6	63,33	15,94			

Continuação.						
Fator	Grau de Escolaridade	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F2 Adaptação ao Clube Esportivo	1	48,32	9,10	2,037	0,072	,020
	2	49,48	5,80			
	3	48,55	7,49			
	4	48,76	6,86			
	5	47,51	7,84			
	6	35,33	1,52			
F3 Bem-estar e influência do treinador	1	56,59	4,48	1,498	0,189	,014
	2	55,91	5,37			
	3	55,66	4,81			
	4	56,01	4,09			
	5	55,09	5,87			
	6	50,66	6,35			
F4 Dificuldades de adaptação ao Clube	1	24,23	7,43	0,629	0,678	,006
	2	26,14	8,80			
	3	24,83	7,24			
	4	25,53	7,67			
	5	24,03	6,35			
	6	26,33	0,57			
F5 Suporte social positivo	1	46,10	6,29	3,135	0,008	,030
	2	45,80	5,70			
	3	46,07	6,79			
	4	47,04	6,51			
	5	46,22	7,94			
	6	32,00	4,00			
F6 Estratégias de enfrenta- mento e resiliência	1	63,81	6,11	1,009	0,412	,010
	2	63,40	5,44			
	3	62,79	6,25			
	4	62,64	5,76			
	5	62,00	9,30			
	6	58,00	12,16			
F7 Engajamen- to acadêmico	1	25,00	4,75	5,981	0,0001	,055
	2	23,68	5,14			
	3	23,79	5,27			
	4	21,21	6,30			
	5	24,54	5,77			
	6	19,66	9,60			
F8 Bem-estar emocional	1	13,50	1,72	2,902	0,014	,028
	2	14,02	1,59			
	3	13,94	1,59			
	4	14,29	1,86			

	5	14,51	2,33			
	6	14,33	2,30			
Continuação.						
Fator	Grau de Escolaridade	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F9 Bem-estar e recuperação física	1	18,38	2,46	0,608	0,694	,006
	2	18,48	2,50			
	3	18,18	2,26			
	4	17,96	2,71			
	5	17,93	2,99			
	6	19,33	3,78			
F10 Ausência de suporte familiar	1	10,25	5,53	1,747	0,122	,017
	2	10,65	5,34			
	3	9,07	4,27			
	4	9,75	4,18			
	5	8,61	3,80			
	6	8,66	1,52			
F11 Feedback sobre desempenho	1	19,21	3,62	0,355	0,879	,003
	2	19,68	4,39			
	3	18,98	3,88			
	4	19,18	4,18			
	5	19,51	3,89			
	6	17,66	6,11			

Grau de Escolaridade: 1. ensino fundamental incompleto; 2. ensino fundamental completo; 3. ensino médio incompleto; 4. ensino médio completo; 5. ensino superior incompleto; 6. ensino superior completo.

Os resultados do teste *post hoc* indicaram diferenças significativas no F5 entre os níveis 1 e 6 ($p=0,004$), 2 e 6 ($p=0,008$), no F7 entre 1 e 4 ($p=0,0001$), 3 e 4 ($p=0,001$), 4 e 5 ($p=0,034$) e no F8 entre 1 e 6 ($p=0,004$), 4 e 6 ($p=0,002$), 5 e 6 ($p=0,006$), 2 e 6 ($p=0,008$), 3 e 6 ($p=0,004$).

Em seguida, a variável tipo de vínculo foi avaliada. Os resultados apontaram diferenças significativas entre os atletas amadores e atletas profissionais em dois fatores da escala sendo: “*Adaptação ao Clube Esportivo*”

– F2 e “Engajamento Acadêmico” – F7. Em ambos os casos, o tamanho do efeito é considerado pequeno.

Tabela 13

Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Tipo de Vínculo na Instituição.

Fatores	Tipo de Vínculo	Média	Desvio padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F1	1	62,94	9,75	0,055	0,814	0,0001
	2	63,23	9,52			
F2	1	46,66	8,61	4,388	0,037	0,008
	2	48,74	7,50			
F3	1	55,80	4,70	0,019	0,891	0,0001
	2	55,89	4,74			
F4	1	25,27	7,13	0,201	0,654	0,0001
	2	24,84	7,45			
F5	1	46,14	6,51	0,003	0,960	0,0001
	2	46,19	6,74			
F6	1	62,30	7,14	0,772	0,380	0,001
	2	63,03	6,20			
F7	1	24,91	5,03	4,809	0,029	0,009
	2	23,32	5,62			
F8	1	13,97	1,50	0,000	0,998	0,002
	2	13,97	1,78			
F9	1	18,44	2,03	0,803	0,370	0,002
	2	18,15	2,52			
F10	1	10,30	4,98	2,253	0,134	0,004
	2	9,41	4,53			
F11	1	19,00	3,92	0,106	0,745	0,0001
	2	19,16	3,93			

Tipo de Vínculo com a Instituição Esportiva: 1. Atleta amador; 2. atleta profissional.

Os resultados indicaram que no F2 maiores médias foram obtidas pelo grupo profissional e, no F7, pelo grupo amador. Nos demais fatores, o tipo de vínculo não se mostrou significativo. A Tabela 14 apresenta os dados obtidos das diferenças observadas na análise estatística entre atletas residentes e não

residentes no clube esportivo. Foi possível observar a existência de diferenças significativas para os fatores de *Adaptação ao clube esportivo* (F2), *Suporte Social Positivo* (F5) e *Feedback sobre Desempenho* (F11) entre os dois grupos, sendo os efeitos de magnitude pequena. Os resultados indicaram que médias significativamente mais altas foram obtidas pelos atletas residentes no clube.

Tabela 14
Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Residência no Clube Esportivo.

Fatores	Residente no Clube	Média	Desvio padrão	F	Sig	Eta parcial quadrado
F1	1	63,86	9,74	0,943	0,332	0,002
	2	62,94	9,46			
F2	1	45,81	10,34	24,031	0,0001	0,044
	2	49,46	6,15			
F3	1	56,07	4,33	0,305	0,581	0,001
	2	55,81	4,88			
F4	1	25,42	8,07	0,937	0,334	0,002
	2	24,71	7,15			
F5	1	45,21	7,05	4,046	0,045	0,008
	2	46,54	6,54			
F6	1	62,73	6,38	0,196	0,658	0,0001
	2	63,01	6,32			
F7	1	24,05	5,55	1,686	0,195	0,003
	2	23,34	5,57			
F8	1	14,19	1,77	3,108	0,078	0,006
	2	13,88	1,72			
F9	1	18,34	2,17	0,725	0,395	0,001
	2	18,13	2,56			
F10	1	9,40	4,43	0,150	0,698	0,0001
	2	9,57	4,66			
F11	1	18,33	4,02	8,231	0,004	0,016
	2	19,44	3,86			

Legenda: 1 - Atleta não residente no clube; 2 – Atleta residente no clube.

A influência da variável período de ingresso no clube esportivo foi avaliada. De acordo com a Tabela 15, os resultados apontaram para a existência de diferenças significativas no F4 (Dificuldades de adaptação ao clube) e F8 (Bem-estar emocional). Em ambos os casos, o tamanho do efeito foi considerado pequeno.

Tabela 15.
Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Período de Ingresso no Clube Esportivo.

Fatores	Período de ingresso no clube esportivo	Média	Desvio padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F1 Suporte Familiar Adequado	1	63,79	8,74	1,956	0,100	0,015
	2	62,34	9,45			
	3	60,45	10,70			
	4	63,78	10,35			
	5	63,90	9,01			
F2 Adaptação ao Clube Esportivo	1	48,11	8,70	0,718	0,580	0,006
	2	47,84	7,67			
	3	49,34	6,42			
	4	49,37	8,01			
	5	48,22	7,70			
F3 Bem-estar e influência do treinador	1	55,88	3,98	0,170	0,954	0,001
	2	55,65	4,60			
	3	55,82	5,08			
	4	55,66	5,04			
	5	56,04	4,73			
F4 Dificuldades de adaptação ao Clube	1	24,39	7,61	3,689	0,006	0,028
	2	26,42	6,83			
	3	26,42	8,96			
	4	22,60	6,11			
	5	24,85	7,35			
F5 Suporte social positivo	1	46,58	6,73	0,239	0,916	0,002
	2	45,60	6,23			
	3	46,46	6,57			
	4	46,38	6,97			
	5	46,17	6,83			
F6 Estratégias de	1	62,62	6,48	0,610	0,656	0,005
	2	63,71	5,30			

enfrentamento e resiliência	3	62,15	6,12			
	4	62,73	7,54			
	5	63,00	6,26			
F7 Engajamento acadêmico	1	23,41	6,05			
	2	22,82	5,36			
	3	23,42	5,48	0,540	0,707	0,004
	4	24,01	5,41			
	5	23,66	5,65			
F8 Bem-estar emocional	1	14,18	1,80			
	2	13,85	1,80			
	3	14,21	1,98	2,542	0,039	0,019
	4	13,46	1,30			
	5	14,07	1,75			
F9 Bem-estar e recuperação física	1	18,23	2,53			
	2	18,41	2,60			
	3	18,45	2,21	0,640	0,634	0,005
	4	18,22	2,15			
	5	18,02	2,57			
F10 Ausência de suporte familiar	1	10,34	4,82			
	2	9,84	5,08			
	3	8,85	3,79	0,795	0,528	0,006
	4	9,40	4,21			
	5	9,49	4,71			
F11 Feedback sobre desempenho	1	18,90	3,90			
	2	18,71	4,02			
	3	19,60	3,85	0,950	0,435	0,007
	4	18,71	4,26			
	5	19,36	3,81			

Período de ingresso no clube: 1. menos que 45 dias; 2. 45-60 dias; 3. 61-90 dias; 4. 91-120 dias; 5. 121-180 dias.

O teste *post hoc* foi aplicado a fim de identificar em quais grupos as diferenças eram significativas. Os resultados demonstraram que, em relação ao F4, elas se mostraram significativas entre os atletas que estavam entre 45 e 60 dias no clube e aqueles entre 61 e 90 dias ($p=0,007$) e entre o grupo 3 (61 a 90 dias) e grupo 4 (91 a 120 dias) ($p=0,016$). Já em relação ao F8, as diferenças foram significativas entre o grupo 4 e 5 ($p=0,048$).

Por fim, a influência da variável modalidade esportiva foi investigada. Os resultados se mostraram significativos em relação aos fatores *Adaptação ao Clube Esportivo* (F2), *Suporte Social Positivo* (F5), *Estratégias de Enfrentamento e Resiliência* (F6), *Engajamento Acadêmico* (F7) e *Bem-estar Emocional* (F8). Em todos os fatores, o tamanho do efeito foi considerado pequeno, com exceção do F8, considerado médio.

Tabela 16
Estatística Descritiva, Análise de Variância e Tamanho de Efeito por Fator e Modalidade Esportiva

Fator	Modalidade	Média	Desvio Padrão	F	Sig.	Eta parcial quadrado
F1	1	44,00	.	1,132	0,338	0,020
	2	63,51	10,05			
	3	60,00	11,53			
	4	63,59	9,20			
	5	61,69	9,44			
	6	62,95	11,74			
	7	59,00	12,64			
	8	57,00	12,72			
	9	69,5	0,70			
	10	55,57	8,84			
	11	65,85	6,14			
	12	71,00	.			
F2	1	22,00	.	3,623	0,0001	0,061
	2	46,89	8,29			
	3	50,00	6,08			
	4	49,10	7,08			
	5	49,06	5,44			
	6	48,71	10,60			
	7	38,50	12,27			
	8	40,50	4,94			
	9	30,50	23,33			
	10	49,85	5,61			
	11	51,00	5,00			
	12	55,00	.			
F3	1	30,00	.	0,668	0,738	0,012

	2	56,00	3,80			
	3	59,66	2,08			
	4	55,88	4,64			
	5	55,14	3,83			
	6	56,85	7,78			
	7	55,00	8,87			
	8	58,00	0,00			
	9	56,50	3,53			
	10	56,14	1,46			
	11	57,71	3,49			
	12	59,00	.			
	1	28,00	.			
	2	25,92	7,80			
	3	28,00	5,56			
	4	24,31	7,20			
	5	24,53	7,77			
	6	26,19	7,89			
F4	7	32,83	10,32	1,670	0,093	0,029
	8	24,00	4,24			
	9	22,50	0,70			
	10	28,71	5,73			
	11	27,57	5,25			
	12	21,00	.			
	1	22	.			
	2	47,14	7,06			
	3	46,33	4,61			
	4	45,62	6,58			
	5	49,04	5,36			
F5	6	46,57	6,97	2,220	0,020	0,038
	7	41,66	8,09			
	8	40,00	5,65			
	9	42,50	13,43			
	10	46,28	3,54			
	11	48,71	4,57			
	12	51,00	.			
	1	28,00	.			
	2	61,93	6,37			
	3	65,00	2,00			
	4	63,74	5,78			
F6	5	61,89	5,99	1,963	0,042	0,034
	6	61,19	7,99			
	7	58,33	12,16			
	8	62,00	5,65			
	9	59,00	2,82			

	10	60,00	7,74			
	11	62,00	4,00			
	12	68,00	.			
	1	12,00	.			
	2	24,55	4,97			
	3	26,66	2,08			
	4	23,38	5,55			
	5	20,44	6,69			
F7	6	25,80	4,04	3,179	0,001	0,054
	7	25,50	4,32			
	8	26,50	2,12			
	9	25,00	1,41			
	10	26,85	1,34			
	11	25,42	4,07			
	12	30,00	.			
	1	10,00	.			
	2	14,69	2,03			
	3	15,66	2,51			
	4	13,73	1,59			
	5	13,93	1,71			
F8	6	14,33	1,46	3,570	0,0001	0,060
	7	13,33	2,58			
	8	15,00	1,41			
	9	13,00	0,00			
	10	14,85	1,95			
	11	14,71	1,60			
	12	14,00	.			
	1	10	.			
	2	18,0337	2,7029			
	3	16	4,58258			
	4	18,303	2,33625			
	5	17,9592	2,60576			
F9	6	18,8095	2,52228	0,852	0,568	0,015
	7	17	2,82843			
	8	16,5	0,70711			
	9	18	1,41421			
	10	18	2,16025			
	11	18,2857	2,13809			
	12	20	.			
	1	18,00	.			
F10	2	9,29	4,11			
	3	11,33	3,05	0,785	0,631	0,014
	4	9,44	4,83			
	5	9,73	4,07			

	6	11,66	4,66			
	7	8,33	4,92			
	8	7,50	2,12			
	9	9,50	4,94			
	10	10,00	4,65			
	11	8,00	2,30			
	12	8,00	.			
<hr/>						
	1	10,00	.			
	2	20,08	3,42			
	3	20,00	4,58			
	4	18,84	4,03			
	5	19,24	3,94			
F11	6	19,04	4,30	1,672	0,093	0,029
	7	16,83	1,94			
	8	18,50	0,70			
	9	20,50	6,36			
	10	22,14	2,47			
	11	20,71	2,75			
	12	18,00	.			

Modalidades: 1. Atletismo; 2. Basquete; 3. Boxe; 4. Futebol de Campo; 5. Futebol de Salão; 6. Handebol; 7. Judô; 8. Natação; 9. Polo Aquático; 10. Rugby; 11. Voleibol; 12. Wrestling.

Em seguida, o teste *post hoc* foi executado, buscando identificar entre quais grupos as diferenças eram significativas. Para essa análise, a modalidade atletismo e *wrestling* foram retiradas do banco de dados devido ao fato de terem somente um participante, fato que impedia a realização do teste.

Os resultados indicaram que no fator Adaptação ao Clube (F2), diferenças foram notadas em relação aos atletas de futebol de campo e judô ($p=0,021$), futebol de campo e polo aquático ($p=0,016$), futebol de salão e judô ($p=0,036$), futebol de salão e polo aquático ($p=0,021$), handebol e polo aquático ($p=0,033$), polo aquático e *rugby* ($p=0,041$) e entre polo aquático e voleibol ($p=0,022$). No fator Suporte Social Positivo (F5), a diferença ocorreu entre futebol de campo e futebol de salão ($p=0,025$). No fator *Estratégias de*

Enfrentamento e Resiliência (F6), o teste post hoc não identificou diferenças significativas entre as modalidades esportivas.

Já no fator *Engajamento Acadêmico* (F7), a diferença se deu entre os atletas do basquete e do futebol de salão ($p=0,001$), sendo que, no fator *Bem-estar Emocional* (F8), foram significativas entre os grupos futebol de campo e futebol de salão ($p=0,017$), basquete e futebol de salão ($p=0,0001$) e entre futebol de salão e handebol ($p=0,007$).

Discussão

Esse estudo buscou compreender a relação entre os fatores que compõem a Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação e a influência de variáveis externas nas medidas do instrumento. Com intuito de facilitar a compreensão dos dados obtidos, optou-se por dividir a discussão em tópicos, considerando-se a variável independente analisada.

Influência da variável idade

Ao investigar como os fatores da escala se comportavam de acordo com as idades dos participantes, observou-se que algumas áreas apresentaram diferenças significativas, sendo: *Suporte Familiar Adequado* (F1), *Adaptação ao Clube Esportivo* (2), *Engajamento Acadêmico* (F7) e *Bem-Estar Emocional* (F8). Os dados revelaram que dependendo da idade do atleta, esses fatores podem ser percebidos como mais ou menos favoráveis no processo de adaptação ao clube esportivo, podendo impactar, conseqüentemente no rendimento esportivo.

No Fator 1, *Adaptação ao Clube Esportivo*, os resultados demonstraram que, de forma geral, os atletas com menor idade relataram perceber um maior nível de suporte familiar adequado, quando comparados com os atletas de idades mais elevadas. Tal fator está associado com o apoio prestado pela família na organização da rotina, monitoramento de atividades e auxílio na superação de eventuais adversidades (Romanelli, 2003). Envolve tanto ações objetivas e práticas quanto intervenções diante de situações financeira, formação educacional, diálogos e ações facilitadoras da exploração vocacional, tomadas de decisões, expectativas de resultados, cobranças, sonhos, projetos profissionais, como um todo (Almeida & Melo-Silva, 2011). Todos esses aspectos são considerados fundamentais principalmente quando o atleta ainda está em período de formação (Romanelli, 2003).

Esses resultados reforçaram os apontamentos descritos em literatura de que, durante o processo de formação, o atleta necessita que a família se disponibilize e o ajude diante dos desafios apresentados no cenário esportivo, exigindo que por um período, a família coloque as atividades esportivas (do filho) como prioridade na dinâmica familiar. Ao dar esse suporte, a família favorece para melhor adaptação do filho aos desafios presentes nesse cenário (Chagas, 2008) sendo, possivelmente, mais exigida e mais importante, enquanto o atleta ainda é menor de idade.

O F2, "*Adaptação ao Clube Esportivo*", compreende os aspectos importantes e que podem favorecer na adaptação do atleta à organização esportiva. O esporte exige diferentes etapas de adaptação, especialmente, em situações de transição na carreira. Cada fase apresenta novos desafios

(Schlossberg, 1981) e a forma como o atleta irá lidar com a nova realidade, pessoal e profissional, pode influenciar a saúde mental e desempenho esportivo (Faggiani et al., 2016).

Os resultados demonstraram que os atletas de 15 anos apresentaram médias mais altas e, conseqüentemente, melhor percepção da adaptação ao clube, sendo que, dentre as demais idades, a média se mostrou similar, sendo mais baixa nos atletas de 14 anos. De modo geral, as idades que perceberam menor percepção de adaptação são as que já estão em uma fase importante de transição na carreira, ou seja, última etapa da formação (maiores de 18 anos), bem como aqueles que estão iniciando sua formação (14 anos). Esses dados corroboram com os achados na literatura, uma vez que o esporte apresenta diferentes etapas de adaptação, especialmente em situações que envolvem a transição na carreira (Schlossberg, 1981). É importante destacar que as estratégias de adaptação podem variar considerando a fase da carreira que o esportista está e os desafios apresentados nesse período (Battochio, Schinke, Battochio, Halliwell, & Tenenbaum, 2010).

A adaptação pode ser compreendida como a capacidade do atleta restaurar o equilíbrio emocional e psicológico, a partir do emprego de estratégias adequadas e bem sucedidas para superar os estressores relacionados às situações enfrentadas nesse cenário. Tal processo exige, do atleta, a combinação de diferentes capacidades, como avaliar o estressor, emitir reações e ações efetivas, tentar regular as emoções e emitir uma resposta adaptativa, a qual pode ser adequada ou não, dependendo também das características das etapas anteriores (Schinke, Tenenbaum, Lidor &

Battochio, 2010). Quando isso não ocorre de forma adequada, o atleta pode sentir a pressão do estresse vivenciado pela situação, passando a experimentar sentimentos de incapacidade (Schinke, Bonhomme, McGannon, & Cummings, 2012) e, conseqüentemente, percepção mais baixa de adaptação.

O F7, "*Engajamento Acadêmico*", investiga comportamentos de dedicação com atividades escolares, esforço para manter a rotina de aulas e atividades escolares revelando se o atleta percebe conseguir ou não conciliar a formação esportiva com a vida acadêmica. Os resultados indicaram que os atletas mais jovens e ainda em período escolar obrigatório (14 a 17 anos), relataram maior engajamento para atender aos desafios propostos pela escola enquanto mantém sua rotina esportiva.

Esses resultados reforçam a ideia de que no esporte de alto rendimento o atleta vai aumentando progressivamente a carga horária de acordo com a idade, passando de uma média de 434 horas/ano (aos 14 anos), podendo chegar à uma média de 867 horas/ano na última fase de formação (18,19 e 20 anos) (Marques & Samulski, 2009), comprometendo a rotina escolar e demais áreas da vida do adolescente-atleta. Outro importante fator se ampara na crença de que o esporte é visualizado como um caminho profissional no qual a formação escolar e acadêmica não são cruciais para se obter sucesso na carreira esportiva (Costa & Koslinski, 2006).

É importante ressaltar, no entanto, que a construção da carreira esportiva associada aos estudos irá depender do apoio institucional que o atleta recebe (Fiochi-Marques, Oliveira & Melo-Silva, 2018; Marques &

Samulski, 2009). O que se vê, na prática, é que as exigências do esporte comprometem e dificultam a rotina dos atletas com relação a organização das atividades acadêmicas (Barros, 2008) e, com isso, a dedicação à escola acaba não sendo prioridade, impulsionando o distanciamento da realidade escolar (Rocha, Bartholo, Melo, & Soares, 2011) e favorecendo à poucas ou raras experiências relacionadas ao estudo (Watt & Moore, 2001).

A escola é participante ativa da formação dos atletas, principalmente no que se refere às ações flexibilizadoras que a instituição, juntamente ao corpo docente, busca para facilitar o acesso e a permanência desses jovens na realidade em se encontram, fazendo valer o direito à educação. Quando esse processo ocorre de maneira adequada, a formação escolar irá se desenvolver ao mesmo passo que a formação esportiva progride (Rastelli & Bandeira, 2019). Tal situação, marcada pela rotina de concentrações para treinos e jogos (Watt & Moore, 2001), associada a vida escolar, é denominada como “dupla carreira” (Borggreffe & Cachay, 2012).

Com o objetivo de favorecer a permanência dos jovens atletas na escola, uma possibilidade a ser avaliada envolve esforço de familiares e professores na tentativa de flexibilizar o processo educacional (Rocha, Bartholomeu, De Melo, & Soares, 2011; Peserico, Kravchychyn, & Oliveira, 2015), justamente por entender que o esporte e a escola são formações que exigem períodos longos de dedicação.

De forma bastante comum, os professores identificam as dificuldades dos alunos-atletas a partir dos problemas com a administração do tempo, elevação do cansaço, interrupção da vida escolar, necessidade de definir

metas de curto e longo prazo e com a necessidade de acesso à recursos tecnológicos para manter os atletas conectados à escola (O'Neill, Calder, & Hinz, 2017). Por outro lado, os alunos relatam dificuldades de aprendizagem com o tempo de aula perdido, necessidades de aulas particulares, importância dos mentores e a necessidade de empatia por parte das pessoas envolvidas no processo (O'Neill, Allen, & Calder, 2013).

O último fator que apresentou diferenças significativas entre grupos foi o F8 (Bem-estar emocional). As emoções resultam da avaliação acerca do significado atribuído a cada situação, com implicações positivas e negativas para o bem-estar (Lazarus, 2000). Aparentemente a competência de regular as emoções é uma condição para o sucesso (Cordeiro, Martins, Costa-Lobo, 2017) e, no esporte de alto desempenho, é alcançada a partir de uma multiplicidade de fatores internos e externos que interagem entre si. Os fatores internos (elevados níveis de motivação, autoconfiança e concentração) são componentes fundamentais nesse processo de regulação emocional tão importantes quanto os fatores externos (definição de objetivos claros e específicos, imaginação e visualização mental, controle da ansiedade, capacidade de lidar com situações imprevistas e valorização do rendimento individual). A combinação desses aspectos pode contribuir na qualidade da regulação emocional diante de uma competição esportiva (Amaral & Cruz, 2013; Dias, Cruz, & Fonseca, 2009). A psicologia pode contribuir na preparação do atleta de forma que ele possa compreender e aprender a lidar com suas emoções (Trevelin & Alves, 2018).

O desporto juvenil pode estar associado a consequências negativas para o bem-estar dos atletas, promovendo sentimentos de baixa autoestima, do desenvolvimento de comportamentos agressivos associados à baixa vontade de cooperar e competir com *fair-play* e da ansiedade excessiva relacionada com a elevada pressão por parte dos adultos (treinadores e pais) que pode levar a situações de estresse competitivo e *burnout* (Eklund & Cresswell, 2007).

Os resultados ajudaram a compreender que há diferença de percepção dos atletas quanto ao seu estado emocional e, a idade, aparentemente, influencia nisso. Nesse sentido, os atletas que estão nos extremos das idades, ou seja, 14, 15 e 20 anos, parecem sentir menor sensações de bem-estar psicológico quando comparados aos atletas que estão em fases intermediárias.

Como já foi discutido anteriormente, o ingresso dos atletas na instituição requer maior esforço no processo de adaptação, especialmente para os atletas mais novos que dependem de maior suporte familiar e apoio para ajustar sua rotina esportiva com as demais atividades externas ao esporte. Além disso, vale ressaltar que essa fase (14 e 15 anos) é o período no qual o atleta passa de uma prática esportiva lúdica para uma prática de maior cobrança de rendimento, além de ser exposto às novas experiências de alta exigência psicológica (gerir as cobranças, aprender novos formatos de jogo, aumento da carga física etc). Esse período de transição entre o esporte lúdico e rendimento gera maior estresse e a necessidade de o atleta aprender estratégias de enfrentamento eficazes e que favoreçam menor risco emocional.

Embora os atletas de 20 anos estejam no último ano de formação e, portanto, tenham vivenciado maiores experiências esportivas, entram numa

fase de dúvidas e reflexões sobre a continuidade da carreira profissional. Situação essa que favorece maior apreensão psicológica já que o trajeto profissional não depende apenas dele e sim de um conjunto fatores (decisão da instituição, vaga disponível para a função desempenhada, rendimento esportivo elevado etc.). Além disso, essas decisões podem definir a carreira profissional, justificando as preocupações vivenciadas nessa fase da carreira.

Vale ressaltar que a interpretação do significado que o atleta dá a um determinado acontecimento é o que pode impactar no sentimento de bem-estar (Dias, Cruz & Fonseca, 2009), tornando-se importante avaliar como o atleta avalia cada situação que vivencia e quais os recursos que ele apresenta para lidar com tais situações, sejam elas positivas ou negativas.

Influência da variável sexo

Os dados relacionados à variável gênero têm sido objeto de pesquisa no campo do esporte por ser uma variável que pode influenciar aspectos importantes relacionados às habilidades psicológicas e competências de desempenho (Cox, Shannon, McGuire, & McBride, 2010). Além disso, saber como os diferentes fatores psicológicos se ajustam, de acordo com o sexo do atleta, é fundamental para desenvolver diferentes métodos de trabalho, favorecendo o melhor rendimento individual (Bara Filho, Ribeiro, & García, 2005a).

Como pode ser observado, os fatores que indicaram diferenças de acordo com o gênero do participante foram: “*Suporte Familiar Adequado*” – F1, “*Bem-estar e Influência do treinador*” – F3, “*Estratégias de Enfrentamento e*

Resiliência” – F6, *“Engajamento Acadêmico”* – F7 e *“Bem-Estar Emocional”* – F8.

O primeiro fator que indicou diferenças estatísticas para a variável sexo foi o F1, *“Suporte Familiar Adequado”*, que investiga a percepção dos atletas quanto ao suporte dado pela família ao longo da prática esportiva. Ao serem analisadas as médias entre os grupos, observou-se que as atletas do gênero feminino percebem menor suporte familiar quando comparadas aos atletas do gênero masculino, reforçando os dados apontados em literatura (Dezan, 2009; Vissoci, Fiordelize, Oliveira, & Nascimento, 2013).

Ao avaliar o apoio familiar, a literatura aponta que as atletas mulheres declararam ter grande apoio dos familiares (pai, mãe e irmãos) quando escolhem iniciar a prática esportiva. O apoio ocorre pelo fato de a escolha ser percebida pela família apenas como uma prática simples e sem compromisso. A literatura tem demonstrado que, no início da prática de alto rendimento, as questões de gênero não são determinantes, considerando que, nessa fase em que o fator cultural não está presente de forma incisiva, tanto os meninos quanto as meninas possuem chances iguais da prática de atividade (Dezan, 2009).

Ao passo que a prática esportiva ganha aspectos mais estruturados de caráter competitivo, surgem os conflitos de ideias, especialmente quando se pensa na menina atleta. A imagem social que constitui entra em conflito com as imagens e expectativas sociais que se tem de uma mulher socialmente aceita. À medida em que a atleta se mantém na prática esportiva, o apoio familiar acaba por se restringir ao apoio do pai e dos irmãos (Dezan, 2009). O maior

apoio aos atletas do sexo masculino e menor apoio às atletas do sexo feminino, também pode ser observado nos estudos realizados por Vissoci et al. (2013) com atletas da modalidade do futsal.

O F3, “*Bem-estar e influência do treinador*”, tem sido indicado como um dos assuntos estudados na literatura por apontar importantes aspectos que podem repercutir na qualidade da experiência desportiva que é proporcionada aos jovens, bem como, condicionar os níveis de aprendizagem e rendimento esportivo (Gomes, 2011b). Os resultados obtidos nesse estudo demonstraram que os atletas do sexo masculino perceberam maior sentimento de bem-estar e influência do treinador na sua prática esportiva quando comparados à percepção das atletas do sexo feminino. Tais dados confirmam a percepção da literatura científica. Ao comparar a percepção dos atletas quanto aos conceitos passados pelos treinadores, Meireles e Rosa (2003) perceberam em sua pesquisa que as médias para as equipes masculinas foram superiores em todos os quesitos investigados (técnico, tático, psicológico, intervenções verbais) quando comparados às equipes femininas. Os resultados indicaram que os treinadores das equipes masculinas transmitem mais informações aos seus atletas do que os treinadores das equipes femininas. Os treinadores das equipes femininas valorizam mais os aspectos psicológicos por sentirem maior necessidade de trabalhar aspectos motivacionais e níveis de autoconfiança do que aspectos de rendimento esportivo.

Os resultados reforçam a ideia de que atletas do sexo masculino são descritos considerando suas conquistas, competitividade, força física e psicológica e a coragem em jogar, enquanto as mulheres são descritas

considerando sua aparência física, feminilidade, comportamento não-competitivo e seus relacionamentos (Kolnes, 1995). Mulheres que atuam em modalidades nas quais o domínio é masculino, o preconceito e a discriminação são ainda maiores. Mesmo alcançando bons resultados internacionais, continuam desconhecidas por grande parte do público (Knijnik & Vasconcelos, 2003) e lutando para serem aceitas como mulheres e atletas de elite.

Destaca-se o fato de que os aspectos abordados apontam que o modelo adotado pelo treinador produz impacto significativo na relação com o atleta. Light Shields, Gardner, Light Bredmeier e Bostro (1997) observaram que maiores níveis de comportamentos orientados à tarefa (treino e instrução, *feedback* positivo e comportamento democrático) estavam positivamente relacionados à coesão na tarefa. Atletas do sexo masculino preferem estilo autocráticos e maior apoio social, diferentes das atletas do sexo feminino, que preferem treinadores com comportamentos mais democráticos (Weinberg & Gould, 2011).

Os resultados do F6, "*Estratégias de Enfrentamento e Resiliência*", apontaram que os atletas masculinos perceberem maior capacidade de empregar as estratégias de enfrentamento e lidar de forma resiliente diante dos desafios apresentados no esporte de alto rendimento quando comparados com atletas do sexo feminino. Estudos realizados por Coimbra, Bara Filho, Andrade e Miranda (2013) apontaram resultados similares aos achados nessa pesquisa, indicando que atletas masculinos apresentam maiores valores para fatores relacionados à estratégias de enfrentamento, especialmente para aspectos como desempenho sob pressão e lidar com adversidades. Maiores níveis de

ansiedade cognitiva, e somática, menor autoconfiança, maior irritabilidade e emotividade foram encontradas para o gênero feminino em estudos de Craft, Magyar, Becker e Feltz (2003), aspectos esses que podem influenciar na capacidade de desempenhar bem sob pressão e lidar com adversidades apresentadas no cenário esportivo.

As questões de “*Engajamento Acadêmico*” – F7, também foi uma das áreas indicadas como sendo diferente entre atletas mulheres e atletas homens. Os resultados indicaram que as mulheres percebem maior engajamento acadêmico, quando comparadas aos atletas homens. Os resultados foram similares aos obtidos em estudos com adolescentes em idade escolar, revelando que as meninas apresentam média superior de engajamento nas tarefas escolares e, portanto, maior tempo dedicado aos estudos, quando comparadas aos meninos (Carvalho & Machado, 2006; Martins & Gontijo, 2011; Shanahan & Flaherty, 2001).

De acordo com Traverso-Yépez e Pinheiro (2005), essas diferenças observadas entre homens e mulheres podem estar relacionadas ao gênero dominante no cenário brasileiro, no qual além da diferenciação física de sexo, há diferenças de valores socioculturais atribuídos e incorporados nas interações sociais. Ao homem é delegada a conquista do espaço público, enquanto à mulher é destinado outros atributos como, por exemplo, atividades do espaço doméstico. Além disso, Wight, Price, Bianchi e Hunt (2009) chamam atenção para as responsabilidades e a maturidade dessa fase da vida, uma vez que estas podem favorecer para a baixa adesão nas atividades escolares e atividades extracurriculares. Ressaltam que a responsabilidade adulta precoce

pode contribuir para a vivência de sentimentos de estresse, depressão e diminuição de participação de atividades extracurriculares.

O F8, "*Bem-estar emocional*", apresentou diferenças significativas, sendo média superior para as atletas mulheres indicando que elas percebem maior bem-estar emocional durante a prática esportiva, quando comparadas aos atletas masculinos. Esses resultados também foram encontrados em estudos realizados por Jiménez-Castuera, Lobato-Muñoz, Leyton-Román e Aspano-Carrón (2016), os quais revelaram que as atletas do sexo feminino apresentaram maior satisfação das necessidades psicológicas quando comparadas aos atletas do sexo masculino, especialmente ao que se refere a autonomia, percepção de competência, percepção de relações sociais.

Ao se discutir a influência do sexo na temática, convém ressaltar as diferentes condições encontradas entre homens e mulheres em relação à prática esportiva, especialmente de alto rendimento. Tais diferenças se referem a aspectos relacionados ao salário, condição física, condições ambientais (como espaço para treino, número de equipes), sendo, mais comumente, desfavoráveis às mulheres. Outros fatores importantes se referem à influência da mídia, a qual valoriza as práticas masculinas, dada sua maior visibilidade. Nesse sentido, é importante reforçar a existência de condições diferenciadas para que os atletas de cada sexo se mantenham no esporte e que o instrumento aqui proposto se mostrou sensível em identificar tais diferenças que estão postas na sociedade.

Influência da variável nível de escolaridade

Ao avaliar a influência do nível de escolaridade dos atletas em formação, a análise descritiva indicou diferenças significativas para as dimensões F5 “*Suporte Social Positivo*”, F7 “*Engajamento Acadêmico*” e F8 “*Bem-estar Emocional*”.

Os dados referentes ao F5, “*Suporte Social Positivo*”, indicaram que os atletas ainda em período escolar continuam percebendo o apoio social positivo para continuar dividindo sua rotina escolar com a prática esportiva, enquanto esse apoio parece ser menor para os atletas que já encerraram o percurso acadêmico em nível de graduação.

A literatura tem demonstrado que a família e o clube são peças fundamentais para dar suporte aos atletas que estão se dividindo entre a escola e as práticas esportivas, entretanto os registros na literatura dão conta que os atletas recebem maior suporte para questões da carreira esportiva do que suporte para o planejamento dos estudos e planejamento de carreira não esportiva (Marques & Samulski, 2009). Aparentemente, a preocupação com a especialização na modalidade e o aumento do tempo dedicado aos treinamentos, dificultam ainda mais o acesso à rotina acadêmica. O suporte necessário para que o atleta consiga dar conta de todas as responsabilidades que cabe para a idade, inclusive os estudos, são restringidos à medida que os aspectos da carreira esportiva ganham força (Barros, 2008; Watt & Moore, 2001).

Quando essa organização e suporte não ocorrem, o abandono precoce dos estudos se torna realidade (Rocha, Bartholo, Melo, & Soares, 2011) e, caso o atleta seja mal sucedido no esporte, dificilmente os anos de formação

na modalidade esportiva se converterão em outras oportunidades de carreira no mercado de trabalho. Justamente por não terem concluído sua trajetória acadêmica, os atletas acabam enfrentando dificuldades em exercerem outra profissão que não esteja relacionada à prática do esporte (Souza, Vaz, & Bartholo, 2008).

O F7, “*Engajamento Acadêmico*”, foi a segunda área que apresentou diferenças significativas entre os grupos. Os dados revelaram que atletas que ainda estão no ensino de educação básica, percebem menor engajamento à medida que vão subindo de classe escolar e atletas que migram para o ensino superior, percebem maior engajamento nas atividades acadêmicas, quando comparados aos atletas que estão fechando o ciclo do ensino médio. Parece que o início dos ciclos de educação básica e ensino superior são percebidos com maior necessidade de engajamento por parte dos atletas.

Os atletas, durante sua formação, precisam conciliar a carreira esportiva e o desenvolvimento educacional (Wylleman, Alfermann, & Lavalle, 2004). Quando esse processo ocorre ou a conciliação das atividades esportivas são realizadas concomitantemente com outra profissão, essa situação é nomeada como *dual career* (dupla carreira) (Ryba, Stambulova, Ronlainen, Bundgaard, & Selänne, 2014). Especificamente, à medida que o atleta consegue conciliar a carreira esportiva com a formação escolar, aumentam as possibilidades de reconhecer a vida além do esporte, preparando-o para enfrentar os desafios futuros (Aquilina, 2013).

Para alguns atletas, a escola não é apresentada como a principal prioridade nesse momento e a dedicação aos estudos não é a principal meta

(Neri, 2009). Esses dados foram observados em uma pesquisa realizada por Ferreira (2015), a qual revelou que 53% dos atletas do futebol não consideraram importante associar os estudos com a rotina esportiva, enquanto que, para os atletas de futsal, o cenário é inverso, sendo que somente 10% não reconheceram a importância dos estudos. Os dados chamaram atenção para as diferenças de percepção existentes entre modalidades para esse tema. Esses dados reforçam os estudos realizados por Haas e Carvalho (2015, 2018), os quais observaram que no Brasil, o futebol possui mercado competitivo e estruturado, permitindo oportunidades profissionais e altos ganhos financeiros, entretanto, essa realidade não se aplica às outras modalidades esportivas, o que pode contribuir para a decisão do atleta seguir para o ensino superior.

No contexto brasileiro, ficam nítidas as dificuldades para conciliar a rotina escolar associada às exigências do esporte de alto rendimento e, por mais que o estudante-atleta tenha a intenção de cumprir suas obrigações educacionais e as exigências esportivas, em algum momento do processo, ele deverá priorizar uma das carreiras (Martins, Rocha, & Costa, 2020). Entretanto, é fundamental que a família e as redes de colaboração ajudem o atleta a definir em qual carreira – escolar ou esportiva – o estudante-atleta vai elevar sua dedicação, investimento e engajamento (Correia, 2018). O suporte recebido das instituições educacionais pode contribuir para que a dupla carreira tenha uma conciliação harmoniosa ou não (Martins et al., 2020).

A terceira e última área que apresentou diferenças entre grupos foi o F8, “Bem-estar emocional”. De acordo com os dados, aparentemente, os atletas em maiores níveis escolares relataram maior sensação de bem-estar

emocional. Esses resultados se mostram contrários a estudos relatados na literatura científica (Fernandes, Bertelli, & Almeida, 2011; Karatzias, Power, Flemming, Lennan, & Swanson, 2002), os quais observaram que os adolescentes em idade escolar relataram menor gosto pela escola, rendimento escolar e simpatia com as amigas à medida que envelheciam. Aparentemente, questões relacionadas à maior exigência no contexto escolar permitem justificar a elevada porcentagem de insucesso e/ou abandono escolar dos adolescentes.

A literatura correlaciona, de forma positiva, a motivação acadêmica, o rendimento escolar e o gostar da escola com o autoconceito e bem-estar subjetivo dos adolescentes (Huebner & McCullough, 2000). De acordo com os estudos, a satisfação escolar está associada com as relações positivas com o pais, aceitação de si, relações positivas com os outros, objetivos de vida (Fernandes et al., 2011), e além disso, a percepção de autoeficácia geral e acadêmica, assim como a percepção de suporte social por parte dos professores e colegas, são aspectos importantes para o ajustamento à escola, sendo facilitadores no envolvimento dos alunos diante das atividades escolares e na menor frequência de comportamentos problemáticos e disruptivos (Berndt & Keefe, 1995).

Influência da variável tipo de vínculo (amador e profissional)

De acordo com os resultados obtidos para o tipo de vínculo com a instituição, observou-se que duas dimensões apresentaram diferenças significativas ao comparar os dois grupos investigados, sendo atleta amador e

atleta profissional. O primeiro fator a indicar diferenças significativas foi o relacionado aos aspectos de “*Adaptação ao clube esportivo*” – (F2). Os dados revelaram que os atletas em situação de vínculo profissional percebem maior adaptação à instituição esportiva quando comparado aos atletas que estão em uma condição de vínculo amador.

Tal fator avalia o processo de adaptação do atleta no clube e está relacionado à capacidade de restauração e equilíbrio emocional e psicológico a partir de estratégias empregadas para superar o estresse da situação vivenciada (Schinke, Tenenbaum, Lidos, & Battochio, 2010). Nesse contexto, é importante considerar que o esporte de alto rendimento é estruturado, orientado para a tarefa e com demanda de comprometimento e esforço, definição semelhante ao que se refere à trabalho - esforço de uma pessoa para executar uma meta ou tarefa. Baseando-se nessa compreensão, as organizações esportivas podem ser consideradas contexto de trabalho, profissão e carreira (Campos, Cappelle, & Maciel, 2017). Isso porque a atividade atlética pode apresentar exigências comuns à outras profissões como disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia. Esses atributos são importantes porque ajudam a diferenciar o esporte profissional do amador, sendo que o primeiro (profissional), exige grande dedicação e envolvimento e traz provimentos por meio de vínculos contratuais (Campos et al., 2017).

O processo de adaptação às exigências institucionais pode ser facilitado, considerando que as habilidades e práticas esportivas são exploradas simultaneamente às rotinas do cenário do esporte profissional, ou seja,

trabalho formal, com dedicação exclusiva e principal (Melbye, Tenenbaum & Eklund, 2007). Os autores argumentam que o foco total nas tarefas da modalidade pode favorecer a percepção dos atletas profissionais quanto ao processo de adaptação na rotina do clube.

Por outro lado, na condição de amador, o envolvimento do atleta, embora seja constante, não é considerado profissional, ou seja, sem vínculos contratuais. Normalmente, a transição da fase amadora para a fase profissional ocorre em função do nível de desempenho alcançado pelo atleta, que na maioria das vezes, acontece no final da adolescência e/ou no início da idade adulta (Marques & Samulski, 2009).

No caso do segundo fator, “*Engajamento acadêmico*” - (F7), os dados indicaram que os atletas amadores percebem maior engajamento nas atividades escolares quando comparados aos atletas profissionais. Aparentemente, o fato de não possuir vínculos contratuais e, portanto, menor carga de treinos e jogos, favorece para que esse grupo de atletas consiga assumir outras atividades que não apenas a esportiva, como no caso das atividades escolares.

Essa situação, parece favorecer esse grupo específico no processo de adaptação nas organizações esportivas, especialmente, quando comparado aos atletas profissionais, que apontaram perceber menor engajamento acadêmico. Esses dados foram compatíveis aos resultados encontrados por Marques e Samulski (2009) os quais mensuraram que 57% dos atletas consideram “relativamente difícil” conciliar sua rotina escolar com as atividades de treinos e competições. As complicações desse processo entre atividades

escolares e tarefas esportivas, também foram observadas em outros estudos com atletas participantes de modalidades de alto rendimento (Wyllemann, Alfermann & Lavallee, 2004; Wyllemann & Lavallee, 2004).

Alguns clubes esportivos, especialmente da modalidade do futebol, acabam optando por montar uma estrutura escolar dentro da própria instituição com a intenção de facilitar o acesso dos atletas aos estudos (Marques & Samulski, 2009). Entretanto, Hackfort e Huang (2005) chamam atenção para as questões limitadoras desse processo, uma vez que ao frequentarem uma escola regular, os jovens podem construir vínculos com outros adolescentes não envolvidos no esporte, possibilitando a ampliação do círculo de amizades, o que não ocorre quando a estrutura fica restrita para os jovens da instituição.

Influência da variável residência no clube esportivo

De acordo com os resultados obtidos para a comparação de grupos de atletas residentes e não residentes na instituição esportiva, observou-se que alguns fatores apresentaram diferenças significativas entre os grupos. O F2, “*Adaptação ao Clube Esportivo*”, apontou que os atletas residentes percebem maior adaptação ao clube esportivo quando comparado aos atletas que não estão em condição de alojamento.

O estudo realizado por Faggiani e Lisboa (2017) apontou que atletas praticantes de modalidade de alto rendimento e, em fase de formação, apresentaram, nos primeiros seis meses de ingresso ao clube esportivo, o decréscimo de habilidades sociais. Esses dados reforçaram a ideia de que o processo de adaptação de um atleta à uma nova cultura, é um processo

complexo e de risco (Richardson, Littlewood, Nesti, & Benstead, 2012), além disso, compreender os desafios enfrentados na chegada a um novo clube é importante para a prevenção da alienação social, ao déficit em habilidades sociais e aos fracassos no desempenho esportivo. Nessa condição, a formação de novos vínculos e redes de apoio mostraram-se fundamentais sendo uma das principais estratégias utilizadas pelos atletas para enfrentar as adversidades do processo de aculturação e do esporte (Faggiani & Lisboa, 2017).

A reclusão esportiva, muitas vezes, faz-se obrigatória devido aos deslocamentos entre cidades para cumprir jogos oficiais das competições (Morão, Bagni, Verzani, Barbosa, & Machado, 2016) e, diante dos problemas que podem ser vivenciados nesse processo (situações inesperadas, desentendimentos, desafetos etc.), torna-se relevante avaliar a percepção e discurso dos atletas a respeito dos fatores positivos e negativos que podem emergir a partir da convivência nesse ambiente (Kocian, Kocian, & Machado, 2005).

A residência em clubes é comum desde as categorias de base (Krebs, 1995), e considerando o público, Machado e Gomes (2011) apontam a importância de haver, na programação, atividades lúdicas, educativas, prazerosas, além da construção de um espaço que proporcione melhor aprendizagem e satisfação para os jogadores ainda em formação, ou seja, atividades que possam impactar positivamente o rendimento esportivo. Quando essas atividades são realizadas e somadas à rotina de treinamento dos atletas, passam a ser essenciais para a preparação global adequada dos esportistas,

ainda mais quando estes se encontram em períodos competitivos, visando moldar ou manejar o jogador para que se adeque às características da competição a qual irá enfrentar (Toledo, 2002).

Nesse sentido, os resultados apontaram que os atletas em condição de residência percebem-se mais adaptados ao clube esportivo, quando comparados aos atletas não residentes. Os resultados vão de encontro a pesquisa realizada em 2016 por Morão et. al., os quais observaram que a maioria dos atletas investigados (56%) reconheceram que o ambiente de reclusão e/ou alojamento oferece as condições necessárias para os esportistas, no sentido de dar subsídios e colaborar para a prática adequada das atividades propostas, além de cumprir com as necessidades fundamentais que um atleta precisa.

O F5, "*Suporte Social Positivo*", também indicou que os atletas alojados percebem maior suporte social quando comparado aos atletas não alojados. Do ponto de vista social, a Organização Mundial de Saúde (2012) sugere que a inserção social e rede de apoio são alguns dos aspectos importantes na contribuição dos fatores de proteção emocional. Em relação ao suporte social positivo, os resultados foram enfáticos em indicar que os atletas residentes, percebem maior apoio do círculo de amigos quando comparados aos atletas não alojados. Os dados obtidos reforçaram os achados de Morão et. al. (2016), quanto à necessidade de os atletas terem boa convivência social, ter confiança para buscar seus companheiros de apoio para lidarem com as situações adversas do mundo do esporte e, até mesmo, questões pessoais.

Além disso, o ambiente de reclusão é o local onde o contato entre os atletas é maximizado, surgindo brincadeiras e formas de descontrações, como diversos tipos de jogos, suprimindo algumas necessidades de convivência. A pesquisa também indicou que os atletas percebem que, no ambiente de reclusão, há um aumento da convivência social, fato relevante se pensarmos que esses atletas ficam longe de seus familiares e amigos durante certo tempo. A partir dessas informações, fica claro que esse ambiente deve proporcionar, além de foco na competição, momentos de alegrias, conquistas e ganhos educacionais, de forma que independa dos resultados obtidos nas partidas, valorizando o processo educacional esportivo como um todo (Machado & Gomes, 2011).

A escassez de estudos sobre prevenção de saúde mental no esporte dificulta a compreensão dos fatores que podem ajudar os participantes nesse contexto, entretanto, fica claro que a atividade física pode diminuir fatores de risco e proporcionar aspectos protetivos ao promover socialização, melhora da qualidade de vida, satisfação com a vida e aumento nos níveis de autoestima, autoeficácia e autoconceito, assim como no desenvolvimento de habilidades sociais, aumentando a rede de apoio social (Zanini, Araújo, Campos, Faria, & Santos, 2020).

Por último, o F11, "*Feedback de Desempenho*", apontou que há maior percepção dos atletas residentes quanto ao *feedback* recebido pela comissão técnica sobre sua performance do que os atletas não alojados. Aparentemente, o ambiente de reclusão é importante para a manutenção do foco, além desse local também contribuir para o aperfeiçoamento da coesão grupal (Morão et al.,

2016). Esses aspectos ainda aparecem em outras pesquisas (Kocian, Botura, Nicola, Amancio, & Machado, 2007; Kocian, Kocian, & Machado, 2005), demonstrando a visão dos atletas sobre esse ambiente de alojamento e reclusão/ concentração.

O vínculo social sustenta que os praticantes de esportes desenvolvem relações com pessoas significativas que representam valores dominantes e pró-sociais. Um atleta jovem identifica-se com seu técnico e equipe e, ao fazê-lo, aprende valores como trabalho de equipe, esforço e realização (Weinberg & Gould, 2017).

O vínculo estabelecido entre o treinador e atleta proporciona um espaço de ensino aprendizagem no qual permite ao atleta a instauração de ideias sobre o trabalho desenvolvido, a criatividade e o pensamento sobre o contexto esportivo, permitindo ao atleta que ele tome posse do que aprendeu e passe a operacionalizar tal conteúdo. Não basta o atleta ter vivenciado apenas o conhecimento, é necessário elaborar um saber a respeito do seu próprio processo, que possibilite em determinadas situações formas adequadas de resolução (Silva, 2003).

O *feedback* concedido ao atleta por intermédio do treinador quanto ao desempenho esportivo e outros aspectos, como por exemplo comportamento social, mostra-se benéfico, não apenas para o esportista, mas também para a equipe como um todo. Em um estudo realizado por Silva, Oliveira e Nakano (2019), observou-se que os *feedbacks* realizados pelo treinador em situações pontuais, contribuiu para a maximização do rendimento esportivo, visto ter reunido dados psicológicos, sociais e técnicos. Além disso, indicou que o fato

do atleta permanecer em alojamento favorece maior observação dos comportamentos gerais e intervenções multiprofissionais, de modo a permitir que as metodologias de trabalho sejam mais adequadas às suas especificidades, potencializando seus pontos fortes e atuando no fortalecimento daqueles aspectos não tão adequados.

Influência da variável tempo de ingresso na organização esportiva

Ao avaliar as diferenças obtidas a partir do tempo de ingresso do atleta no clube esportivo, foi possível observar que apenas dois fatores indicaram diferenças significativas, sendo: *Dificuldades de Adaptação no Clube* (F4) e *Bem-estar Emocional* (F8). Em relação às dificuldades de adaptação, os resultados indicaram que os atletas que estavam no clube entre 45 e 60 dias perceberam maior dificuldades para se adaptar às demandas da organização esportiva quando comparados aos atletas com maior tempo de clube - entre 91 e 120 dias. No geral, os dados possibilitaram compreender que a percepção de dificuldades de adaptação vai diminuindo de acordo com o passar do tempo. Aparentemente, à medida que o atleta vai conhecendo o espaço e a rotina da instituição, consegue perceber melhores formas de enfrentar os desafios vivenciados no dia a dia do clube.

Com o desejo de construir seu processo de formação no esporte de alto rendimento, os atletas de categorias de base enfrentam fatores de risco, como o isolamento, o incentivo à competitividade, a saudade dos familiares, o assédio da mídia e a perda de privacidade. Atletas adolescentes residentes em clubes vêm de diferentes regiões do país e do exterior e, além desses riscos,

sobretudo enfrentam desde cedo o processo de aculturação no futebol (Faggiani et al., 2016). Normalmente, chegam ao novo contexto sem saber informações do lugar onde residirão, sem conhecer os costumes locais, clima meteorológico e afetivo-cultural, muitos menos os alimentos típicos e crenças da organização esportiva. Podem se tornar "sem pátria" e viver em conflito no que tange à sua identidade cultural (Faggiani & Lisboa, 2017).

Ao passar por esse processo de mudança, o atleta pode enfrentar sentimentos de medo e insegurança à medida em que se depara com suas fragilidades, assim como se surpreender com sua capacidade de superação. O ambiente de alto rendimento apresenta pressão pelos resultados, com baixo espaço para reflexões, e nesse contexto, o atleta precisa se sentir bem e estar em equilíbrio afetivo e psicossocial para poder progredir e melhorar seu desempenho esportivo (Richardson, Litterwood, Nesti, & Benstead, 2012).

A mudança e a adaptação do atleta a uma nova cultura, como forma de prevenção ao fracasso no esporte e ao sofrimento psíquico desses indivíduos, merecem atenção. Nessa fase de vida, na qual estão construindo a identidade, lidar com as adversidades não é fácil, especialmente considerando-se que, quanto mais jovem, mais difícil gerenciar os desafios apresentados nesse ambiente. Esses e outros fatores como adaptação ao novo estilo de treinamento, a distância da família e de amigos e a dificuldade em comunicar-se efetivamente com as pessoas da cultura local podem contribuir para a oscilação emocional vivenciado no processo de ingresso no clube esportivo. Além disso, enfrentam situações de isolamento e dificuldades de estabelecer

relações, o que interfere na saúde mental e performance esportiva (Faggiani et al., 2016; Faggiani & Lisboa, 2017).

Algumas pesquisas indicaram que vários fatores podem interferir no processo de adaptação do atleta ao novo clube esportivo. Em relação às questões técnicas, as pesquisas demonstraram que os esportistas apresentam preocupações relacionadas ao desempenho na modalidade, nas novas orientações de treinamento (intensidade), frequência dos treinos e competições (Weedon, 2011) e no estilo do jogo (Richardson, et al., 2012), situações que, quando não ajustadas, podem favorecer o retorno antecipado do atleta para o local de origem (Agergaard, & Ryba, 2014).

Além dos fatores técnicos, foram observadas questões de ordem psicossociais que podem influenciar, positivamente ou negativamente, no processo de adaptação, como as incertezas do ambiente (Andreason, 2003), o desconhecimento do espaço físico e social, as normas de convivência da nova organização esportiva e sentimentos de solidão (Agergaard, 2008). No geral, é esperado que durante o ingresso, o atleta reconheça o ambiente e busque um entendimento do novo modelo de performance, assim como das expectativas com relação ao seu desempenho. Esses aspectos indicam que a transição para uma nova cultura pede acompanhamento e orientação, visando evitar situações de isolamento e dificuldades diante de novas relações interpessoais (Faggiani et al., 2016; Faggiani & Lisboa, 2017).

Os resultados obtidos a partir desse estudo corroboram com os apontamentos descritos em literatura até aqui, uma vez que indicaram que quanto menor o tempo de estadia na instituição, maior a percepção de

dificuldades no processo de adaptação. A pesquisa revelou que, à medida que o tempo de permanência na instituição esportiva vai se estendendo, os atletas vão percebendo formas de lidar com as adversidades que são apresentadas pelo contexto esportivo. Em um estudo realizado por Faggiani e Lisboa (2017), os resultados descreveram as dificuldades mais citadas por atletas com menos que 180 dias de ingresso no clube (futebol). As pesquisadoras registraram déficits nas habilidades sociais, sendo os fatores de enfrentamento e de auto exposição como aspectos mais significativos. Além disso, os estudos revelaram que a chegada no novo clube sem conhecer ninguém, costumes da região, temperatura, distanciamento familiar, são fatores de risco para a adaptação do atleta ao clube e ao rendimento esportivo. Os dados reforçaram a ideia de que a aculturação envolve um amplo conjunto de reações emocionais e psicológicas nos indivíduos na tentativa de lidar com as diferenças culturais e mostra-se de grande impacto na aderência à nova realidade e para a performance atlética (Lee & Kartika, 2014). Nesse sentido, alguns aspectos psicológicos e de bem-estar emocional são fundamentais ao longo da estadia do atleta no clube.

Os valores pessoais e os aspectos da personalidade são apontados como importantes no modo de adaptação à uma nova cultura, denominado como aculturação psicológica (Berry, 2002). Nesse sentido, observa-se mudanças no comportamento, especialmente ao que diz respeito às habilidades sociais, vínculo com as novas pessoas e estabelecimento de novas redes de apoio (Mendenhall & Oddou, 2014). Para os atletas que não possuem boa resposta de enfrentamento, é possível observar o aumento do nível de

estresse, depressão e ansiedade (Sebben, 1996). Vale ressaltar que a idade pode influenciar nesse processo, especialmente, em períodos que o atleta esteja vivenciando a adolescência e/ou a fase jovem adulta, períodos importantes na construção da identidade (Berry, 2002).

Aspectos como autoeficácia, autoeficácia social e relacional, estabilidade emocional, empatia, flexibilidade e tolerância, foram indicados como os que favorecem ao sucesso na adaptação do atleta nos desafios apresentados pela nova instituição (Brandão, Magnanin, Tega, & Medina, 2013). Nesse sentido, os dados desse estudo em relação ao tempo de estadia dos jogadores na instituição esportiva, apontaram que a percepção de dificuldades de adaptação pode impactar no processo de bem-estar emocional do atleta e que, à medida que o atleta consegue perceber formas mais efetivas de enfrentamento das adversidades vivenciadas, tem sua percepção de bem-estar emocional elevada. As dificuldades podem surgir no ingresso do atleta na organização esportiva, entretanto, cabe a instituição observar como ocorre esse processo para cada esportista e construir um plano de intervenção adequado visando facilitar a adaptação e reduzir o sofrimento emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância que o esporte vem recebendo nos últimos anos, bem como o crescimento do número de crianças e adolescentes envolvidos em processos de formação esportiva, o presente estudo buscou fomentar reflexões acerca do cenário atual em que essa formação vem ocorrendo, as particularidades de cada etapa, as principais dificuldades e desafios enfrentados pela área, bem como pontuar questões voltadas ao papel e a responsabilidade dos clubes e instituições esportivas junto ao adolescente em processo de formação esportiva. Dentre os pontos abordados, ficou evidente a necessidade das instituições se estruturarem para oferecer condições adequadas para a maximização do potencial esportivo, mas também e, principalmente, garantir qualidade de vida e bem-estar físico, mental, social e psicológico aos atletas que dividem a sua rotina de vida com as atividades esportivas.

Quando falamos da formação de atletas no esporte, observa-se que o talento individual é combinado com vários outros fatores de ordem física, antropométrica, cognitiva, técnica e tática (Folle, Nascimento, & Graça, 2015) e, também, influenciada por aspectos psicossociais que podem indicar como o atleta lida com determinados obstáculos relacionados à separação da família e do seu meio social, dificuldades em continuar os estudos visto a rotina de treinos e jogos, o alto grau de cobrança em treinos e competições, a incerteza quanto à continuidade no esporte e o gerenciamento do sucesso nesse

cenário. Esses fatores são apontados por Kunz (1994) e Marques e Samulski (2009) como possíveis determinantes na formação de atletas.

Analisando de forma individual, constata-se que enquanto alguns atletas tendem a reagir de forma mais adaptativa às exigências que lhe são colocadas, outros podem apresentar maior dificuldade de adaptação (Folle, Nascimento, & Graça, 2015; Gomes, 2011a). Quando o pior cenário acontece e o atleta é acometido por um quadro que indique difícil adaptação, as intervenções devem ser direcionadas para os processos psicológicos, especialmente por considerarem que as diferentes formas de lidar com esses desafios podem levar a desfechos diferentes (Lazarus & Folkman, 1984). Fica evidente que situações de adaptação exigem uma mudança de comportamento, a qual pode causar um desequilíbrio social que vai além das mudanças do dia a dia (Schlossberg, 1981).

Para tanto, a proposta desse estudo foi desenvolver um instrumento capaz de investigar os aspectos psicossociais que estão presentes na rotina do atleta em formação e que impactam, positiva ou negativamente, no desempenho esportivo. A compreensão desse processo no esporte se torna significativo já que, na infância e adolescência, ocorrem importantes aquisições em diferentes áreas do desenvolvimento humano: neurológica, cognitiva, social, afetiva, regulação emocional e comportamental, todas importantes durante o processo de formação nessa fase de vida (Ré, 2011).

Os estudos evidenciaram que o atleta em formação precisa se esforçar para dar conta das atividades da rotina pessoal (família, lazer, estudos etc.), simultaneamente às atividades associadas ao esporte. Com o reconhecimento

profissional, as áreas da vida pessoal vão ficando cada vez mais comprometidas haja visto a elevação das exigências esportivas. Essas questões indicam que os diferentes contextos proporcionam ambientes esportivos únicos, os quais podem expor, o atleta, a alterações psicológicas e psicofisiológicas específicas. Em razão disso, o uso de instrumentos específicos e adaptados para as diferentes situações no esporte são fundamentais (Silva, Foch, Guimarães, & Enumo, 2014).

A condução de cinco estudos para busca de evidências de validade e precisão (desenvolvimento do instrumento, evidências de validade de conteúdo, estudo piloto, evidências de validade baseadas na estrutura interna e precisão por consistência interna e evidências de validade com base na relação com variáveis externas do tipo convergente) permitiu a investigação das qualidades psicométricas da Escala de Avaliação Psicossocial de Atletas em Formação, elaborada para atender o público adolescente (14 a 20 anos de idade), praticante de esporte de alto rendimento. Novos estudos devem ser conduzidos para compreender as possíveis diferenças entre modalidades e outras evidências de precisão da escala a fim de que o instrumento possa ser disponibilizado para uso profissional, permitindo que as organizações esportivas, com foco no alto rendimento, tenham como suporte uma ferramenta confiável para realizar a avaliação psicossocial dos atletas e, a partir dos resultados, desenvolver um plano de intervenção que atenda às demandas específicas deste.

A partir das discussões realizadas acerca da avaliação psicológica no esporte, esse estudo evidenciou que, embora tenha havido esforços dos

laboratórios de pesquisa nos últimos anos, no Brasil, ainda há um longo trajeto a ser percorrido, haja vista a lacuna em relação a instrumentos psicológicos validados para esse público. Isso pode ser visto pela inexistência, até a presente data, de testes psicológicos disponíveis no Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI) para o esporte. Especialmente nos casos em que a atuação se dá na avaliação psicológica esportiva, mostra-se fundamental um conhecimento aprofundado do psicólogo nessa área, a fim de que os dados obtidos na avaliação possam ser compreendidos de maneira adequada, de modo a estabelecer sua relação com o desempenho da prática esportiva e, assim, direcionar o melhor plano de intervenção.

Nesse estudo, algumas limitações foram observadas, a saber: escolha dos participantes baseada pelo critério de conveniência, de modo que a amostra contemplada nos estudos pode não representar, de forma aleatória, os indivíduos que se encontram no contexto de outros esportes (tempo livre, iniciação esportiva e projetos sociais) o reduzido número de atletas participantes dos estudos para algumas modalidades, o encerramento das atividades oficiais (por parte das instituições) devido ao isolamento social que acometeu o mundo no ano de 2020 – período no qual foram conduzidos os estudos, baixo número de atletas ingressantes nas instituições esportivas - impactando diretamente na amostra almejada e o não aceite de convite para participação de aproximadamente 20% das organizações esportivas consultadas.

Do mesmo modo, pode-se pensar que a utilização de procedimentos para coleta de dados envolvendo o formato *online* também pode ter exercido

alguma influência nos resultados apresentados, isso porque a administração da escala foi realizada à distância e, embora a pesquisadora estivesse disponível para sanar eventuais dúvidas, foram poucos os atletas que acessaram esse recurso. Ressalta-se que a escolha desse formato de coleta se deu em virtude dos problemas ocasionados pelo isolamento social, sendo válido, futuros estudos com procedimentos de coleta no formato lápis e papel visando avaliar se há registro de diferenças diante da aplicação supervisionada.

Destaque-se que, por se tratar de escala de autorrelato, o instrumento não está isento de respostas baseadas na desejabilidade social, sendo importante que, posteriormente, a concordância no processo de resposta possa ser investigada e controlada.

Como sugestões de pesquisas futuras, pode-se pensar em estudos que visem a busca por evidências de validade com base em critérios externos, podendo ser conduzido, por exemplo, por meio da comparação dos resultados da escala aqui investigada com os resultados de escalas direcionadas para transtornos mentais (ansiedade, depressão e estresse), qualidade de vida, habilidades sociais e/ou comportamentos resilientes, uma vez que esses constructos podem ser vivenciados durante o processo de adaptação do atleta ao clube esportivo.

Considerando que a adaptação do atleta diante dos novos desafios e demandas apresentadas pela instituição é um pré-requisito para a permanência e até mesmo para a performance esportiva e não há a disponibilidade de um instrumento específico para uso nesse contexto, a relevância do instrumental se justifica. Além disso, é importante ressaltar a dificuldade enfrentada pelas

organizações na identificação de indivíduos que estão ou não adaptados à rotina apresentada pela instituição e essa situação se intensifica, considerando, em partes, a falta de instrumentos adequados para avaliar este construto no ambiente esportivo. Como resultado, grande parte desses indivíduos deixam de ser avaliados e, quando o são, ocorre de forma incompleta ou a partir de instrumentos sem comprovações científicas e fidedignas. Almeja-se assim que outros estudos sejam desenvolvidos até que a escala possa estar disponível e comercializada para uso profissional.

REFERÊNCIAS

- Agergaard, S. (2008). Elite athletes as migrants in Danish women's handball. *International review for the sociology of sport*, 43, 5-19. doi: 10.1177/1012690208093471
- Agergaard, S., & Ryba, T. V. (2014). Migration and Career Transition in professional sports: transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of Sport Journal*, 31, 228-247. doi: 10.1123/ssj.2013-0031
- Alfermann, D., & Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. In. Tennenbaum, G. & Eklund, R. C. (Eds.). *Handbook of sport psychology*. New York, Wiley, pp. 712-136.
- Almeida, F. H., & Melo-Silva, L. L. (2011). Influência dos pais no processo da escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. *Psico-USF*, 16(1), 75-85.
- Alves, G. A. S., Souza, M. S., & Baptista, M. N. (2011). Validade e precisão de testes psicológicos. In. R. A. M. Ambiel, I. S. Rabelo, S. V. Pacanaro, G. A. S. Alves, & I. F. A. S. Leme (Orgs.), *Avaliação psicológica: guia de consulta para estudantes e profissionais de psicologia* (pp. 109-128). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Amaral, M., & Cruz, J. (2013). Natureza da percepção de ameaça e preditores das estratégias de regulação emocional na competição: Um estudo com atletas talentosos do futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(3), 45-59.

- Ambiel, R. A. M., & Carvalho, L. F. (2017). Validade e precisão de instrumentos de avaliação psicológica. Em M. R. C. Lins & J. C. Borsa (Orgs.), *Avaliação psicológica: aspectos teóricos e práticos*. Petrópolis: Vozes.
- Andreason, A. W. (2003). Expatriate adjustment to foreign assignments. *International Journal of Commerce & Management*, 13(1), 42-60. doi: 10.1108/eb047459
- Andrew, M., Potgieter, J., Johan, C., Grobbelaar, H. W. (2007). Sport psychological skill levels and related psychosocial factors that distinguish between rugby union players of different participation levels. *South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation*, 29(1), 1-14.
- Angelo, L. F. & Rubio, K. (2007). *Instrumentos de Avaliação em Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aquilina, D. (2013). A study of the relationship between elite athletes' educational development and sporting performance. *International Journal of the History of Sport*, 30(4), 374-392.
- Arthur, M. B., Hall, D. T., & Lawrence, B. S. (1989). *Handbook Of Career Theory*. New York: Cambridge University Press.
- Backer, J., Cotê, J., & Abernethy, B. (2003). Sport specific training, deliberate practice and the development of expertise in team ball sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 12-25.
- Baker, J., Wattie, N., & Schorer, J. (2019). A proposed conceptualization of talent in sport: The first step in a long and winding road. *Psychology of Sport and Exercise*, 43, 27-33.

- Bara Filho, M. G., Ribeiro, L. C., & García, F. G. (2005). Comparação de características da personalidade entre atletas brasileiros de alto rendimento e indivíduos não atletas. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 11(2), 115-120.
- Bara Filho, M., Ribeiro, L., & García, F. (2005a). Personalidade de atletas brasileiros de alto rendimento: Comparações entre os gêneros masculino e feminino e correlação com nível competitivo e tempo de treinamento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5(1), 31-39.
- Barros, K. S. (2008). Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(1), 1-27.
- Bartholomeu, D., Montiel, J. M., & Machado, A. A. (2017). Avaliação psicológica no contexto do esporte. In M.R.C. Lins & J.C. Borsa (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Aspectos teóricos e práticos* (pp.398-413). Editora Vozes: Rio de Janeiro.
- Battochio, R. C., Schinke, R. J., Bottochio, D. L., Halliwell, W., & Tenenbaum, G. (2010). The adaptation process of national hockey league players. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 4(4), 282-301.
- Bell, C. C. & Suggs, H. (1998). Using sports to strengthen resilience in children: training hearth. In: *Child Adolescent Psychiatric*, pp. 859-865.
- Berndt, T. J. & Keefe, K. (1995). Friends' influence on adolescents' adjustment to school. *Child Development*, 66, 1312-1329.
- Berry, J. (2002). Migração, Aculturação e Adaptação. In S. DeBaggi & G. Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 29-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bezerra, M. A. A., & Sousa Santos, B. (2019). Fatores de adesão e abandono da prática desportiva em adolescentes escolares. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(2), 71-75.
- Bompa, T. O. (2001). *A periodização do treinamento esportivo*. Manole: São Paulo.
- Borggreffe C. & Cachay K. (2012). "Dual Careers": The Structural Coupling of Elite Sport and School. *European Journal for Sport and Society*, 9(1+2), 57-80.
- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: dois caminhos possíveis. In B. Damaso, & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 15-38). São Paulo: Vetor.
- Bracht, V. (2005). *Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí.
- Brandão, M. R. F. (2000). *Fatores de stress em jogadores de futebol profissional*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- Brandão, M. R. F. & Carchan, D. (2010). Comportamentos de liderança e sua influência no desempenho de atletas. *Motricidade*, 6(1), 53-69. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2010000100005&lng=pt&tlng=en.
- Brandão, M. R. F., Magnani, A., Tega, E., & Medina, J. P. (2013). Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. *Revista Brasileira Ciência e*

Movimento, 21(2), 177-182. doi: 10.18511/0103-1716/rbcm. v21n2p177-182

Brandão, M. S. (2012). *O feedback no ensino esportivo: conceituações e apontamentos para a sua utilização*. Monografia de Especialização, Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul: Santa Maria.

Brasil. Ministério da Educação. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Brito, N., Fonseca, A. M., & Rolim, R. (2004). Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(1), 17-28.

Buceta, J. M. (2009). Psicologia dos treinadores esportivos: Conceitos fundamentais e áreas de intervenção. In M. R. F. Brandão & A. A. Machado (Eds.), *Coletânea psicologia do esporte e do exercício: O treinador e a psicologia do esporte* (pp. 17-40). São Paulo, Brasil: Editora Atheneu.

Cafruni, C., Marques, A., & Gaya, A. (2006). Análise da Carreira Desportiva de Atletas das Regiões Sul e Sudeste do Brasil. Estudo dos Resultados Desportivos nas Etapas de Formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, (6), 55-64.

Calmeiro L, Tenenbaum G, Eccles D. (2010). Event-sequence analysis of appraisals and coping during trapshooting performance. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22(4), 392-7.

- Calvo, T. G., Cervelló, E., Jiménez, R., Iglesias, D., Murcia, J. A. M. (2010). Using selfdetermination theory to explain sport persistence and dropout in adolescent athletes. *The Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 677-684.
- Campestrini, G. R. H. (2015). *Plataforma de Negócios do Esporte: A Gestão do Esporte Orientada para o Mercado*, pp. 26-28. Curitiba: Editora Prismas.
- Campos, R. C., Cappelle, M. C. A., Maciel, L. H. (2017). Carreira Esportiva: O esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 31-41. doi: 10.26707/1984-7270/2017v18n1p31
- Cardoso, F. H., Rezende, I., Malan, P., Souza, P. R., Paiva, P., Stephanes, R., & Nascimento, E. A. (1998). *Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9615consol.htm. Acesso em 31/03/2019.
- Carneiro, F. H. S., Pereira, C. C., Teixeira, M. R., Húngaro, E. M., & Mascarenhas, F. (2019). Orçamento do esporte no governo Dilma: a primazia dos interesses econômicos e o direito escanteado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(4), 343-349. doi: 10.1016/j.rbce.2018.03.032
- Carvalho, M. J. S., & Machado, J. B. (2006). Análise dos usos do tempo entre criança acerca das relações de gênero e de classe social. *Currículo Sem Fronteiras*, 6(1), 70-81.
- Celestino, T. F. S., Leitão, J. C. G. C., & Pereira, A. M. A. (2019). Determinantes para a excelência na orientação: as representações de

- treinadores e atletas de elite. *Retos, nuevas tendencias em educación física, deporte y recreación*, 35, 91-96. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6761639>.
- Chagas, J. F. (2008). *Adolescentes talentosos: características individuais e familiares*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Ciampa, A. C., Leme, C. G., & Souza, R. F. (2010). Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta no futebol no Brasil. *Diversitas: Perspectivas em Psicología*, 6(1), 27-36.
- Clark, S. C. (2005). Frequência de Conhecimento de Resultados e Aprendizagem Motora: linhas atuais de pesquisa e perspectivas: In G. Tani (Ed.), *Comportamento Motor: Aprendizagem e Desenvolvimento* (pp. 185-204). São Paulo: Guanabara Koogan.
- Cohen J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Coimbra, D. R., Bara Filho, M., Andrade, A., & Miranda, R. (2013). Habilidades psicológicas de coping em atletas brasileiros. *Motricidade*, 9(1). 95-106. doi: 10.6063/motricidade9(1).2467
- Cordeiro, S. A., Martins, P. & Costa-Lobo, C. (2017). Bem-estar subjetivo, regulação emocional e orientação motivacional em atletas de alta competição. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 4, 165-169. doi: 10.17979/reipe.2017.0.04.2875
- Correia, C. A. J. (2018). *Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://ppge.fe.ufrj.br/teses2018/tCarlusAugustus.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2020.

Costa, L. O. P., & Samulski, D. M. (2003). Processo de validação do Questionário de Estresse e Recuperação de Atletas (RESTQ-Sport) na língua portuguesa. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 13(1), 79-86.

Costa, M., & Koslinski, M. C. (2006). Entre o mérito e a sorte: a escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, 11(31), 133-211.

Cotê, J., & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: a developmental perspective. In J. M. Silva & D. Stevens (Eds.), *Psychological foundations of sports* (pp. 484-582). Boston: Benjamin Cummings.

Côté, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2007). Practice and play in the development of sport expertise. In G. Tenenbaum & R.C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (pp.184-202). 3a. ed. New York: John Wiley & Sons.

Cox, R., Shannon, J., McGuire, R., & McBride, A. (2010). Predicting subjective athletic performance from psychological skills after controlling for sex and sport. *Journal of Sport Behavior*, 33(2), 129-145.

Craft, L., Magyar, M., Becker, B., & Feltz, D. (2003). The relationship between the competitive state anxiety inventory-2 and sport performance: A meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, 44-65.

- Cronin, L. D., Allen, J. (2018). Examining the relationships among the coaching climate, life skills development and well-being in sport. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 13(6), 815-827. doi: 10.1177/1747954118787949
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. Retirado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf>
- De Bosscher, V., Bottenburg, M. V., Knop, P., & Shibli, S. (2008). *The global sporting arms race: an international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success*. Oxford: Meyer & Meyer Sport.
- De Knop, P., Wyllemann, P., Van Houcke, J., & Bollaert, I. (1999). Sports management: an European approach to the management of the combination of academics and elite-level sport. In: BAILEY, S. (Ed.). *Perspectives: the interdisciplinary series of physical education and sport Science* (pp. 49-62). Oxford: Meyer e Meyer Sport.
- Delforge, C., & Le Scanff, C. (2006). Parental influence on tennis players: case studies. *Revista Psicologia del Deporte*, 15(2), 233-248.
- Dezan, F. (2009). Esporte e questões relacionadas ao gênero. *Revista Digital Efdeportes*, 137.
- Dias, C. A. (2000). Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade*, 10(2), 1-12. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92532>

- Dias, C. S., Cruz, F. A., & Fonseca, A. M. (2009). Emoções, stress, ansiedade e coping: estudo qualitativo com atletas de elite. *Revista Portuguesa Ciências do Desporto*, 9(1), 9-23.
- Donnelly, P. (1993). Problems associated with youth involvement in high-performance sport. In: Cahili, B. R.; Peral, A. J. (Eds.). *Intensive participation in children-s sports*. Champaign: Human Kinetics, pp. 95-126.
- Ekengren, J., Stambulova, N., Johnson, U., & Carlsson, I. M. (2018). Development and validation of career-long psychological support services in Swedish handball. In B. Strauss, et al. (Ed). *Abstract book of the 15th European congress of sport and exercise psychology*, Muenster: WWU Muenster. (pp. 59).
- Eklund, R. C., & Cresswell, S. L. (2007). Athlete bournout. In. G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology*. New York: Wiley & Sons, pp. 621-641.
- Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). O papel da prática deliberada na aquisição de desempenho especializado. *Revisão psicológica*, 100 (3), 363.
- Evans, M. B., Allan, V., Erickson, K., Martin, L. J., & Budziszewski, R., & Côte, J. (2017). Are all sport activities equal? A systematic review of how youth psychosocial experiences vary across differing sport activities *British Journal of Sport Medicine*, 51(3), 169-176. doi: 10.1136/bjsports-2016-097326

- Faggiani, F. T., & Lisboa, C. S. M. (2017). *O processo de aculturação e a adulez emergente em atletas de futebol*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Faggiani, F. T., Strey, A., Fulginiti, D. Lindern, D., Aiquel, P. F., & Sartori, C. (2016). O Expatriado no Contexto Esportivo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, (3), 738-747. doi: 10.1590/1982-3703001832016
- Faggiani, F., Lindern, D., Strey, A., Aiquel, P. F., Fulginiti, D. Sartori, C., & Lisboa, C. S. M. (2016). O Fenômeno do Expatriado no Contexto Esportivo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 738-747. doi: 10.1590/1982-3703001832016
- Feijó, O. G. (2000) Psicologia do Esporte e no Esporte. In: K. Rubio (Org.), *Encontros e Desencontros: descobrindo a psicologia do esporte* (pp. 29-35). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, H. M., Bertelli, J. V. R. R., Almeida, L. (2011). Satisfação escolar e bem-estar psicológico em adolescentes portugueses. *Revista Lusófona de Educação*, 18, 155-172.
- Ferreira, E. J. S. (2015). *Comparação do nível de escolaridade entre os jogadores profissionais de futebol e futsal do estado de Pernambuco*. Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal de Pernambuco – Vitória de Santo Antão.
- Filgueiras, F. M., & Schwartz, F. M. (2007). Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(2), 245-253.

- Fiochi-Marques, M., Oliveira, M. C., & Melo-Silva, L. L. (2018). Construção da carreira do universitário-atleta: percepções e expectativas na transição universidade-trabalho. *Psicologia Revista*, 27, 679-706.
- Fleiss, J. (1981). *Statistical methods for rates and proportions*. New York, NY: John Wiley & Sons.
- Flowers, R. A. & Brown, C. (2002). Effects of sport context and birth order on state anxiety. *Journal of Sport Behavior*, 25(1), 41-56.
- Folle, A., Nascimento, J. V., & Graça, A. B. S. (2015). Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. *Revista de Educação Física*, 26(2), 317-329.
- Folle, A., Nascimento, J. V., Salles, W. N., Maciel, L. F. P., & Dellagrave, E. J. (2018). Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. *Journal of Physical Education*, 29(1), 1-13. doi: 10.4025/jphyseduc.v29i1.2914
- Fonseca, M. G., Gontijo, C. H., Souza, J. C. S. (2015). O Tratamento Quantitativo e sua Potencialidade para a Construção de Testes Psicométricos em Pesquisa de Educação Matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, 8(18), 770-783. Retirado de: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/869>
- Fonseca, R., Silva, P., & Silva, R. R. (2007). Acordo inter-juízes: o caso do coeficiente kappa. *Laboratório de Psicologia*, 5(1), 81-90. doi: 10.14417/lp.759
- Fontes, R. C., C. & Brandão, M. R. F. (2013). A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. *Motriz*:

Revista de Educação Física, 19(1), 151-159. doi.: 10.1590/S1980-65742013000100015

- França, A. B., & Schelini, P. W. (2014). Análise semântica e evidências de validade da escala metacognitiva para idosos. *Avaliação Psicológica*, 13 (3), 333–341 Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Freeman, J. (2000). Families: The essential context for gifts and talents. In K. A. Heller, F. J. Mönks, R. J. Sternberg & R. F. Subotnik (Orgs.), *International handbook of giftedness and talent* (pp. 573-585). Oxford, UK: Pergamon.
- Freitas, M. V. & Stigger, M. P. (2016). A formação de crianças para o esporte de alto rendimento: sobre “manobras” e diferentes apropriações dos treinos. *Pensar a Prática*, 19(1), 81-91.
- Freitas, V. H., Souza, E. A., Oliveira, R. S., Pereira, L. A., & Nakamura, F. Y. (2014). Efeito de quatro dias consecutivos de jogos sobre a potência muscular, estresse e recuperação, percebida, em jogadores de futsal. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, 28(1), 23-30.
- Fruchart, E., & Rulence-Pâques, P. (2020): Mapping judgment of well-being in sport. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, doi: 10.1080/1612197X.2020.1717577
- Gabarra, L. M., Rubio, K., & Ângelo, L. F. (2009). A Psicologia do Esporte na iniciação esportiva infantil. *Psicología para América Latina*, 18, 0-0.
- Galli, N., & Vealey, R. S. (2008). Bouncing back” from adversity: Athletes’ experiences of resilience. *The Sport Psychologist*, 22, 316-335.

- Gerbing, D. W. & Anderson J. C. (1988). An update paradigm for scale development incorporating unidimensionality and its assessment. *Journal of Marketing Research*, 25 (2), 186-192.
- Gomes, A. A. (2005). Apontamentos sobre a pesquisa em educação: uso e possibilidades do grupo focal. *EccoS Revista Científica*, 7(2), 275-290. Retirado de: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71570203.pdf>
- Gomes, A. R. (2011b). A relação e comunicação entre treinador, pais e atletas em contexto de formação desportiva. In A. A. Machado & A. R. Gomes (Eds.), *Psicologia do esporte: de escola à competição* (pp. 131-164). Várzea Paulista: Editora Fontoura.
- Gomes, R. (2011a). Adaptação humana em contextos desportivos: Contributos da Teoria para a Avaliação Psicológica. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 13-24.
- Grolnick, W. S. (2003). *Psychology of parenting controle: how well-me-ant parenting backfires*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Grotberg, E. (2001). Resilience programs for children in disaster. *Ambulatory Child Health*, 7, 75-83.
- Haas, C. M., & Carvalho, R. A. T. (2015). O conflito entre a legislação esportiva e educacional brasileira em relação a escolarização de seus jovens talentos esportivos. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 12, 11-15. doi: 10.17979/reipe.2015.0.12.421
- Haas, C. M., & Carvalho, R. A. T. (2018). Escolarização dos talentos esportivos: busca pelo sucesso no esporte, distanciamento da escola e conflitos legais. *Revista @mbienteeducação*, 11(3), 374–394.

- Hackfort, D., & Huang, Z. (2005). Considerations for research on career counseling and career transitions. In D. Hackfort, J. L., Duda, & R. Lidor (Eds.). *Handbook of research in applied sport and exercise psychology: International perspectives* (pp. 245-255). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise Multivariada dos dados*. 6 ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hamlin, M. J., Wilkes, D., Elliot, C. A., Lizamore, C. A., & Kathiravel, Y. (2019). Monitoring training loads and perceived stress in young elite university athletes. *Frontiers in physiology*, 10, 34. doi: 10.3389/fphys.2019.00034
- Henley, R., Schweizer, I., Gara, F., & Vetter, S. (2008). How psychosocial sport & play programs help youth manage adversity: A review of what we know & what we should research. *International Journal of Psychosocial Rehabilitation*, 12(1), 51-58.
- Hosseini, S. A., & Besharat, M. A. (2010). Relation of resilience with sport achievement and mental health in a sample of athletes. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 5, 633-663.
- Huebner, E. S., & McCullough, G. (2000). Correlates of school satisfaction among adolescents. *The Journal of Educational Research*, 93(5), 331-335.
- Irwing, P., & Heghes, D. J. (2018). Test development. In Irwing, T. Booth, & D. J. Hughes (Eds.), *The Wiley handbook of psychometric testing: a multidisciplinary reference on survey, scale and test development* (pp. 3-8). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

- Jiménez-Catuera, R., Lobato-Muñoz, S. L., Leyton-Román, M., & Aspano-Carrón, M. (2016). Diferenças em função do género das formas de motivação autodeterminada de atletas veteranos. *Ágora para a Educação Física y el Deporte*, 19(1), 35-51.
- Johnson, U. (2011). Psychosocial antecedents of sport injury, prevention, and intervention: An overview of theoretical approaches and empirical findings. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 5(4), 352-369. doi: 10.1080/1612197X.2007.9671841
- Karatzias, A., Power, KG, Flemming, J., Lennan, F., & Swanson, V. (2002). O papel dos dados demográficos, variáveis de personalidade e estresse escolar na previsão da satisfação / insatisfação escolar: Revisão da literatura e resultados de pesquisas. *Psicologia Educacional*, 22 (1), 33-50.
- Kellmann, M., Kallus, K. W. (2001). *Recovery Stress Questionnaire for athletes*. User manual. Champaign. Ed. Human Kinetics.
- Kenttã, G. Hassmén, P. (1998). Overtraining and Recovery. *Sports Medicine*, 26, 1-16.
- Kline, P. (2000). *Handbook of psychological testing* (2nd ed.). London: Routledge.
- Knijnik, J. D., & Vasconcellos, E. G. (2003). *Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. Mulher e Futebol: mitos e verdades*, São Paulo: Manóeli, pp. 165-175.

- Kocian R. C., Botura H., Nicola T., Amandio, J. C. A., & Machado A. A. (2007). Existe possibilidade de uma nova forma de reclusão esportiva? Uma visão dos atletas. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 5(1), 315-322.
- Kocian, R. C., Kocian, W. E., & Machado, A. A. (2005). Aspectos psicológicos positivos e negativos de uma concentração esportiva: uma visão dos atletas. *EFDeportes*, 89. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd89/concen.htm>
- Kolnes, L. J. (1995). Hete Heterosexuality as an organizing principle of women's sport. *International Journal for the Sociology of Sport*, 30(1), 61-77. doi 10.1177/101269029503000104
- Kotz, S., Johnson, N. L. (1983). Encyclopedia of Statistical Sciences. *New York: John Wiley & Sons*, 4, 352-354.
- Krebs, R.J. (1995). *Desenvolvimento humano: teorias e estudos*. Santa Maria: Casa Editorial.
- Kunz, E. (1994). As dimensões inumanas do esporte de rendimento. *Revista Movimento*, 1(1), 23-28.
- Lane, A. M., Terry, P. C. (2000). The nature of mood: Development of a conceptual model with a Focus on depression. *Journal of Applied Sport Psychology*, 12, 16-33.
- Lavoura, T. N., Zanetti, M. C., & Machado, A. A. (2008). Os estados emocionais e a importância do treinamento psicológico no esporte. *Motriz*, 14(2), 115-123.
- Lazarus, R. S. (1991). Progresso em uma teoria cognitiva-motivacional-relacional da emoção. *American Psychologist*, 46(8), 819-834.

- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1999). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lazarus, R.S. (2000). How emotions influence performance in competitive sports. *Journal of Sport Psychology, 14*, 229-52
- Lee, L., & Kartika, N. (2014). The influence of individual, family, and social capital factors on expatriate adjustment and performance: The moderating effect of psychology contract and organizational support. *Expert systems with applications, 41*(11), 5483-5494. doi: 10.1016/j.eswa.2014.02.030
- Levy, A. R., Polman, R. C. J., & Clough, P. J. (2008). Adherence to sport injury rehabilitation programs: an integrated psycho-social approach. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports, 18*(6), 798-809. doi: 10.1111/j.1600-0838.2007.00704.x
- Light Shields, D. L., Gardner, D. E., Light Bredemeier, B. J., & Bostro, A. (1997). The relationship between leadership behaviors and group cohesion in team sports. *The Journal of Psychology, 131*(2), 196-210. doi: 10.1080/00223989709601964
- Lôbo, I. L. B., Moraes, L. C. C. A., & Nascimento, E. (2005). Processo de validação da escala de comportamento do treinador – versão atleta (ECT-A). *Revista Brasileira de Educação Física, 19*(3), 255-265. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16600/18313>.

- Lopes, V. P., & Maia, J. A. R. (2000). Períodos críticos ou sensíveis: revisitar um tema polêmico à luz da investigação empírica. *Revista Paulista de Educação Física*, 14(2), 128-40.
- Lynn, M. R. (1986). Determination and quantification of content validity. *Nursing Research*, 35(9), 382-386. doi: 10.1097/00006199-198611000-00017
- Machado, A. A. (2006). *Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao treinamento esportivo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Machado, A. A., & Gomes, R. (2011). *Psicologia do esporte: da escola à competição*. Várzea Paulista: Fontoura.
- Machado, A. A., & Gomes, R. (2019). *Psicologia do esporte: da escola à competição*. Fontoura Editora.
- Markunas, M. (2007). Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 01-13.
- Marques, M. P. & Samulski, D. M. (2009). Análise da carreira de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento de carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(2), 103-119.
- Martin, D. E., & Dodder, R. A. (1993). A reassessment of the psychosocial functions of sport scale. *Sociology of Sport Journal*, 10(2), 197-204.
- Martins, F. B., Rocha, H. P., & Costa, F. R. (2020). Uma revisão narrativa sobre o estudante-atleta no ensino superior: barreiras, soluções e uma transição

- Pós-Carreira Esportiva Satisfatória. *Artigos de Pesquisa*, 6, 1-25. doi: 10.20396/riesup.v6i0.8657154
- Martins, S., & Contijo, D. T. (2011). Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública. *Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 22(2), 162-171. doi: 10.11606/issn.2238-6149.v22i2p162-171
- Massa, M.; Uezu, R., & Böhme, M. T. S. (2010). Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. *Revista Brasileira de Educação Física do Esporte*, 24(4), 471-481.
- McDonald, R. P. (1999). *Test theory: A unified treatment*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Meeusen, R., Duclos, M., Gleeson, M., Rietjens, G., Steinacker, J., & Urhausen, A. (2006). Prevention, diagnosis and treatment of the Overtraining Syndrome. *European Journal of Sport Science*, 6(1), 1-14.
- Meireles, G. C., & Rosa, M. R. (2003). *A intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipe para a Competição: Estudo Comparativo de Treinadores de Equipes Sêniores Masculinas e Femininas da Divisão A1*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto, Portugal.
- Melbye, L., Tenenbaum, G., & Eklund, R. (2007). Self-objectification and exercise behaviors: The mediating role of social physique anxiety. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, 12(3-4), 196-220.

- Melo, L. B. S., Soares, A. J. G., & Rocha, H. P. A. (2014). Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 28(4), 617-28.
- Mendenhall, M., & Oddou, G. (2014). The dimensions of expatriate acculturation: a review. *Academy of Management Review*, 10(1), 39-47. doi: 10.2307/258210
- Mendes, M. S., Mendes, F. G., Milistetd, M., Collet, C., & Nascimento, J. V. (2017). Incentivo dos componentes psicossociais na trajetória de atletas de voleibol. *Educacion Física y Ciencia*, 19(2), 1-8.
- Milistetd, Mesquita, I., Nascimento, J. V., & Sousa Sobrinho, A. E. P. (2010). Concepções de treinadores "experts" Brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(1), 79-93. doi: 10.1590/S1807-55092010000100008
- Moles, T. A., Auerbach, A. D., & Petrie, T. A. (2017) Grit Happens: Moderating Effects on Motivational Feedback and Sport Performance, *Journal of Applied Sport Psychology*, 29(4), 418-433. doi: 10.1080/10413200.2017.1306729
- Morão, K. G.; Bagni, G.; Verzani, R. H.; Barbosa, C. G.; Machado, A. A. (2016). A reclusão/concentração esportiva para atletas de categorias de base do futebol brasileiro. *RPCD*, 6(3), 78-89. Retirado de: https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/2016-3/06.pdf
- Moura, E. R. F., Bezerra, C. G., Oliveira, M. S., & Damasceno, M. M. C. (2008). Validação de jogo educativo destinado à orientação dietética de

portadores de diabetes mellitus. *Revista de Atenção Primária à Saúde*, 11(4), 435-443. Recuperado de <http://www.aps.ufjf.br/index.php/aps/article/viewArticle/156>

- Muniz, M. (2017). Competências e cuidados para a administração da avaliação psicológica e dos testes psicológicos. In M. R. C. Lins, & J. C. Borsa (Orgs.), *Avaliação psicológica: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 100-114). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Neri, M. C. (2009). O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. In F. Veloso et al. (Orgs.). *Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro* (pp. 25-50). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Noh, Y. E., Morris, T., & Andersen, M. B. (2005). Psychosocial factors and ballet injuries. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 3(1), 79-90. doi: 10.1080/1612197X.2005.9671759
- O'Neill, M., Allen, B., & Calder, A. M. (2013). Pressures to perform: Na Interview study of Australian high performance school-age athletes' perceptions of balancing their school and Sporting lives. *Performance Enhancement & Health*, 2, 87-93. doi: 10.1016 / j.peh.2013.06.001
- O'Neill, M., Calder, A. M., & Hinz, B. (2017). Student-athletes in my classroom: Australian teachers' perspectives of the problems faced by student-athletes balancing. *Australian Journal of Teacher Education*, 42(9), 160-178. doi: 10.14221 / ajte.2017v42n9.10
- Pacico, J. C. (2015). Validade. In Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Treintini, C. M. (Orgs.), *Psicometria* (pp.46-53). Editora Artmed: Porto Alegre.

- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM & IBAPP.
- Pasquali, L. (2009). Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(Esp), 992- 999. doi: 10.1590/S0080-62342009000500002
- Pasquali, L. (2011). *Técnicas do exame psicológico – TEP: manual*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo/Conselho Federal de Psicologia.
- Pawlowski, J., Trentini, C. M., & Bandeira, D. R. (2007). Discutindo procedimentos psicométricos a partir da análise de um instrumento de avaliação neuropsicológica breve. *Psico-USF*, 12(2), 211-219.
- Peixoto, E. M., & Nakano, T. C. (2014). Problemas e perspectivas na utilização dos testes psicológicos em Psicologia do Esporte. In C. R. Campos, & T. C. Nakano (Org.), *Avaliação psicológica: Direcionada a populações específicas* (pp. 201-232). São Paulo: Vetor Ed.
- Peixoto, E. M., Yoshida, E. M. P., Balbinotti, M. A. A., Nakano, T. C., & Wiethaeuper, D. (2015). Avaliação da eficácia adaptativa em atletas de alto rendimento: um estudo exploratório. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 3(2), 21-34. doi: 10.18316/2317-8582.15.0.
- Peres, L. & Lovisolo, H. (2006). Formação Esportiva: Teoria e Visões do Atleta de Elite no Brasil. *Revista da Educação Física*, 17(2), 2011-218.
- Perim, P. C., Corte-Real, N., Dias, C., Parker, M., Souza, L., & Fonseca, A. M. (2015). Resiliência, suporte social e prática esportiva: relações e possibilidades de intervenção social. *Psicologia e Saber Social*, 4(2). 207-223. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2015.15194

- Perroca, M. G., & Gaidzinski, R. R. (2003). Avaliando a confiabilidade interavaliadores de um instrumento para classificação de pacientes: coeficiente Kappa. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 37(1), 72-80.
- Peserico, C. S., Kravchychyn, C., & Oliveira, A. A. B. (2015). Análise da relação entre esporte e desempenho escolar: um estudo de caso. *Pensar a Prática*, 18(2), 260-277.
- Polit, D. F., Hungler, B. P. (1995). Qualidade dos dados. In Polit, D. F. Hungler, B. P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 223-267.
- Primi, R. (2011). Responsabilidade ética no uso de padrões de qualidade profissional na avaliação psicológica. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Ano da Avaliação Psicológica – Texto Geradores* (pp. 53-58). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- Quested, E. Duda, J. L. (2009). Setting the stage: social-environmental and motivational predictors of optimal training engagement. *Performance Research*, 14(2), 36-45.
- R Core Team (2018). *R: A Language and environment for statistical computing*. [Computer software]. Retrieved from <https://cran.r-project.org/>.
- Rastelli, G., & Bandeira, A. S. (2019). “E ai? Como vai a escola?”: Uma revisão sistemática sobre o papel da formação esportiva no processo de escolarização de atletas adolescentes. *Pensar a Prática*, 22(54863), 1-15. doi: 10.5216/rpp.v22.54863
- Ré, A. H. N., (2011). Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: implicações para o esporte. *Motricidade*, 7(3), 55-67.

Retirado de:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2011000300008

- Richardson, D., Littlewood, M., Nesti, M., & Benstead, L. (2012). An examination of the migratory transition of elite young European soccer players to the English premier league. *Journal of Sport Sciences*, 30, 1605-1618. doi: 10.1080/02640414.2012.733017
- Rocha, H. P. A., Bartholo, T. L., Melo, L. B. S., & Soares, A. J. G. (2011). Jovens esportivas: profissionalização no futebol e a formação na escola. *Motriz*, 17(2), 252-263.
- Rocha, P. G. M. & Santos, E. S. (2010). O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: estudo com talentosos do atletismo. *Revista da Educação Física*, 21(1), 69-77.
- Romanelli, G. (2003). Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In N. Zago, M. P. Carvalho, & R. A. T. Vilela (Orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação* (pp. 245-264). Rio de Janeiro: DP&A.
- Rossing, N. N., Mogensen, C. G., Pedersen, M. M., & Martin, L. J. (2020). Coincidence and conditions: An in-depth case study of a successful age group within a grassroots football club. *Journal of Applied Sport Psychology*, 1-36.
- Rozzett, K., & Demos, G. (2010). Desenvolvimento e validação fatorial da Escala de Relacionamento com Clientes (ERC). *Revista de Administração de Empresas*, 50(4), 383-395.

- Rubio, D. M., Berg-Weger, M., Tebb, S. S., Lee, S., & Rauch, S. (2003). Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. *Social Work Research*, 27(2), 94-105. Recuperado de <http://swr.oxfordjournals.org/content/27/2/94.short>
- Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ryba, T. V., Stambulova, N. B., Ronlainen, N. J., Bundgaard, J., & Selänne, H. (2014). Dual career pathways of transnational athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, 21, 125–134.
- Ryba, T. V., Stambulova, N., Si, G., & Schinke, R. J. (2013). ISSP Position Stand: Culturally competente research and practice in sport and exercise psychology. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(2), 123-142. doi: 10.1080/1612197x.2013.779812
- Salmela, J. H. (1994). Phases and transitions across sport careers. In: Hackfort D, Editor. *PsychoSocial Issues and Interventions in Elite Sports, Frankfurt am Main*, pp.11-28.
- Salmela, J. H., & Moraes, I. C. (2003). Coaching expertise, families and cultural contexts. In: L, Starkes & K. A. Ericsson (Orgs). *Expert performance in sport: Advances in research on sport expertise* (pp. 275-296). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Salmond S. S. (2008). Evaluating the reliability and validity of measurement instruments. *Orthopaedic Nursing*, 27(1), 28-30.
- Samulski, D. M., Moraes, L. L. C. A., Ferreira, R. M., Marques, M. P., Silva, Lobo, I. L. B., et al. (2009). Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. *Motriz*, 15(2), 310-317.

- Sanches, S. M. (2007). A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 01-15.
- Santos, A. L. P. & Alexandrino, R. R. (2015). Desenvolvimento da Carreira do Atleta: Análise das fases e Transições. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, 13(2),185-205.
- Schimidt, R. A. (1993). *Aprendizagem e Performance Motora: dos princípios à prática*. São Paulo: Movimento.
- Schinke, R. J., Bonhomme, J., McGannon, K. R., & Cummings, J. (2012). The internal adaptation processes of professional boxers during the showtime super six boxing classic: A qualitative thematic analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(6), 830-839. doi: 10.1016/j.psychsport.2012.06.006
- Schinke, R. J., Tenenbaum, G., Lidor, R., & Battochio, R. C. (2010). Adaptation in action: The transition from research to intervention. *The Sport Psychologist*, 24(4), 542-557.
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, Newbury, 9(2), 2-18.
- Sebben, A. (1996). Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória? *Psico*, 27(1), 129-141.
- Serpa, S., & Teques, P. (2013). Envolvimento parental no desporto: bases conceptuais e metodológicas. *Revista de Psicologia del Deporte*, 22(2), 533-539.

- Shanahan, M. J., & Flaherty, B. P. (2001). Dynamic patterns of time use in adolescence. *Child Development, 72*(2), 385-401.
- Silva, A. M. B., Foch, G. F. L., Guimarães, C. A., & Enumo, S. R. F. (2014a). Instrumentos aplicados em estudos brasileiros em psicologia do esporte. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 5*(2), 77-95. doi: 10.5433/2236-6407.2014v5n2p77
- Silva, A., Monteiro, D., & Sobreiro, P. (2020) Effects of sports participation and the perceived value of elite sport on subjective well-being. *Sport in Society, 23*(7), 1202-1216, doi: 10.1080/17430437.2019.1613376
- Silva, E. F., Pereira, M. G. (1998). Avaliação das estruturas de concordância e discordância nos estudos de confiabilidade. *Revista de Saúde Pública, 32*(4), 383-393.
- Silva, G. M., Oliveira, A. W., Nakano, T. C. (2019). Intervenção psicológica com atletas de futebol: relato de experiência. In. Peixoto, M. E. Nakano. T.C. (Orgs.). *Psicologia do Esporte e Desenvolvimento Humano*. Maringá: Viseu. pp. 142-158.
- Silva, H. R. (2003). A Questão do Vínculo: Interação Técnico-atleta e Transmissão de Saberes. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do Esporte: Teoria e Prática*. (pp. 157-166). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, W. R., Vieira, E. P., Medeiros, T. E., & Cardoso, F. L. (2020). Instrumentos de avaliação em psicologia do esporte: perspectiva no contexto esportivo brasileiro. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 10*(3), 256-278. doi: 10.31501/rbpe.v10i2.11598

- Smith, R. E., & Smoll, F. L. (1996). Psychosocial interventions in youth sport. In J. L. Van Raalte & B. W. Brewer (Eds.), *Exploring sport and exercise psychology* (p. 287–315). American Psychological Association. doi: 10.1037/10186-013
- Souza, C. A. M., Vaz, A. F., & Bartholo, T. L. (2008). Difícil Reversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 85-111.
- Souza, J. S. S., & Knijnik, J. D. (2007). A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira De Educação Física e Esporte*, 21(1), 35-48. doi: 10.1590/S1807-55092007000100004
- Stringhini, S. (2010). *Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Testoni, S., Mansfield, L., & Dolan, P. (2018). Defining and measuring subjective well-being for sport policy, *International Journal of Sport Policy and Politics*, 10(4), 815-827. doi: 10.1080/19406940.2018.1518253
- The jamovi project (2019). *jamovi*. (Version 0.9) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.
- Toledo L. H. (2002). *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec
- Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. S. P. (2005). Socialização de gênero na adolescência. *Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.

- Trevelin, F., & Alves, C. F. (2018). Psicologia do esporte: revisão de literatura sobre as relações entre emoções e o desempenho do atleta. *Psicologia Revista*, 27, 545-562. doi: 10.23925/2594-3871.2018v27i3p545-562
- Verardi, C. E. L., Miyazaki, M. C. O. S., Nagamine, K. K., & Lobo, A. P. S. (2012). Esporte, stress e burnout. *Estudos de Psicologia*, 29(3), 305-313.
- Vieira, J. L. L. (1999). O processo do abandono de talentos do atletismo do Estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. 162f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria: Florianópolis.
- Vieira, L. F., Mizoguchi, M. V., Garcia Júnior, E., & Garcia, W. F. (2013). Estilos parentais e motivações em atletas jovens de futebol de campo. *Revista Pensar a Prática*, 16(1), 13-19. doi: 10.5216/rpp.v16i1.16539
- Vilani, L. H. P., & Samulski, D. M. (2002). Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In. E. S. Garcia, & K. L. M. Lemos (Eds), *Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes* (pp.09-26). Belo Horizonte: Health.
- Vissoci, J. R. N., Fiordelize, S. S., Oliveira, L. P., & Nascimento, J. R. A. (2013). A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(1), 145-156.
- Vorweg, L. (2019). Rehearsing(inter) disciplinarity: training, production practice and the 10,000 hour problem. In. Evans, M., Thomaidis, K., & Worth, L. (Eds.). *Time and Performer Training*. Routledge (pp. 166-171).
- Watt, S. K., & Moore, J. L. (2001). Who are student athletes? *New Directions for Student Services*, 93, 7-16.

- Weedon, G. (2011). 'Glocal boys': Exploring experiences of acculturation amongst migran youth footballers in premier league academies. *International Review for the Sociology of Sport*, 47, 200-216. doi: 10.1177/1012690211399221.
- Weinberg, R. S. & Gould, D. (2011). *Foundation of Sport and Exercise Psychology*. Champaign, IL: Human Kinetic.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.
- Werner E. E. & Smith, R. S. (1992). *Overcoming the odds: highrisk children from birth to adulthood*. Ithaca/London: Cornell University Press.
- White, J., Shepperd, S., Yudkin, P., Harnden, A., & Mant, D. (2004). Parents measuring pulses; an observational study. *Archives of Disease in Childhood*, 89(3), 274-275.
- Widaman, K. F. (2007). Common factor versus components: Principals and principles, errors and misconceptions In R. Cudeck, & R. C. MacCallum (Eds.), *Factor Analysis at 100: Historical Developments and Future Directions* (pp. 177 - 204). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wight, V. R., Price, J., Bianchi, S. M., & Hunt, B, R. (2009). The time use of teenagers. *Social Science Research*, 38(4), 792-809. doi: 10.1016/j.ssresearch.2009.05.009
- Winner, E. (2000). The origins and ends of giftedness. *American Psychologist*, 55, 159-169.
- Wylleman, P. & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: M.R. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise*

psychology: a lifespan perspective (pp.507-527). Morgantown: Fitness Information Technology.

Wyllemann, P., Alfermann, D. e Lavallee, D. (2004). Career transitions in sport: European perspectives. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 7-20.

Zanetti, M. C., Lavoura, T. N., & Machado, A. A. (2008). Motivação no esporte infante juvenil. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, 6, 438-447.

Zanini, D. S., Araújo, D. M., Campos, D. C., Faria, M. R. G. V., & Santos, Y. D. L. S. (2020). Exercícios Físicos e Esporte como Fator de Proteção ao Comportamento Suicida na Adolescência. In T. C. Nakano & E. M. Peixoto (Orgs.), *Psicologia Positiva Aplicada ao Esporte e ao Exercício Físico* (pp. 175-184). São Paulo: Vetor Editora.

ANEXOS

ANEXO 1: Elementos fundamentais e itens avaliados pelo instrumento

Instrumento: Escala de Avaliação Psicossocial de atletas em formação

ELEMENTO FUNDAMENTAL 1: COMPORTAMENTO FAMILIAR NO ESPORTE (n=24)	
Refere-se aos comportamentos apresentados pelos pais ou responsáveis em relação a participação do filho no esporte, comportamento que podem indicar o tipo de apoio e interesse por essa prática esportiva, o estilo de cobranças por resultados esportivos, apoio prestado durante o processo de reabilitação física ou afastamento do esporte e, por último, as ações empregadas em assuntos relacionados à carreira esportiva do adolescente.	
minha família demonstra interesse pela minha prática esportiva	gosto do jeito que minha família me cobra, para que eu alcance bons resultados esportivos
recebo suporte financeiro da minha família	minha família não se preocupa com os resultados que eu alcanço no esporte (positivos ou negativos)
tenho vontade de abandonar o esporte para ficar mais perto da minha família	minha família demonstra chateação quando eu não sou convocado para jogos
minha família me apoia mesmo que eu não esteja tendo bons resultados	minha família não me cobra por resultados
minha família, sempre que pode, vai aos jogos	minha família me cobra quando eu cometo algum erro no jogo
minha família participa das decisões que envolvem minha carreira profissional	minha família tem dificuldades em entender minha situação quando estou afastado por lesão
minha família me ajuda a planejar minha trajetória profissional no esporte	minha família me incentiva a cumprir as recomendações médicas quando estou lesionado
minha família não se envolve nas decisões da minha carreira profissional	minha família não demonstra preocupação comigo quando estou lesionado

ignoro a opinião da minha família ao que diz respeito a minha carreira profissional	minha família ajusta sua rotina para me dar suporte quando estou lesionado
minha família discute junto antes de tomar uma decisão importante	meus familiares me elogiam quando faço algo positivo na carreira
meus familiares me proporcionam conforto emocional	recebo, da minha família, o apoio que necessito
viver com a minha família é desagradável	meus familiares só demonstram interesse por mim quando podem ter vantagens

ELEMENTO FUNDAMENTAL 2: BEM-ESTAR PSICOLÓGICO (n=26)	
Reúne aspectos que podem indicar como o atleta está lidando psicologicamente com as situações vivenciadas no dia-a-dia de treinos e jogos. Essa área, discorre sobre as estratégias de enfrentamento apresentadas pelo atleta diante de situações adversas, a busca por solução de situações conflituosas, crenças positivas sobre seu futuro no esporte, comportamentos de autocobrança quanto ao seu rendimento esportivo e percepção de adaptação ao clube quanto aos vínculos estabelecidos, regras, entre outros.	
estabeleço minhas metas de treino e jogo e me esforço para alcançá-las	meu esforço irá me levar ao sucesso profissional
quando estou passando por um problema, prefiro que alguém resolva a situação por mim	minha habilidade técnica irá me destacar no esporte
diante de uma situação difícil no treino, sempre tento encontrar a melhor solução	no futuro, serei reconhecido profissionalmente
converso com a comissão técnica sobre meu desempenho esportivo	terei oportunidades profissionais melhores no futuro
peço informações à comissão técnica sobre meu desempenho esportivo	não consigo ver sucesso nessa profissão que escolhi
procuro me manter calmo quando estou passando por situações difíceis no	me sinto bem no clube que estou atualmente

esporte	
diante de um problema, procuro criar estratégias que podem me ajudar a resolvê-lo	tenho um bom relacionamento com as pessoas que convivo no clube
quando cometo erros durante os treinos e jogos, fico tranquilo porque sei que errar faz parte do processo	tenho dificuldade em me adaptar às regras do clube
fico irritado quando cometo erros nos treinos e jogos	gostaria de terminar minha formação esportiva nesse clube que estou atualmente
me cobro de forma exagerada por resultados	as regras do clube me ajudam a melhorar enquanto atleta
busco melhorar meus resultados esportivos	quando não alcanço o resultado que pretendo, fico chateado
me sinto desanimado profissionalmente	me sinto feliz profissionalmente
me sinto triste no esporte	me sinto animado no esporte

ELEMENTO FUNDAMENTAL 3: BEM-ESTAR FÍSICO (n=19)

Compreende algumas subáreas que se relacionam com a saúde física do atleta podendo impactar no rendimento esportivo. Desta forma, avalia a percepção do atleta quanto sua adaptação a metodologia de preparação física, sensação de esgotamento físico e recuperação (física) dos treinos e jogos, assim como, investiga a adaptação às refeições (alimentares) fornecidas pela instituição.

estou exausto fisicamente	consigo me “recuperar bem” entre as sessões de treinos
me sinto cansado a ponto de não conseguir fazer nada após o treino	consigo me recuperar rapidamente do cansaço físico do treino
mesmo cansado, não consigo ter um sono de qualidade	mesmo descansando após o treino, não consigo me recuperar do cansaço físico

sinto que estou em boa condição física	me sinto exausto com os tipos de treinos que são passados
me adaptei a alimentação fornecida pelo clube	as cargas de treinos são adequadas
estou satisfeito com o cardápio de refeições	após o período de descanso, consigo me sentir bem fisicamente para o próximo treino
a quantidade de refeições fornecida pelo clube é adequada	tenho dificuldades para entender o que é solicitado durante os treinos físicos
ainda não consegui me adaptar ao tipo de alimento oferecido nas refeições do clube	entendo o que é para ser feito nos treinos físicos
estou adaptado ao estilo de treino físico	gosto dos exercícios que são passados durante o aquecimento
tenho energia suficiente para o dia-a-dia	

ELEMENTO FUNDAMENTAL 4: ASPECTOS TÉCNICOS (n=20)	
Investiga a percepção do atleta em relação a alguns fatores que compreendem a percepção de competência (autoeficácia) e relação do atleta com o treinador da categoria nos seguintes quesitos: relacionamento interpessoal, estilo de cobrança e entendimento do conteúdo técnico/tático passado durante treino e jogo.	
consigo realizar minhas ações técnicas de forma satisfatória	fui bem recebido pelo treinador quando cheguei a equipe
estou satisfeito com meu rendimento atual	recebo informações regularmente, do treinador, sobre meu desempenho
não me vejo competente na função que exerço atualmente	tiro dúvidas técnicas e táticas com o treinador sempre que sinto necessidade

durante o jogo, consigo colocar em prática tudo que treinei	meu relacionamento com o treinador não é bom
percebo minha evolução técnica	o jeito do treinador não me agrada
estou satisfeito com a maneira que o treinador passa as orientações durante o treino	confio na metodologia de trabalho do treinador
os métodos de ensino que o treinador utiliza me ajudam a aprender coisas importantes sobre minha profissão	o treinador me corrige adequadamente quando erro
as orientações dadas pelo treinador são claras	sempre aprendo com as orientações do treinador
tenho dificuldade em entender o conteúdo tático que o treinador passa	quando o treinador me cobra resultados, procuro seguir o que ele pede
consigo entender as orientações que o treinador passa durante o jogo	não concordo com o estilo de cobrança do treinador porque é inadequado e sem fundamento

ELEMENTO FUNDAMENTAL 5: ASPECTOS GERAIS DA INSTITUIÇÃO ESPORTIVA (n=21)

Refere-se a três grandes aspectos, sendo eles: aos aspectos da estrutura física da instituição, cultura organizacional e compromisso social, todos importantes no processo de adaptação do atleta ao clube. Nesse sentido, aborda informações relacionadas a identificação do atleta com a cultura organizacional do clube (se o adolescente se ajustou as propostas de missão, visão e valores da instituição), assim como, percepção da estrutura do centro de treinamento, alojamento e compromisso social para com os atletas. Nesse último, o domínio avalia se o atleta considera seus direitos preservados enquanto atletas em formação.

concordo com o estilo de cobrança por resultados realizado pelo clube	a estrutura do alojamento me atende
a cama que eu durmo é confortável	a temperatura do quarto que eu durmo é confortável
me orgulho em fazer parte desse clube	a quantidade de atletas por quarto é

	adequada
a estratégia do clube para alcançar os resultados esportivos é adequada	a estrutura do alojamento não me atende
não me identifico com o clube	o alojamento é limpo
conheço os objetivos da equipe que eu faço parte	o clube me proporciona oportunidades de participar de atividades de lazer
a estrutura para treinos é adequada	tenho atendimento médico quando não me sinto bem de saúde
a estrutura do centro de treinamento me atende	o clube oferece oportunidades para que eu continue estudando
os equipamentos de musculação me atendem	tenho acesso a acompanhamento psicológico, caso eu necessite
as regras de convivência social são adequadas	visito minha família regularmente
mantenho contato regular com minha família	

ELEMENTO FUNDAMENTAL 6: REDE DE APOIO SOCIAL (n=22)	
Avalia os vínculos sociais formados pelos atletas no alojamento e na equipe, além de investigar a capacidade de manter a rede de apoio externa (conjugue, amigos etc.). Pode indicar a habilidade de socialização, e habilidade de lidar com as cobranças sociais realizadas por meio de pessoas e/ou mídias sociais.	
fui bem recebido pelos colegas da equipe	a convivência entre os atletas alojados é positiva
fiz amizade com meus colegas de equipe	fiz amizade com os colegas do alojamento
sempre que preciso, meus companheiros de equipe me ajudam	fui bem recebido pelos colegas do alojamento
tiro dúvidas com meus colegas de	não tenho amigos no alojamento

equipe	
tive dificuldades de me adaptar à equipe	sinto dificuldades de me enturmar com os colegas do alojamento
sinto dificuldades de me enturmar com meus companheiros de equipe	me preocupo com as expectativas dos torcedores quanto ao meu desempenho
preservo minhas amizades de fora do esporte	me preocupa as notícias que saem na mídia quanto ao meu desempenho
consigo ter contato regular com minha namorada / meu namorado	evito saber das notícias que saem na mídia sobre mim
consigo encontrar meus amigos no final de semana	não me importo com cobranças vindas de pessoas que não conheço
consigo encontrar meus amigos nos dias de folga	tenho medo que minha imagem profissional fique negativa caso meu rendimento seja ruim
tenho oportunidade para fazer atividades de lazer	estou satisfeito com o apoio que recebo dos meus amigos

ELEMENTO FUNDAMENTAL 7: PLANEJAMENTO DA CARREIRA PROFISSIONAL (n=26)

Se direciona para compreensão de fatores ou comportamentos que podem impactar na carreira profissional esportiva. Nesse aspecto, inclui-se os comportamentos apresentados pelo atleta diante das limitações e adversidades, o engajamento nos estudos, orientação financeira e comportamentos que podem estar associados ao sucesso profissional no esporte.

as incertezas do esporte me fazem pensar em desistir da carreira	consigo conciliar minha profissão esportiva com os estudos
estar longe da família me faz pensar em desistir da carreira	me esforço para cumprir a rotina dos estudos
as adversidades do dia-a-dia não atrapalham minha carreira	consigo dar conta de todas as atividades escolares

me incomoda não poder escolher o horário dos treinos	os estudos me ajudam a ser um atleta melhor
me incomoda não poder consumir bebidas alcoólicas	quero continuar estudando mesmo quando estiver na categoria adulta
nem sempre obedeço o plano alimentar	estudar não é importante para minha carreira profissional
o fato de não sair com meus amigos me faz pensar em parar com o esporte	não tenho interesse em estudar
invisto parte do meu salário em aplicações bancárias ou na compra de bens materiais	me esforço para continuar indo para a escola
aprendo coisas sobre educação financeira para usar no futuro	faço coisas que possam me levar ao sucesso profissional
não gasto dinheiro com coisas supérfluas	sigo as orientações que podem me ajudar a melhorar os aspectos técnicos
reservo parte do meu salário para o futuro	evito ter comportamentos que prejudicam minha carreira
não planejo meus gastos financeiros	estou sempre buscando aprender alguma coisa que agregue valor na profissão
desconsidero as críticas profissionais que recebo	não lido bem com críticas

RESUMO DOS ITENS POR ELEMENTO FUNDAMENTAL

1: Comportamento familiar no esporte	24
2: Bem-estar psicológico	26
3: Bem-estar físico	19
4: Aspectos Técnicos	20
5: Aspectos gerais da instituição esportiva	21

6: Rede de apoio social	22
7: Planejamento da carreira profissional	26
TOTAL	158

Anexo 2: Formulário - Juízes (Estudo 2)

ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO

GISELE SILVA & TATIANA DE CÁSSIA NAKANO

A seguir você encontrará uma série de afirmações que avaliam aspectos que podem influenciar na adaptação do atleta em formação em clubes de alto rendimento. As sete áreas (comportamento familiar no esporte, bem-estar psicológico, bem-estar físico, aspectos técnicos, aspectos gerais da instituição esportiva, rede de apoio social e planejamento de carreira profissional) estão caracterizadas por uma série de comportamentos específicos que buscam avaliar como o atleta se percebe em cada uma delas. Almeja-se que as informações obtidas por meio desse instrumento possam auxiliar o psicólogo esportivo a mapear se há necessidade de intervenção em uma ou mais áreas após o ingresso do adolescente ao clube.

O formulário aqui apresentado é composto por duas seções. Na primeira, você encontrará uma definição de cada área avaliada pelo instrumento, a qual poderá ser consultada para embasar seu julgamento.

Na segunda seção, você terá acesso aos itens da escala. Sua tarefa consiste em ler cada um dos itens (afirmativas) apresentados e avaliar qual das sete áreas, na sua opinião, aquela afirmação avalia. Você deve marcar um “x” na coluna correspondente à sua escolha.

Descrição das áreas de investigação

Elemento 1: Comportamento familiar no esporte

Refere-se aos comportamentos apresentados pelos pais ou responsáveis em relação a participação do filho no esporte, comportamento que podem indicar o tipo de apoio e interesse por essa prática esportiva, o estilo de cobranças por resultados esportivos, apoio prestado durante o processo de reabilitação física ou afastamento do esporte e, por último, as ações empregadas em assuntos relacionados à carreira esportiva do adolescente.

Elemento 2: Bem-estar psicológico

Reúne aspectos que podem indicar como o atleta está lidando psicologicamente com as situações vivenciadas no dia-a-dia de treinos e jogos. Essa área, discorre sobre as estratégias de enfrentamento apresentadas pelo atleta diante de situações adversas, a busca por solução de situações conflituosas, crenças positivas sobre seu futuro no esporte, comportamentos de autocobrança quanto ao seu rendimento esportivo e percepção de adaptação ao clube quanto aos vínculos estabelecidos, regras, entre outros.

Elemento 3: Bem-estar físico

Compreende algumas subáreas que se relacionam com a saúde física do atleta podendo impactar no rendimento esportivo. Desta forma, avalia a percepção do atleta quanto sua adaptação a metodologia de preparação física, sensação de esgotamento físico e recuperação (física) dos treinos e jogos, assim como, investiga a adaptação às refeições (alimentares) fornecidas pela instituição.

Elemento 4: Aspectos técnicos

Investigam a percepção do atleta em relação a alguns fatores que compreendem a percepção de competência (autoeficácia) e relação do atleta com o treinador da categoria nos seguintes quesitos: relacionamento interpessoal, estilo de cobrança e entendimento do conteúdo técnico/tático passado durante treino e jogo.

Elemento 5: Rede de apoio social

Avalia os vínculos sociais formados pelos atletas no alojamento e na equipe, além da investigar a capacidade de manter a rede de apoio externa (conjugue, amigos etc.). Pode indicar a habilidade de socialização, e habilidade de lidar com as cobranças sociais realizadas por meio de pessoas e/ou mídias sociais.

Elemento 6: Planejamento de carreira profissional

Se direciona para compreensão de fatores ou comportamentos que podem impactar na carreira profissional esportiva. Nesse aspecto, inclui-se os comportamentos apresentados pelo atleta diante das limitações e adversidades, o engajamento nos estudos, orientação financeira e comportamentos que podem estar associados ao sucesso profissional no esporte.

Elemento 7: Aspectos gerais da instituição esportiva

Refere-se a três grandes aspectos, sendo eles: aos aspectos da estrutura física da instituição, cultura organizacional e compromisso social, todos importantes no processo de adaptação do atleta ao clube. Nesse sentido, aborda informações relacionadas a identificação do atleta com a cultura organizacional do clube (se o adolescente se ajustou as propostas de missão, visão e valores da instituição), assim como, percepção da estrutura do centro de treinamento, alojamento e compromisso social para com os atletas. Nesse último, o domínio avalia se o atleta considera seus direitos preservados enquanto atletas em formação.

Itens da escala		F1 Comportamento familiar no esporte	F2 Bem-estar psicológico	F3 Bem-Estar físico	F4 Aspectos técnicos	F5 Aspectos gerais da instituição	F6 Rede de apoio social	F7 Planejamento da carreira profissional	Sugestões de ajustes
1	a cama que eu durmo é confortável								
2	a convivência entre os atletas alojados é positiva								
3	a estratégia do clube para alcançar os resultados esportivos é adequada								

Exemplo do Formulário enviado aos juízes

Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para juízes

(Estudo 2)

Prezado(a) Senhor(a) Avaliador(a),

Você está sendo convidado a participar de minha pesquisa de doutorado em Psicologia, desenvolvida na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano, cujo objetivo visa a construção de uma escala de avaliação psicossocial do processo de adaptação de atletas em formação no contexto de esporte de alto rendimento. Dentre os estudos que envolvem a busca por evidências de validade de conteúdo para os itens criados, a análise de juízes se mostra essencial. Portanto, gostaria de convidá-lo a participar dessa etapa.

O instrumento foi elaborado a partir de revisão de literatura acerca dos principais aspectos envolvidos no processo de formação de atletas participantes de modalidades de alta performance. A partir de tal análise, separou-se 7 grandes dimensões, sendo elas: comportamento familiar no esporte, bem-estar psicológico, bem-estar físico, aspectos técnicos, aspectos gerais da instituição esportiva, rede de apoio social e planejamento de carreira profissional.

Caso aceite participar, sua tarefa envolverá a análise do conteúdo dos itens, tomando como base as definições das sete dimensões. Você deverá ler cada frase, identificando, na sua opinião, qual dessas sete dimensões ela representa.

Sua participação é voluntária e não envolve nenhum pagamento ou bonificação. Ressalto que sua colaboração poderá ser interrompida a qualquer momento, sem que haja prejuízo pessoal ou profissional, mesmo que a atividade já tenha sido iniciada ou o consentimento tenha sido dado. Asseguro também, que seus dados pessoais, bem como as suas respostas serão mantidas em sigilo, podendo os resultados desse estudo, serem apresentados em eventos científicos e artigos, mantendo-se o anonimato dos participantes.

A participação nessa pesquisa envolve riscos mínimos relacionados à fadiga durante a execução da tarefa ou ainda à dificuldade na resposta a algum item específico. Caso experimente qualquer desconforto psicológico decorrente de sua participação, entre em contato imediatamente com a pesquisadora, que é psicóloga, a qual poderá oferecer um atendimento inicial e verificar se você pode ou não dar continuidade à tarefa, caso seja do seu interesse. Caso o desconforto se mantenha, a pesquisadora poderá realizar um encaminhamento para atendimento psicológico.

Os questionários respondidos pelos participantes serão mantidos em arquivo por um período de cinco anos, e sua destruição, será realizada ao final desse prazo.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a doutoranda Gisele Maria da Silva, pelo telefone (11) 99895.6908. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00.

Se concordar em colaborar em realizar a análise dos itens da Escala de Avaliação Psicossocial para atletas em formação, por favor, assine a ficha abaixo, elaborada em duas vias iguais. Uma delas deverá ser devolvida para a pesquisadora e a outra ficará em seu poder, para consulta se necessário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Gisele Maria da Silva

Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas

gimaria.silva@hotmail.com

Eu, _____, RG _____, declaro estar ciente dos termos da pesquisa descrita nesse documento. Aceito participar como juiz na análise dos itens e dou meu consentimento para que as informações prestadas por mim sejam utilizadas no estudo para construção da Escala de Avaliação Psicossocial para atletas em formação.

Data: ____/____/2020

Assinatura

Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais e Responsáveis (Estudo 3: Piloto)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

Prezados Pais/Responsáveis,

Venho, por meio desse documento, convidar seu filho a participar de uma pesquisa intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, que tem como objetivo verificar a percepção que jovens atletas, em processo de formação no esporte de alto rendimento, possuem sobre uma série de aspectos que podem influenciar sua prática esportiva. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano

A participação nessa fase da pesquisa envolve a resposta a uma série de frases que avaliam diferentes aspectos da prática esportiva e envolverá atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram na instituição entre 45 e 180 dias. Após a resposta aos itens, os participantes serão convidados a dizerem o que compreenderam ao ler cada frase, dar sua opinião sobre os itens, bem como apontarem palavras que desconhecem o significado.

A atividade será realizada no auditório da instituição, de forma coletiva, em dias e horários combinados previamente com o treinador, para evitar qualquer tipo de prejuízo ao calendário de treinos e jogos. A atividade tem duração estimada de 30 minutos. Por se tratar de uma atividade simples, essa pesquisa prevê riscos mínimos relacionados à fadiga durante a execução da tarefa ou ainda à dificuldade em responder algum item específico. Caso alguma dessas situações seja notada, o atleta poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Ressalte-se que a participação dos atletas é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso algum deles não queiram participar, podendo se retirar da pesquisa a qualquer momento, mesmo após ter sido iniciada a atividade. Como benefício pela participação na pesquisa, o atleta será convidado a participar de uma palestra sobre adaptação ao esporte de rendimento.

Somente poderão participar da pesquisa os atletas que devolverem esse documento assinado pelos pais ou responsáveis. Além da autorização citada, o atleta também deverá assinar o Termo de Assentimento, concordando com a participação. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será devolvida assinada para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os questionários respondidos pelos participantes serão mantidos em arquivo por um período de cinco anos, e sua destruição, será realizada ao final desse prazo. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salienta ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, caso solicite.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas-SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação do caráter ético do projeto.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puccampinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre a presente pesquisa, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, autorizo meu filho(a) ou menor sob minha responsabilidade a participar voluntariamente dela.

Nome do menor:

Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Assinatura do responsável:

Local e data:

**Anexo 5: Termo de Assentimento para Atletas Menores de 18 anos
(Estudo 3: Piloto)**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE
18 ANOS**

Prezado (a) atleta,

Venho, por meio desse documento, convidá-lo a participar de uma pesquisa intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, que tem como objetivo verificar a percepção que jovens atletas, em processo de formação no esporte de alto rendimento, possuem sobre uma série de aspectos que podem influenciar sua prática esportiva. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano

A participação na pesquisa envolve a resposta a uma série de frases que avaliam diferentes aspectos da prática esportiva e envolverá atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram na instituição entre 45 e 180 dias. Após a resposta aos itens, os participantes serão convidados a dizerem o que compreenderam ao ler cada frase, dar sua opinião sobre os itens, bem como apontarem palavras que desconhecem o significado.

A atividade será realizada no auditório da instituição, de forma coletiva, em dias e horários combinados previamente com o treinador, para evitar qualquer tipo de prejuízo ao calendário de treinos e jogos. A atividade tem duração estimada de 30 minutos. Por se tratar de uma atividade simples, essa pesquisa prevê riscos mínimos relacionados à fadiga durante a execução da tarefa ou ainda à dificuldade em responder algum item específico. Caso alguma dessas situações seja notada, você poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Ressalte-se que a sua participação é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso não queiram participar, podendo, inclusive, se retirar da pesquisa a qualquer momento, mesmo após ter sido iniciada a atividade. Como benefício pela participação na pesquisa, você será convidado a participar de uma palestra sobre adaptação ao esporte de rendimento.

Somente poderão participar da pesquisa os atletas cujos pais ou responsáveis tiverem devolvido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como este documento também assinado pelo próprio atleta. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será devolvida assinada para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os questionários respondidos pelos participantes serão mantidos em arquivo por um período de cinco anos, e sua destruição, será realizada ao final desse prazo. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salaria ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, caso solicite.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas-SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação do caráter ético do projeto.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puccampinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre a presente pesquisa, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, aceito participar voluntariamente dela.

Nome: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / _____ Série: _____

Assinatura: _____

Local e data: _____

**Anexo 6: Termo de consentimento livre e esclarecido para atletas maiores
de 18 anos (Estudo 3: Piloto)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PESQUISA
PARA ATLETAS MAIORES DE 18 ANOS**

Prezado(a) Atleta,

Venho, por meio desse documento, convidá-lo a participar de uma pesquisa intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, que tem como objetivo verificar a percepção que jovens atletas, em processo de formação no esporte de alto rendimento, possuem sobre uma série de aspectos que podem influenciar sua prática esportiva. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano

A participação na pesquisa envolve a resposta a uma série de frases que avaliam diferentes aspectos da prática esportiva e envolverá atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram na instituição entre 45 e 180 dias. Após a resposta aos itens, os participantes serão convidados a dizerem o que compreenderam ao ler cada frase, dar sua opinião sobre os itens, bem como apontarem palavras que desconhecem o significado.

A atividade será realizada no auditório da instituição, de forma coletiva, em dias e horários combinados previamente com o treinador, para evitar qualquer tipo de prejuízo ao calendário de treinos e jogos. A atividade tem duração estimada de 30 minutos. Por se tratar de uma atividade simples, essa pesquisa não prevê nenhum tipo de risco psicológico devido a participação, podendo acontecer fadiga na execução da atividade ou dificuldade em responder algum item. Caso alguma dessas situações seja notada, você poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Ressalte-se que a sua participação é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso não queira participar, podendo, inclusive, se retirar da pesquisa a qualquer momento, mesmo após ter sido iniciada a atividade. Como benefício pela participação na pesquisa, você será convidado a participar de uma palestra sobre adaptação ao esporte de rendimento.

Somente poderão participar da pesquisa os atletas que devolverem esse documento assinado para a pesquisadora. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será devolvida assinada para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salaria ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, caso solicite.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas-SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação do caráter ético do projeto.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puc Campinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre a presente pesquisa, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL PARA ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, concordo em participar voluntariamente da mesma.

Nome:

Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Assinatura:

Local e data:

Anexo 7: Carta de Autorização da Instituição

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Prezado Coordenador,

Venho solicitar sua autorização para realização de uma pesquisa nessa instituição, a qual Vossa Senhoria coordena, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano e tem, como objetivo, conhecer a percepção de jovens atletas, de diferentes modalidades, que estejam em formação no esporte de alto rendimento.

Os itens presentes na Escala visam a compreensão de sete grandes dimensões, sendo elas: comportamento familiar no esporte, bem-estar emocional, bem-estar físico, percepção dos aspectos técnicos, aspectos gerais da instituição esportiva, rede de apoio social e questões quanto ao planejamento de carreira profissional, o qual deverá ser aplicado em atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram recentemente na instituição (entre 45 e 180 dias). Aos participantes será solicitado que respondam as afirmativas que compõem a Escala, com duração estimada de trinta minutos. Posteriormente, parte dos participantes será selecionada aleatoriamente e convidada a responder, novamente a escala, cerca de 15 dias após a primeira resposta.

A atividade será realizada, de forma coletiva, no auditório da instituição com o grupo de atletas que atende aos critérios de participação da pesquisa. A aplicação será conduzida após prévio acordo de datas e horários, não havendo, portanto, nenhum prejuízo ao calendário de treinos e jogos dos atletas. Por se tratar de uma atividade simples, esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico, embora possam existir, ainda que mínimos, relacionados à fadiga na execução da atividade ou ainda na dificuldade em responder algum item específico. Caso alguma dessas situações seja notada, o atleta poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Caso concorde com a realização desta pesquisa, será também solicitado o consentimento dos pais ou responsáveis pelos esportistas, no caso de menores de 18 anos, bem como o assentimento dos próprios atletas, de acordo com os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis, anexados ao final desse documento. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será

devolvida assinada para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta. Somente participarão os atletas que devolverem o documento assinado.

Ressalte-se que a participação dos atletas é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso algum deles não queira participar, podendo ainda se retirar dela a qualquer momento, mesmo após a atividade já ter sido iniciada.

Os resultados dos participantes serão comparados, agrupados por modalidade esportiva, a fim de se verificar como ocorre o processo de adaptação dos atletas aos aspectos que podem interferir na saúde psicossocial desse grupo de profissionais em formação, e conseqüentemente, no rendimento esportivo. Como forma de agradecimento pela participação, os resultados do grupo serão analisados em relação a cada um dos aspectos avaliados pela Escala, podendo ser sugerida algum tipo de intervenção preventiva, a fim de agilizar o processo adaptativo, bem-estar psicológico e redução do risco de abandono da modalidade, caso alguma dificuldade mais acentuada seja notada no grupo.

Como benefício ao clube, pela autorização na pesquisa, a pesquisadora se compromete a realizar uma palestra na instituição sobre adaptação ao esporte de rendimento, além de realizar esclarecimentos sobre o tema antes, durante e depois da pesquisa, caso sejam solicitados, tanto pelos próprios participantes quanto por seus pais ou responsáveis.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salienta ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa.

Esperando contar com a sua colaboração, me coloco ao seu dispor para quaisquer dúvidas que necessitarem de esclarecimentos. Solicito também que assine esta folha de permissão de pesquisa.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puccampinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa intitulada "ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS", autorizo a execução da mesma na instituição pela qual sou responsável.

Nome da instituição:

CNPJ:

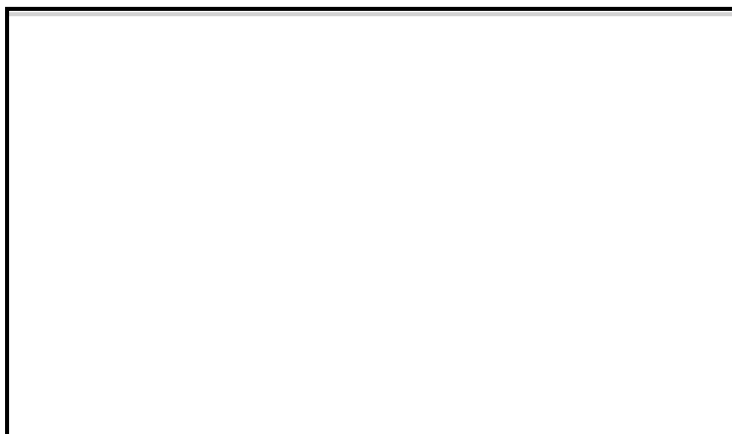
Endereço da instituição:

Cep: - **Telefone:**

Nome do responsável:

Cargo:

Local e data: São Paulo, ____ de ____ de 2019



Carimbo com CNPJ

Anexo 8: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis (Estudos 4 e 5)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

Prezados Pais/Responsáveis,

Venho, por meio desse documento, convidar seu filho a participar de uma pesquisa intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, que tem como objetivo verificar a percepção que jovens atletas, em processo de formação no esporte de alto rendimento, possuem sobre uma série de aspectos que podem influenciar sua prática esportiva. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano

A participação na pesquisa envolve a resposta a uma série de frases que avaliam diferentes aspectos da prática esportiva e envolverá atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram na instituição entre 45 e 180 dias. Posteriormente, parte dos participantes será selecionada aleatoriamente e convidada a responder, novamente a Escala, cerca de 15 dias após a primeira resposta.

A atividade será realizada no auditório da instituição, de forma coletiva, em dias e horários combinados previamente com o treinador, para evitar qualquer tipo de prejuízo ao calendário de treinos e jogos. A atividade tem duração estimada de 30 minutos. Por se tratar de uma atividade simples, essa pesquisa prevê riscos mínimos relacionados à fadiga durante a execução da tarefa ou ainda à dificuldade em responder algum item específico. Caso alguma dessas situações seja notada, o atleta poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Ressalte-se que a participação dos atletas é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso algum deles não queiram participar, podendo se retirar da pesquisa a qualquer momento, mesmo após ter sido iniciada a atividade. Como benefício pela participação na pesquisa, o atleta será convidado a participar de uma palestra sobre adaptação ao esporte de rendimento.

Somente poderão participar da pesquisa os atletas que devolverem esse documento assinado pelos pais ou responsáveis (no caso de menores de 18 anos). Além da sua autorização, o atleta também deverá assinar o Termo de Assentimento, concordando com a participação. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será devolvida assinada para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os questionários respondidos pelos participantes serão mantidos em arquivo por um período de cinco anos, e sua destruição, será realizada ao final desse prazo. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salienta ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, caso solicite.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas-SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação do caráter ético do projeto.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puccampinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre a presente pesquisa, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, autorizo meu filho(a) ou menor sob minha responsabilidade a participar voluntariamente dela.

Nome do menor:

Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Assinatura do responsável:

Local e data:

**Anexo 9: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para Menores de 18
anos (Estudos: 4 e 5)**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE
18 ANOS**

Prezado (a) atleta,

Venho, por meio desse documento, convidá-lo a participar de uma pesquisa intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, que tem como objetivo verificar a percepção que jovens atletas, em processo de formação no esporte de alto rendimento, possuem sobre uma série de aspectos que podem influenciar sua prática esportiva. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano

A participação na pesquisa envolve a resposta a uma série de frases que avaliam diferentes aspectos da prática esportiva e envolverá atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram na instituição entre 45 e 180 dias. Posteriormente, parte dos participantes será selecionada aleatoriamente e convidada a responder, novamente a Escala, cerca de 15 dias após a primeira resposta.

A atividade será realizada no auditório da instituição, de forma coletiva, em dias e horários combinados previamente com o treinador, para evitar qualquer tipo de prejuízo ao calendário de treinos e jogos. A atividade tem duração estimada de 30 minutos. Por se tratar de uma atividade simples, essa pesquisa não prevê nenhum tipo de risco psicológico devido a participação, podendo acontecer fadiga na execução da atividade ou dificuldade em responder algum item. Caso alguma dessas situações seja notada, você poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Ressalte-se que a sua participação é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso não queiram participar, podendo, inclusive, se retirar da pesquisa a qualquer momento, mesmo após ter sido iniciada a atividade. Como benefício pela participação na pesquisa, você será convidado a participar de uma palestra sobre adaptação ao esporte de rendimento.

Somente poderão participar da pesquisa os atletas cujos pais ou responsáveis tiverem devolvido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como este documento também assinado pelo próprio atleta. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será devolvida assinada para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salienta ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, caso solicite.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas-SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação do caráter ético do projeto.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puccampinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre a presente pesquisa, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, aceito participar voluntariamente dela.

Nome: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / _____ Série: _____

Assinatura: _____

Local e data: _____

**Anexo 10: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de
18 anos (Estudos: 4 e 5)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PESQUISA
PARA ATLETAS MAIORES DE 18 ANOS**

Prezado(a) Atleta,

Venho, por meio desse documento, convidá-lo a participar de uma pesquisa intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, que tem como objetivo verificar a percepção que jovens atletas, em processo de formação no esporte de alto rendimento, possuem sobre uma série de aspectos que podem influenciar sua prática esportiva. A pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Psicologia, na PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano

A participação na pesquisa envolve a resposta a uma série de frases que avaliam diferentes aspectos da prática esportiva e envolverá atletas com idades entre 14 e 20 anos que estejam em processo de adaptação no clube, ou seja, atletas que ingressaram na instituição entre 45 e 180 dias. Posteriormente, parte dos participantes será selecionada aleatoriamente e convidada a responder, novamente a escala, cerca de 15 dias após a primeira resposta.

A atividade será realizada no auditório da instituição, de forma coletiva, em dias e horários combinados previamente com o treinador, para evitar qualquer tipo de prejuízo ao calendário de treinos e jogos. A atividade tem duração estimada de 30 minutos. Por se tratar de uma atividade simples, essa pesquisa prevê riscos mínimos relacionados à fadiga durante a execução da tarefa ou ainda à dificuldade em responder algum item específico. Caso alguma dessas situações seja notada, você poderá interromper a atividade a qualquer momento, podendo retomá-la caso haja interesse. Entretanto, caso haja algum desconforto, a pesquisadora, que é psicóloga, poderá realizar um primeiro atendimento e, posteriormente, realizar o encaminhamento, se necessário.

Ressalte-se que a sua participação é voluntária, não existindo nenhuma penalidade caso não queira participar, podendo, inclusive, se retirar da pesquisa a qualquer momento, mesmo após ter sido iniciada a atividade. Como benefício pela participação na pesquisa, você será convidado a participar de uma palestra sobre adaptação ao esporte de rendimento.

Somente poderão participar da pesquisa os atletas que devolverem esse documento assinado para a pesquisadora. Reforça-se que tal documento será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo que uma será devolvida assinada

para a pesquisadora e, a outra, deverá ficar em poder do participante, para eventual consulta.

A pesquisadora compromete-se ainda a guardar o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como dessa instituição. Os questionários respondidos pelos participantes serão mantidos em arquivo por um período de cinco anos, e sua destruição, será realizada ao final desse prazo. Os dados poderão ser utilizados em futuras comunicações realizadas em congressos científicos, bem como publicados sob a forma de artigos científicos, sempre assegurando-se o sigilo e anonimato. Salienta ainda que a pesquisadora poderá ser contatada, através do telefone abaixo mencionado para esclarecer qualquer dúvida em relação a pesquisa, antes, durante e depois da pesquisa, caso solicite.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 – Campinas-SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação do caráter ético do projeto.

Gisele Maria da Silva
Discente do curso de Pós-Graduação da PUC-Campinas
E-mail: gisele.silva@puccampinas.edu.br
Telefone para contato: (11) 99895-6908

Após ter sido esclarecido sobre a presente pesquisa, intitulada “ESCALA DE AVALIAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ATLETAS EM FORMAÇÃO: CONSTRUÇÃO E QUALIDADES PSICOMETRICAS”, concordo em participar voluntariamente da mesma.

Nome:

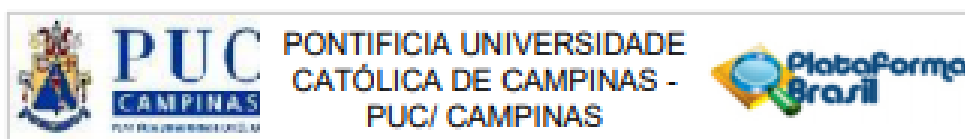
Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Assinatura:

Local e data:

ANEXO 13

PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Escala de Avaliação psicossocial para atletas em formação: construção e qualidades psicométricas

Pesquisador: Gisele Maria da Silva

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 23252919.2.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.805.924

Apresentação do Projeto:

No projeto de pesquisa para um doutorado em Psicologia, a pesquisadora discute o processo de ingresso de jovens atletas nas categorias de base de equipes esportivas. A justificativa do projeto contempla uma importante lacuna de pesquisa existente nas ciências dos esportes: a ausência de instrumentos psicológicos específicos para avaliar a adaptação desses atletas às modalidades esportivas de alto rendimento. Para sanar essa lacuna, propõe-se a aplicação de um questionário para esportistas com idades entre 14 e 20 anos cujo objetivo consiste em elaborar uma nova Escala de Avaliação Psicossocial para atletas. Com intuito de validar esse instrumento, a análise fatorial exploratória será aplicada para verificar a robustez dos parâmetros abrangidos pelo questionário (comportamento familiar diante do esporte, bem-estar psicológico, bem-estar físico, aspectos técnicos, estrutura do clube, rede de apoio social e carreira esportiva). Espera-se que a pesquisa possa, futuramente, beneficiar atletas, que terão um diagnóstico mais preciso e adequado, e treinadores, que poderão elaborar planos de intervenção preventivos e mais eficazes dada a maior precisão dos resultados que serão obtidos.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral do projeto consiste em desenvolver uma Escala de Avaliação Psicossocial para atletas em processo de formação no esporte de alto rendimento (14 a 20 anos), específica para uso no contexto esportivo e investigação de suas qualidades psicométricas.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-071
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 3.005.004

A pesquisa também apresenta cinco objetivos específicos:

- Construção da Escala de Avaliação Psicossocial para atletas em processo de formação no esporte de alto rendimento
- Investigação de sua adequação e aplicabilidade por meio da condução de estudo de evidências de validade de construto e estudo piloto
- Condução de estudo de investigação de evidências de validade baseadas na estrutura interna
- Investigação da influência das variáveis gênero, modalidade esportiva e condição de alojamento ou não nos resultados da Escala.
- Estimativa da precisão do instrumento

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a pesquisadora, os riscos decorrentes da pesquisa estão relacionados à fadiga durante a realização do questionário ou ainda à dificuldade na resposta a algum item específico. Caso alguma dessas situações ocorra, a interrupção da participação poderá ser requerida pelo participante.

Segundo a pesquisadora, a contribuição científica do projeto reside no desenvolvimento de uma nova escala de investigação de qualidades psicométricas que possa, eventualmente, auxiliar esportistas, que terão um diagnóstico mais preciso e adequado, e treinadores, que poderão adotar práticas mais eficazes para favorecer a adaptação dos atletas sob seu comando

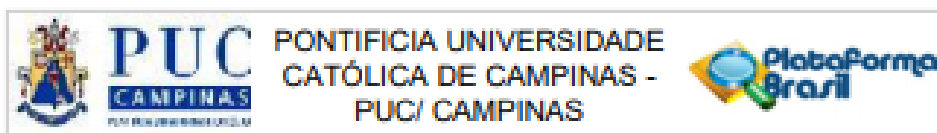
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto aborda uma lacuna de pesquisa relevante e os riscos de participação são pequenos. Destaca-se a qualidade da revisão bibliográfica a respeito de diversos temas associados à psicologia do esporte e a experiência da pesquisadora nesta área. Ademais, a metodologia descrita pela autora é condizente com os objetivos gerais e específicos do projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os TCLEs foram elaborados com linguagem clara e acessível. A pesquisadora se compromete a assegurar: i) o sigilo de identidade dos participantes, ii) o direito à interrupção do procedimento; iii) a assistência em caso de desconforto psicológico. Os Termos informam o contato telefônico da pesquisadora e do CEP PUC- Campinas. A pesquisadora também garante a guarda por cinco anos dos resultados dos testes e a destruição do material ao final deste prazo.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 3.885.634

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências relacionadas ao cronograma do projeto que foram apontadas nos pareceres anteriores do CEP PUC-Campinas foram atendidas pela pesquisadora. Diante disso, recomenda-se a aprovação do projeto

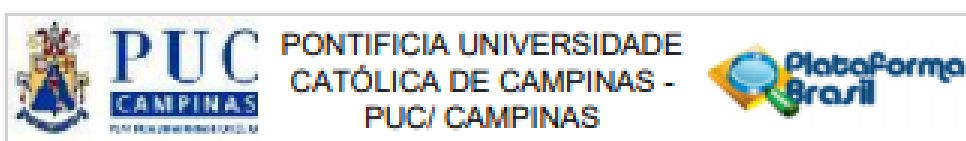
Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado**. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_1409580.pdf	05/01/2020 09:40:45		Aceito
Outros	resposta_ao_parecer.pdf	05/01/2020 09:39:41	Gisele Maria da Silva	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	05/01/2020 09:37:13	Gisele Maria da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoJ_TCLE18anos.pdf	12/11/2019 14:36:15	Gisele Maria da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoH_TCLEpaisouresponsaveis.pdf	12/11/2019 14:35:59	Gisele Maria da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoE_TCLE18anos.pdf	12/11/2019 14:35:07	Gisele Maria da Silva	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbin, 1516
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cláudia CEP: 13.067-871
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 3.825.934

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoD_TCLEpaísesresponsaveis.pdf	12/11/2019 14:34:45	Gisele Maria da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoC_TCLEjuizes.pdf	12/11/2019 14:34:14	Gisele Maria da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Gisele_Silva.pdf	01/10/2019 16:17:08	Gisele Maria da Silva	Aceito
Orçamento	Custos.pdf	20/08/2019 12:00:39	Gisele Maria da Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Comite3.pdf	20/08/2019 11:50:21	Gisele Maria da Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Comite2.pdf	20/08/2019 11:50:05	Gisele Maria da Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Comite1.pdf	20/08/2019 11:49:45	Gisele Maria da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Sumario.pdf	19/08/2019 15:54:42	Gisele Maria da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	CapaeContraCapa.pdf	19/08/2019 15:53:12	Gisele Maria da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TeseCompleta.pdf	19/08/2019 15:50:35	Gisele Maria da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 22 de Janeiro de 2020

Assinado por:
Mário Edvin Greters
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedetica@puc-campinas.edu.br

Página 21 de 24